FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.815 SEGUNDA-FEIRA, 1º DE NOVEMBRO DE 2021 R$ 5,00

G20 expõe Bolsonaro isolado e sem diálogo com potências

Presidente deixa Roma ignorado por líderes globais durante encontro das maiores economias

O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), encerrou no domingo (31) sua participação no G20 —grupo das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia— sem nenhuma reunião bilateral com líderes globais em sua agenda nem integração social com eles.

O evento expôs o isolamento do brasileiro, relata **Ana Estela de Souza Pinto**, enviada a Roma. Ele foi ignorado pelo premiê italiano, Mario Draghi, que não lhe estendeu a mão, e esteve fora das rodas de conversas dos líderes das principais potências globais.

O único registro de interação do brasileiro foi um diálogo com o autocrata turco Recep Tayyip Erdogan. Em cerca de dois minutos, Bolsonaro deu ao colega informações falsas sobre a pandemia, a economia brasileira e sua popularidade e criticou a Petrobras e a imprensa.

Na Itália, o presidente da República preferiu usar o tempo para sair pelas portas do fundo da embaixada brasileira e caminhar pelas ruas da capital italiana. Ele foi saudado por apoiadores cantando o Hino Nacional e acenando com balões amarelos e bandeiras do Brasil.

Bolsonaro viu o Vaticano do lado de fora, em passeios com ministros. Em trajetos por Roma, foi chamado de "genocida" por manifestantes contrários. Mundo A9

Jornalistas são agredidos durante caminhada do presidente Mundo A9

COP26 cria momento decisivo para crise do clima

A urgência para conter o aquecimento global em até 2ºC deve predominar nas próximas duas semanas na COP26, realizada em Glasgow (Escócia), a partir desta segunda (1º).

A 26ª edição da Conferência da ONU sobre mudanças climáticas é considerada a mais importante depois do Acordo de Paris em 2015, por representar última chance para viabilizar a meta. Ambiente B1

ENTREVISTA DA 2ª
George Monbiot

Presidente do Brasil é ameaça à vida na Terra

O ativista e escritor britânico George Monbiot descreve Jair Bolsonaro como uma ameaça global pelo fracasso em proteger a Amazônia e o cerrado. "Contra crise climática, é preciso mudar a democracia," afirma. A12

Novo Auxílio Brasil foi orçado sem dados claros

O Ministério da Economia tomou decisões sobre o Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família, com base em dados incertos, sem confirmação da pasta da Cidadania, responsável pelo programa.

Documentos obtidos pela **Folha** mostram que faltavam números para decisão de aumentar o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) para custear parte do auxílio. Mercado A13

Andreas Solaro/AFP

BRASILEIRO FICA FORA DA FOTO DO G20, EM ROMA

Principais líderes mundiais jogam moeda na Fontana di Trevi durante passeio organizado pelo premiê italiano, Mario Draghi, sem a presença de Bolsonaro

Polícia de MG mata 25 contra 'novo cangaço'

Operação conjunta da Polícia Militar de Minas Gerais e Polícia Rodoviária Federal neste domingo (31) resultou na morte de 25 pessoas. O grupo era suspeito de planejar roubos a bancos em Varginha, no sul do estado. A quadrilha usava tática conhecida por "novo cangaço". Cotidiano B2

Desmoronamento em uma gruta no interior de SP deixa nove mortos

Cotidiano B3

Joel Silva/Fotoarena/Agência O Globo

Socorristas chegam para resgatar soterrados em Altinópolis

Ministros levam de parentes a pastor em voos da FAB

Ministros do governo Jair Bolsonaro levam de parentes a pastor e lobistas em voos oficiais com aeronaves da FAB, mostram dados obtidos via Lei de Acesso à Informação referentes a viagens feitas desde janeiro de 2019. Decreto de 2020 abre margem às caronas. Poder A8

Nome Lava Jato desaparece de operações no PR

Após desgastes na imagem pública e reações do Congresso e da Justiça, a Lava Jato oculta o seu nome em operações. Pela primeira vez em sete anos, as autoridades do Paraná deflagraram mandados ligados ao esquema de corrupção na Petrobras sem usar "fase" nem "Lava Jato". Poder A4

Velha guarda do MDB aposta em memes e linguagem TikTok

Poder A6

Ana Cristina Rosa

Amanhã é dia dos 607 mil mortos da Covid-19 no Brasil

Opinião A2

A pandemia em 31.out Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	74,7%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	54,9%
Dose de reforço	4,0%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel: 311 ↓ -4,3%*

Em 24 h: 96

Total: 607.860

Casos ↑ +18,9%* (desacelerado)

*Variação em relação a 14 dias

ATMOSFERA

São Paulo hoje

23° 16°

0h 6h 12h 18h 24h

EDITORIAIS A2

Pequenos em risco

Sobre mortes e estupros de crianças e adolescentes.

Censores da língua

Acerca de veto a linguagem neutra na área cultural.

ISSN 1414-5723
9 771414 572025 33815

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*) e Marcelo Machado Gonçalves (*financeiro*)

Marília Marz

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Pequenos em risco

Estatísticas sobre mortes e estupros de crianças e jovens indicam sistema de proteção falho

Henry Borel, 4, morreu em março deste ano, num crime que chocou o país e levou ao banco dos réus seu padrasto, Jairo Souza Santos Júnior, e sua mãe, Monique Medeiros. Peritos apontam que o menino foi vítima de agressões dentro de casa.

Assim como Henry, 35 mil crianças e adolescentes perderam a vida de forma violenta entre 2016 e 2020, segundo levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), com dados extraídos de boletins de ocorrência policial.

O estudo indica que a maioria das crianças mortas no Brasil encontra em casa seus agressores. Quando os mais velhos são as vítimas, cresce a proporção de mortos nas ruas e pelas forças policiais.

É também no ambiente doméstico que muitos são atingidos por outro tipo de violência, a sexual. Entre 2017 e 2020, foram 179 mil estupros de meninos e meninas de até 19 anos, conforme o estudo.

No ano passado, casos em que a vítima do estupro era uma criança com 13 anos de idade ou menos representaram 60% de todos os episódios reportados às autoridades.

O isolamento social e o fechamento das escolas durante a pandemia de Covid-19 podem ter agravado os riscos para os pequenos, ao afastá-los de suas comunidades e outros vínculos familiares que poderiam lhes oferecer proteção.

A violência doméstica contra as mães em geral é concomitante às agressões sofridas pelos filhos, o que torna ainda mais crucial o cumprimento de medidas de caráter preventivo como as previstas pela Lei Maria da Penha.

Entre crianças e adolescentes mais velhos, vislumbra-se também um padrão que segue aquele dos adultos assassinados no Brasil: são na maioria meninos e negros.

Imersos no caldeirão de violência de bairros controlados por facções e milícias, sujeitos a incursões igualmente brutais de forças policiais, muitas vezes acabam atingidos por armas de fogo dos dois lados.

Não importa se as vítimas estavam envolvidas com traficantes de drogas ou outros infratores. A legislação brasileira não imputa crimes a crianças e adolescentes —manda acolher e proteger.

Em seu conjunto, os estudos sugerem que é deficiente o sistema criado pelo país para manter crianças e jovens a salvo da violência.

Parentes, vizinhos e professores, em geral capazes de observar sinais de que algo vai mal com os pequenos em casa, compartilham o dever comunitário de zelar por quem não pode proteger a si próprio.

Cabe a conselhos tutelares, polícias, promotores e juízes a tarefa de aprimorar a capacidade de prevenir e investigar suspeitas, com as cautelas necessárias para minorar o sofrimento dos sobreviventes.

Censores da língua

Governo Bolsonaro agride liberdade de expressão ao vetar linguagem neutra em projetos culturais

O incontrolável furor autoritário do governo Jair Bolsonaro perpetrou mais um ataque à liberdade de expressão no terreno da cultura, área tratada de maneira hostil pelos apoiadores do presidente desde a campanha eleitoral.

Na semana passada, o secretário de Fomento e Incentivo à Cultura, André Porciuncula, publicou portaria na qual veta o uso da chamada linguagem neutra em projetos financiados com os incentivos fiscais regulados pela Lei Rouanet.

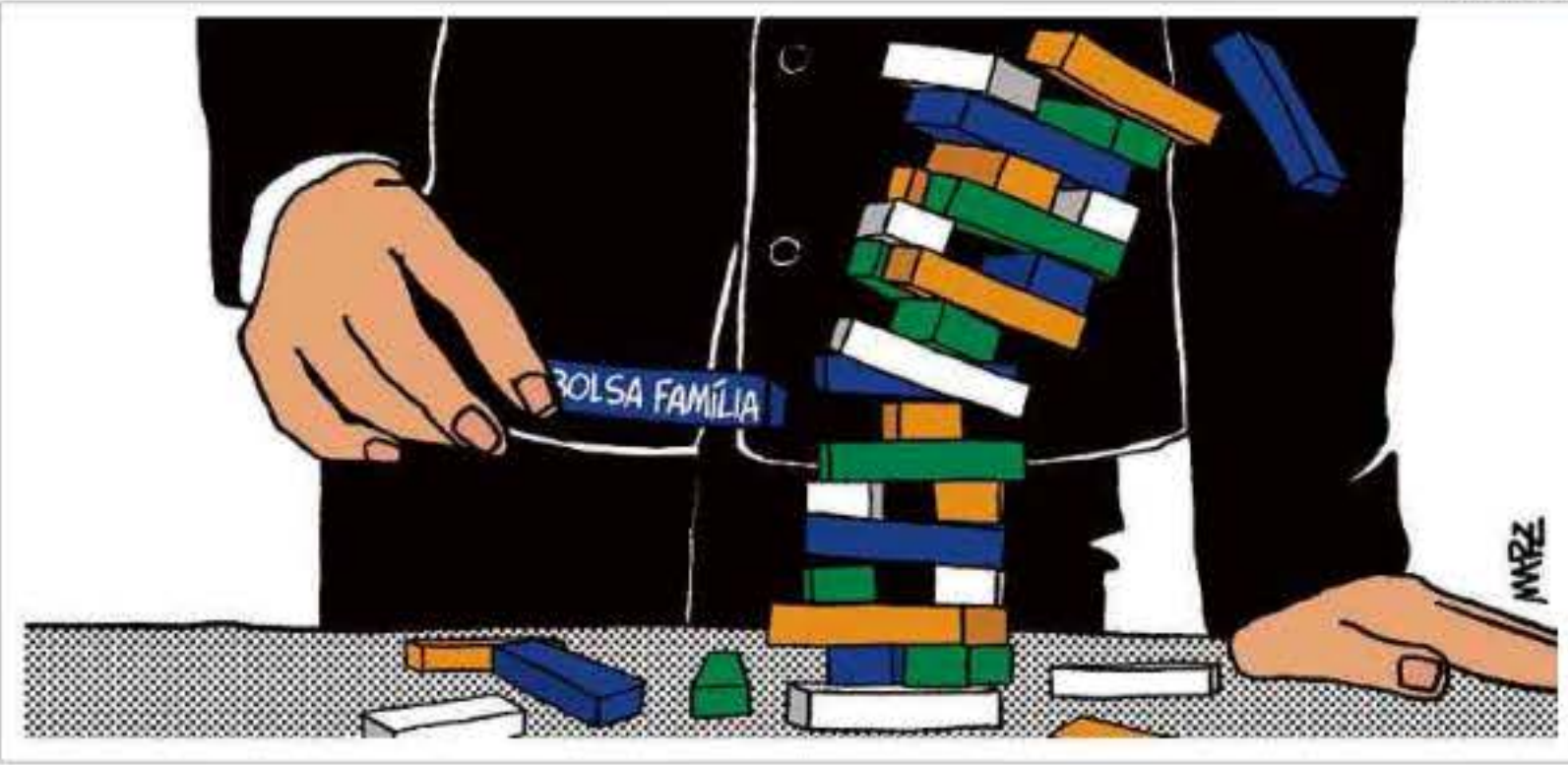
Como se sabe, desenvolveram-se nos últimos anos em vários países fórmulas para substantivos, adjetivos e pronomes que contemplem pessoas não binárias, que não se identificam com os gêneros masculino e feminino. Tais expressões, inicialmente restritas a poucos círculos, vêm ganhando espaço crescente na mídia e em produções culturais.

Controversa, a estratégia da linguagem neutra desperta acalorado debate entre os que a veem como uma espécie de agressão ao vernáculo e os que consideram a língua como organismo vivo e dinâmico, que não deve ser impermeável a novas circunstâncias e demandas sociais.

Os argumentos de Porciuncula para embasar sua decisão beiram o grotesco: "Entendemos que a linguagem neutra (que não é linguagem) está destruindo os materiais linguísticos necessários para a manutenção e difusão da cultura. E submeter a língua a um processo artificial de modificação ideológica é um crime cultural de primeira grandeza", disse ele numa rede social.

Capitão da Polícia Militar da Bahia e braço direito do secretário da Cultura, Mario Frias, ele contou com o respaldo do chefe, para quem a linguagem neutra "é mera destruição ideológica" da língua.

A pantomima dos inspetores culturais bolsonaristas mereceu também o apoio do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, que parabenizou Frias pela decisão. "A famigerada linguagem neutra é imposição ideológica de uma minoria doutrinada e arrogante, inimiga da cultura e da inteligência", declarou.

Cada um tem direito de achar o que quiser sobre o uso do novo vocabulário, e o debate sobre o assunto vem se travando em âmbito internacional. Nada, porém, justifica proibir a utilização de tais expressões na produção cultural. A portaria de Frias e Porciuncula constitui flagrante agressão à liberdade de expressão e precisa ser revogada.

Homofobia ou opinião?

Catarina Rochamonte

A DC Comics, seguindo a tendência de tolerância comportamental de seus consumidores, anunciou um Superman gay. Parte da sociedade adorou a novidade; outra parte não gostou. O jogador de vôlei Maurício Souza não curtiu a inovação e expressou em rede social sua desaprovação. Sua opinião foi considerada homofobia e ele passou a ser alvo da intolerância dos que reivindicam tolerância.

A sua postagem —que não continha insulto, agressão nem incitava à violência contra ninguém— custou-lhe o afastamento do seu time, a declaração de que seria persona non grata na seleção brasileira, ofensas proferidas por apresentadores de programas esportivos e uma ação penal pública aberta por um grupo de parlamentares, que também oficiaram o Facebook pelo ocorrido.

Foi uma cadeia de reações desproporcionais. Por mais que suas convicções sejam reacionárias, ele tem direito de expressá-las. Subir a hashtag "homofobia não é opinião, é crime" não resolve nada porque o problema está na delimitação do que é homofobia. A imprecisão conceitual e a carga político-ideológica desse termo faz com que a criminalização de condutas que configurem tal coisa deixe a sociedade refém de uma hermenêutica jurídica bastante controversa.

O ofício que deputados encaminharam ao Facebook anexou, além da referência ao super-herói bissexual, algumas publicações anteriores do jogador: uma na qual problematiza o tipo de banheiro adequado a pessoas trans e outra na qual critica a possibilidade do uso de linguagem neutra em uma novela. O jogador também criticou a presença de um homem biológico no time feminino de determinada modalidade desportiva. Ora, trata-se de questões polêmicas, cujo debate não pode ser interditado sob o pretexto de que problematizá-las é ser homofóbico.

A campanha de cancelamento contra o jogador rendeu-lhe 1,5 milhões de seguidores no Instagram, o que prova que a intolerância da direita reacionária e da esquerda identitária se retroalimentam.

Amanhã é dia dos mortos

Ana Cristina Rosa

"Amanhã que é dia dos mortos/ Vai ao cemitério/ Vai/ E procura entre as sepulturas/ A sepultura de meu pai/ Leva três rosas bem bonitas/ Ajoelha e reza uma oração/ Não pelo pai, mas pelo filho:/ O filho tem mais precisão/ O que resta de mim na vida/ É a amargura do que sofri/ Pois nada quero, nada espero/ Em verdade estou morto ali."

Os versos do "Poema de Finados", de Manuel Bandeira, têm mais de meio século, porém são de uma atualidade que reflete a trágica realidade que se instalou em mais de meio milhão de lares de brasileiros que viram seus afetos, vítimas da Covid-19, morrer nos últimos meses.

Não se tem clareza do impacto social das mais de 608 mil vidas perdidas no país, muitas delas em decorrência da negligência no trato da crise sanitária, segundo os indícios. Mas já se sabe que uma geração de órfãos crescerá sob o estigma do luto.

Estudo publicado pela revista científica Lancet apontou que entre março de 2020 e abril deste ano, pelo menos 130 mil crianças e adolescentes de até 17 anos perderam algum dos pais ou responsáveis no Brasil. Considerando que a Covid afeta de maneira mais letal as pessoas negras, é possível inferir que a maioria desses órfãos seja preta e parda.

Independentemente da cor da pele, como diz o poema, tratam-se de "filhos com muita precisão". Não só de oração, mas de ação, pois estão carentes de atitudes que possam contribuir efetivamente com seu desenvolvimento humano.

Além deles, milhares de mães, pais, avós, companheiros, sobrinhos, netos, amigos choram a perda de seus entes para um vírus que pode ser controlado com medidas como vacinação em massa e uso de máscara. Mas a negação e a mentira adubaram terreno já fértil para a morte.

Revolta saber que a falta de ar que asfixiou milhares foi causada por um joelho imaginário que impediu a respiração sem precisar tocar no pescoço de ninguém. O luto é doído, sofrido, intenso. Restam o amor, a saudade e a crença na ciência, em memória e em respeito aos que partiram.

A morte cedo demais

Ruy Castro

O mundo se comoveu com a tragédia da cineasta ucraniana Halyna Hutchins, morta pelo disparo de uma arma que se supunha cenográfica, no dia 21 último, durante as filmagens de um western. Halyna tinha 42 anos. Ainda estava começando, mas já se falava de seu domínio de diversas disciplinas do cinema: era diretora de fotografia, operadora de câmera e criadora de uma surpreendente luz pessoal. Atuava também como produtora, e seu destino, para todos brilhante, seria a direção. A morte cortou esse destino e Halyna se juntou à galeria de artistas que não souberam o que o futuro lhes reservava.

A escritora inglesa Jane Austen, por exemplo, morreu em 1817, aos 41 anos, sem sequer imaginar que seria tão famosa no século 21 quanto uma cantora pop. O carioca Manuel Antonio de Almeida, que morreu aos 30, em 1864, nunca acreditaria que seu livro "Memórias de um Sargento de Milícias", escrito quando ele tinha 20, se tornaria um dos pilares da literatura brasileira. E Franz Kafka, morto em 1924, aos 40, nem em sonho adivinharia que não apenas sua obra mas seu próprio nome definiria tanta coisa em nosso tempo.

O guitarrista Charlie Christian e o contrabaixista Jimmy Blanton, superjazzistas americanos, e o cantor brasileiro Vassourinha morreram todos de tuberculose e no mesmo ano de 1942, aos respectivamente 25, 23 e 19 anos. Será que acreditariam se lhes dissessem que, no futuro, eles seriam referências em seus estilos? Newton Mendonça, parceiro de Tom Jobim em "Desafinado" e "Samba de uma Nota Só", morreu em 1960 aos 33 —um ano antes de a bossa nova, que ele ajudara a criar, tomar o mundo.

E James Dean, que morreu em 1955 aos 24, Marilyn Monroe, em 1962, aos 36, e Leila Diniz, em 1972, aos 27? Nunca lhes passou pela cabeça o que James Dean, Marilyn Monroe e Leila Diniz representariam até hoje.

Não há uma data certa para morrer, claro. Mas alguns poderiam ter esperado mais um pouco.

Kingmakers

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O presidente português, Marcelo Rebelo, acaba de anunciar novas eleições após o Parlamento rejeitar o Orçamento para 2022 apresentado pelo primeiro-ministro António Costa, do Partido Socialista (PS). Costa está no poder desde 2015, quando o PS obteve 32,3% das cadeiras —e seu rival do PSD, 38,5%—, mas logrou montar a chamada "geringonça", o pacto formal com o Partido Comunista Português (PCP, com 8%) e o Bloco de Esquerda (BE, com 10%).

Quatro anos mais tarde, o PS ganhou 10 cadeiras, enquanto o PCP perdeu 5 (agora tem 4% do total); mas não alcançou maioria. A "geringonça" não foi renovada formalmente, mas houve acordo informal sinalizando que os dois partidos não obstruiriam o governo. Durou 24 meses.

Kingmakers, no jargão, são atores que exercem papel decisivo no processo de formação de governos pela posição estratégica que ocupam. Sob o parlamentarismo multipartidário, eles são partidos pequenos (ou até minúsculos) cuja adesão a coalizões viabilizam a formação de maiorias legislativas e, consequentemente, de gabinetes —ou a derrocada deles. Na Alemanha, o Partido Verde está substituindo o FDP neste papel.

A saída da coalizão por PCP e BE é contraintuitiva para quem assume que partidos são apenas máquinas de extração de rendas. Na realidade, a participação no governo lhes custou cadeiras. O pomo da discórdia foi o Orçamento: os parceiros à esquerda do PS exigiam um valor elevado para o salário mínimo e gastos sociais. Como já discuti neste espaço, não existem emendas parlamentares ao Orçamento na maioria dos países parlamentaristas e sua aprovação equivale a uma moção de censura.

Entre nós, muitos atores vêm se referindo a Arthur Lira como uma espécie de kingmaker: ele tem papel crucial não na seleção do governo, mas na sobrevivência dele. Quer pelo escudo legislativo, quer por controlar a agenda e ser gatekeeper do impeachment. As emendas orçamentárias cumprem papel central nesse processo.

O presidente nem sequer tem partido: eles importam pouco no processo de seleção do chefe do Executivo, que pode ser um outsider. Eles importam muito no processo governativo, mas alguns instrumentos de construção de maiorias foram transferidos ao Legislativo por omissão e vulnerabilidade do presidente. As emendas de relator e o controle de Lira sobre R$ 18 bi. Com 7,4% das cadeiras da Câmara, seu partido comanda uma maioria gelatinosa. Não se trata do jogo tradicional da barganha parlamentar; o processo é opaco e sem controle.

Os partidos comandam recursos bilionários do fundo partidário e eleitoral —não há nada remotamente parecido em nenhuma democracia—, garantindo-lhes maior autonomia vis-à-vis do Executivo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Brasil e EUA devem agir de forma decisiva na COP26

Países estão posicionados de maneira única para fazer a diferença juntos

Douglas Koneff
Encarregado de negócios da Embaixada e Consulados dos EUA no Brasil

Começou no domingo (31) a COP26, em Glasgow, onde muitas das melhores mentes de todo o mundo farão parte de um esforço histórico para proteger nosso planeta e seu povo dos efeitos do aquecimento global.

Como nações democráticas poderosas e influentes, com forte compromisso com a preservação do meio ambiente, EUA e Brasil devem agir de forma decisiva na COP26 e além dela. Nossos dois países, com décadas de parceria e engajamento ambiental com governo, sociedade civil, setor privado, grupos indígenas e outros, estão posicionados de forma única para fazer a diferença juntos.

A instabilidade climática, visível em todo o mundo, está nos levando a buscar soluções criativas que protejam a Terra, os ecossistemas dos quais dependemos e nosso povo. A proteção do meio ambiente anda lado a lado com o desenvolvimento de economias fortes, sustentáveis e inovadoras. Especialistas no mundo todo concordam que alcançar as emissões "net zero" (neutralidade de carbono) pode ser a maior oportunidade de econômica de nossas vidas.

Economias "net zero" irão acelerar a recuperação econômica, criar empregos e dar origem a indústrias totalmente novas. A Agência Internacional de Energia estima que alcançar as metas de energia limpa irá mobilizar US$ 4 trilhões por ano entre o momento presente e 2030.

Isso significa novas oportunidades de parceria entre nossas duas potências econômicas e empresas do setor privado, muitas das quais estão na vanguarda do desenvolvimento de energia limpa, reciclagem de água, redução de emissões e aumento das ambições climáticas.

O objetivo da COP26 de manter o aquecimento global abaixo de 1,5°C é crucial e engloba muito mais do que o controle de temperaturas.

Agindo juntos, podemos evitar secas e enchentes, que prejudicam a produção de alimentos e energia, reduzem nossa renda, inundam nossas comunidades e deixam nossas crianças famintas. Conseguiremos proteger nossa saúde contra a fumaça da queima do carvão e de incêndios florestais que reduz nossa qualidade de vida e limita nossa produtividade. Conseguiremos também cuidar dos nossos sistemas hídricos e climáticos, que sustentam comunidades e sistemas de produção. Se cada nação vier preparada para fazer sua parte, a COP26 pode ser um momento decisivo para colocar o mundo no rumo certo.

Como lar de 60% da Amazônia, além de outros grandes biomas, o Brasil tem sido destaque nas questões ambientais ao longo das décadas — e a COP26 é uma oportunidade de renovar sua liderança climática. A proteção da biodiversidade e das florestas tropicais têm vínculos diretos com as metas de redução de emissões do país. Os EUA estão orgulhosos de fazer parte desse esforço por meio de projetos, como a Plataforma Parceiros pela Amazônia (PPA), uma ação coletiva de empresas privadas, como Natura, Ambev, Cargill, Alcoa e outras, que acelerou mais de 30 startups amazônicas, desenvolveu comunidades locais e ajudou a conservar o meio ambiente em que vivem. Na medida em que os planos climáticos do Brasil continuarem a se solidificar, os EUA seguirão apoiando como um parceiro de boa-fé.

> [...]
> Como lar de 60% da Amazônia, o Brasil tem sido destaque nas questões ambientais ao longo das décadas — e a COP26 é uma oportunidade de renovar sua liderança climática. (...) Na medida em que os planos climáticos do Brasil continuarem a se solidificar, os EUA seguirão apoiando como um parceiro de boa-fé

Os EUA estão tomando medidas efetivas em casa, reunindo outros países para fazer mais, e irão anunciar novas iniciativas e parcerias em Glasgow. Uma delas serão lançamento formal do Global Methane Pledge, uma iniciativa conjunta com a União Europeia, que busca reduzir o aquecimento em pelo menos 0,2°C até 2050. Vamos nos concentrar no desenvolvimento de soluções tecnológicas, protegendo florestas e oceanos, e fortalecendo os esforços de adaptação. Nosso compromisso com a ação climática não terminará com a COP26. O presidente Joe Biden vai trabalhar com o Congresso dos EUA para quadruplicar o financiamento público climático internacional do país em reconhecimento à escala do desafio, comprometendo-se a usar o Fórum das Principais Economias como uma plataforma para impulsionar ações mais concretas.

A crise climática pode parecer avassaladora, mas escolhemos agir, e isso vai nos ajudar a alcançar resultados que não apenas garantem nosso futuro, mas o abrilhanta.

Novas universidades: o que a Folha não disse

Comunidades universitárias lutam há anos por autonomia financeira

Marcos Fábio Belo Matos
Vice-reitor da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), é jornalista e professor dos Cursos de Jornalismo e Pedagogia do CCSST (Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia)

A reportagem "MEC prepara projeto para criar cinco universidades em redutos do centrão" (24/10), publicada na **Folha**, peca em abrangência e consistência. A reportagem traz dados, estatísticas e extratos de vozes que, ao fim e ao cabo, tentam afirmar que todos os projetos de criação de novas universidades e institutos federais são fruto apenas da negociação política entre governo e centrão. Mas faltou à **Folha** dizer algumas coisas. Coisas que ou não sabia ou não quis dizer. E por isso construiu uma verdade canhestra.

Faltou à **Folha** dizer que nem todos os dirigentes de Ifes (Institutos Federais de Ensino Superior) são contrários à criação de universidades. O jornal fez questão de trazer as falas dos reitores que não apoiam a criação das universidades. Mas deixou de fora o fato de que, por exemplo, a UFMA aprovou no dia 24 de setembro de 2020, no seu Conselho Superior, uma "Moção de Apoio à Criação de uma Nova Universidade Federal do Maranhão". Bastava pesquisar.

Também faltou ao jornal destacar que, em muitos desses atos de criação de novas universidades e institutos, está embutida uma luta de muitos anos das comunidades universitárias pela busca de autonomia — principalmente financeira. No caso do Maranhão, a luta pela criação de uma nova universidade remonta a 1996 e já teve ao menos quatro tentativas: Ufpam, Univat, Ufmasul e, agora, Ufama. Não é, portanto, uma luta nova nem tampouco vinculada apenas a vontades políticas. Lutando por ela, atualmente, existe um movimento chamado Nova Federal Maranhão e o esforço do senador Roberto Rocha (PSDB-MA).

Faltou igualmente ao jornal explicar que esses projetos de universidade não criam cursos novos, mas já nascem, muitos deles, com uma estrutura consolidada. É o caso do projeto da Ufama, que vai herdar da UFMA sua estrutura de móveis, imóveis e pessoal, além de 15 cursos de graduação, 5 de mestrado e 1 de doutorado.

> [...]
> Faltou ao jornal explicar que esses projetos de universidade não criam cursos novos, mas já nascem, muitos deles, com uma estrutura consolidada. É o caso do projeto da Ufama, que vai herdar da UFMA sua estrutura de móveis, imóveis e pessoal, além de 15 cursos de graduação, 5 de mestrado e 1 de doutorado

O jornal cita o caso da UFDPar, recém-desmembrada da UFPI e que fica em Parnaíba (PI), para, por meio de declaração do reitor da UFPI, dizer que o processo de desmembramento deixou pontos negativos. Mas talvez fosse mais efetivo ouvir os reitores das universidades recém-desmembradas para saber o que eles pensam desse desmembramento; ou ainda para verificar, com a própria comunidade, como estão essas universidades depois da divisão.

Há ainda muitas outras questões que talvez valesse a pena abordar, como o ganho para as regiões onde essas universidades e institutos vão se instalar; a potencialidade que elas têm para gerar, no médio e longo prazo, novos cursos; a dificuldade que muitos desses campi sentem em viver isolados; o aporte de pesquisas que vão gerar etc.

A **Folha** deveria ter ouvido quem realmente está vinculado à questão do desmembramento para colher, no caso do jornalismo (sobretudo aquele feito como reportagem), o melhor retrato, a melhor "verdade dos fatos". Mas isso, infelizmente, não aconteceu. E a consequência é que a matéria acaba por forjar uma verdade desfocada.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Charge em alusão à distribuição de dividendos para acionistas da Petrobras

João Garcia

Acionistas e cidadão comum

"ICMS sobre combustíveis será congelado por 90 dias (Mercado, 30/10). Enquanto isso os dividendos e o preço da gasolina batem recordes. O país virou uma grande empresa, na qual só membros do conselho de acionistas têm direito a voto e o cidadão comum paga a conta.

João Garcia (São Paulo, SP)

Petrobras

Sim, a Petrobras é um problema a ser pensado. Um verdadeiro país dentro do Brasil. Mas Bolsonaro é um problema bem maior e não tem competência para administrar coisa nenhuma. Por que não te calas, Bolsonaro?. Basta de envergonhar a todos nós.

Maria Antonia Di Felippo (São Caetano do Sul, SP)

*

O ministro diz que daqui a alguns anos a Petrobras não valerá mais nada por conta da mudança da matriz energética. O presidente fala que a Petrobras é um problema. Querem privatizar. São péssimos administradores e péssimos vendedores. Desse jeito o Brasil vai parar no mercado de pulgas.

Enir Antonio Carradore (Criciúma, SC)

Pressa?

Que lindo, comovente e necessário o texto de Hermano Vianna ("Correria frenética para quê?", Ilustrada Ilustríssima, 31/10)! Precisamos enterrar dignamente todos os nossos mortos — pela Covid ou não —, velando por suas memórias. Chorei. Obrigada!

Flávia Aidar (São Paulo, SP)

Fugas

"Verás que um filho teu não foge à luta". Mas verás um presidente que foge de assuntos importantes ao país, foge de debates, de entrevistas e da conferência mundial sobre mudança climática.

Wagner Fernandes Guardia (São Vicente, SP)

Desemprego

"Desemprego dobra e inflação para os pobres dispara 40%" (Mercado, 31/10). E aí, Jair? Estamos aguardando os seus comentários apelativos: "E daí? Sou Messias, mas não faço milagres. Não sou economista. Lasquem-se vocês e essa imprensa comunista". Esse coiso é o fim da picada.

Carlos Alberto Bellozi (Belo Horizonte, MG)

Tragédia

Em sua coluna "Bolsonaro gargalha" (Cotidiano, 30/10), Luís Francisco Carvalho Filho conclui que "mais alarmante que as mentiras proferidas por Bolsonaro é o torpor político dos que as aceitam como verdades". Esse contingente de entorpecidos beira a espantosos 30%, o que sugere que a tragédia bolsonarista pode se repetir no ano que vem.

Jonas Nunes dos Santos (Juiz de Fora, MG)

Enganos e sucessos

A quem o ministro das Relações Exteriores pensa que engana com seu artigo "Brasil vai à COP26 empenhado no sucesso" (Tendências / Debates, 31/10)? Que sucesso? Só se for o de país mais desacreditado deste planeta.

Maria José Alves da Rocha, professora sênior do Departamento de Psicologia da USP (Ribeirão Preto, SP)

Lá fora

Enquanto aqui muitos o apoiam e comungam dos seus mesmos ideais fascistas, outros toleram e normatizam suas atitudes, possuindo uma condescendência jamais vista com seu egocentrismo perverso e sem limites. Mas no exterior, Bolsonaro é isolado, repudiado, ninguém quer dele se aproximar. Além da fama, conversar o quê? A não ser que queiram escutar besteiras e ouvir piadinhas misóginas e preconceituosas de cunho sexual.

Anete Araújo Guedes (Belo Horizonte, MG)

"Semelhante atrai semelhante", lei da física ("Petrobras é um problema', diz Bolsonaro a Erdogan no G20", Mundo). Com tantos líderes para trocar impressões, Bolsonaro foi procurar Erdogan! E destilando mentiras e fazendo o antimarketing da Petrobras! Consegue ser pior lá fora do que aqui dentro. Precisa ser desestimulado a sair do Brasil. O país agradece.

Jane Medeiros (Rio de Janeiro, RJ)

*

Como brasileiro, sinto vergonha alheia. O presidente, independentemente de gostarmos ou não dele, foi eleito constitucionalmente. E é aquela história, pela qual as pessoas procuram os seus iguais para ficarem juntas. Mas tudo indica que o líder turco tem um QI bem mais avantajado que o do nosso. E deve então olhar o dito Messias como um bobo da corte. Por educação, ele perguntou algo que já sabia. Nem queria muito papo.

Rubens Sousa (São Paulo, SP)

Pinheiros, São Paulo

Descolado da cultura e da história do bairro de Pinheiros é o projeto de exploração imobiliária das incorporadoras: estão tornando o bairro inóspito ("Como Pinheiros virou eixo de espigões e lugares descolados", Guia, 29/10).

Maria Luisa Sandoval Schmidt (São Paulo, SP)

Fica

Pô, deixem a mulher ficar ("Artista sul-africana luta para não ser expulsa do Brasil após cumprir pena", Mundo, 31/10). É um exemplo de superação. Precisamos desse tipo de pessoa.

Roberto Prado (Santos, SP)

*

A permanência e posterior naturalização deveria ser permitida, inclusive para provar e demonstrar que a ressocialização é possível. Seria um ótimo exemplo para outros que se envolveram com ilícitos: é possível trilhar outra vida após o cumprimento de pena.

Rubens Sousa (São Paulo, SP)

Sem vacina...

Perfeita decisão ("Prefeitura de SP demite três funcionários que se recusaram a tomar vacina contra Covid", Saúde, 30/10). Uma pessoa não vacinada não pode colocar em riscos os demais colegas de trabalho. A vacina é proteção individual e respeito ao próximo.

Neli de Faria (São Paulo, SP)

O galo e a ignorância

"Homem é acusado de matar vizinho que reclamava de galo cantando 'Bolsonaro'" (30/10, Cotidiano). Esse ódio vem lá daquele que só vive e se alimenta de crises, rixas e outros aspectos negativos.

José Eduardo Campos (São Paulo, SP)

poder

PAINEL | **Camila Mattoso**
painel@grupofolha.com.br

Keynes no original

Paulo Guedes (Economia) continua na mira de colegas na Esplanada, mesmo após ter cedido aos apelos de Jair Bolsonaro para propor um drible ao teto de gastos e chegar ao valor de R$ 400 de Auxílio Brasil. Ao Painel, auxiliares descrevem o ministro como reativo em reuniões, pouco parceiro, alguém sem nenhuma liturgia e que se acha melhor do que os outros. Ainda assim, integrantes do governo afirmam que a chance de Guedes ser demitido pelo presidente é zero.

QUEIXAS O ministro foi criticado por pares pelo teor da entrevista em que disse que integrantes da "ala política" sondaram nomes para substituí-lo. Também por ter chamado Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) de burro, como revelou o Painel. Como a coluna escreveu, líderes do centrão dizem que ele se mantém no cargo por falta de plano B.

FEIO Políticos repudiaram às agressões a jornalistas durante visita de Bolsonaro a Roma, neste domingo (31). O presidente não deu atenção aos acontecimentos, seguiu olhando fixamente para a frente, como relatou a Folha.

EXEMPLO "Bolsonaro estimula agressões a jornalistas dentro e fora do Brasil. Indesejado aqui e desprezado lá. Um verdadeiro pária. Ninguém quer ficar perto", disse João Doria (PSDB-SP) ao Painel.

MEIA PALAVRA "Nada mais me surpreende em relação à postura desse governo. Respeito a pessoas e à imprensa é premissa de respeito às liberdades. Para bom entendedor...", afirmou Gilberto Kassab, presidente do PSD.

TEATRO A lista de assinaturas de membros da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) para suposta pressão pela sabatina de André Mendonça, indicado ao Supremo Tribunal Federal, nunca chegou ao presidente da comissão, Davi Alcolumbre (DEM-AP).

GAVETA A coleta de assinaturas foi uma iniciativa do líder do governo no Senado, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), em 14 de outubro. Ele juntou assinaturas de 16 dos 27 membros titulares da CCJ e enviou à Secretaria Geral, onde se encontra o documento até o momento.

APARÊNCIAS O gesto foi lido como um teatro. O ex-ministro de Bolsonaro foi indicado em julho a uma cadeira no STF, mas segue até hoje sem ter sido sabatinado por decisão de Alcolumbre, que faz intensa campanha para derrotá-lo.

ESPALHA Embora ainda não tenha sido definido, o futuro partido do presidente Jair Bolsonaro divide parlamentares que o apoiam e pode fazer com que nem todos caminhem para uma mesma sigla. O mandatário está entre PP e PL, principalmente. Por questões regionais, porém, seus aliados se dividem na defesa de um ou de outro.

MEU UMBIGO O ministro Onyx Lorenzoni (Trabalho), deputado licenciado pelo DEM do Rio Grande do Sul, por exemplo, tem dito que prefere o PL. Outros, embora digam que vão seguir o destino de Bolsonaro, têm preferência por uma terceira sigla.

PASSE LIVRE "Eu sigo o presidente para onde for, mas, caso ele libere, para mim o PSC é a melhor posição", afirmou ao Painel o deputado federal Bibo Nunes (PSL-RS).

SEGURA Depois de passar em concurso da Polícia Rodoviária Federal no ano passado, Silmara Miranda, que ficou conhecida nacionalmente como "loira do Tchan", do grupo de axé É o Tchan, tem tido ascensão veloz na corporação.

VAI, VAI Com menos de um ano de casa, Silmara foi promovida a posto de chefia na Comunicação Social da PRF.

VAI, VAI, VAI Colegas dela apontam que as funções de chefia são ocupadas por pessoas que já estão há algum tempo no órgão. Dizem ainda que servidores costumam ficar anos em locais distantes antes de conseguirem vagas melhores. Silmara foi aprovada para trabalhar no Amazonas, mas está em Brasília.

CENÁRIO Pesquisa feita pela Defensoria Pública da União mostra que a quantidade de representantes do órgão nos estados é 47% menor que a de promotores e procuradores de Justiça e 62% menor que a do número de juízes.

COFRE A DPU também aponta forte disparidade no orçamento dos órgãos da Justiça.

TIROTEIO

> Outrora oitava economia do mundo, quinta geografia do planeta. Hoje, somos pária internacional. Que triste.

De Randolfe Rodrigues (Rede-AP), senador, sobre o isolamento do presidente Jair Bolsonaro em Roma, durante o G20

com Guilherme Seto e Julia Chaib

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 742,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 935,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.180,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.269,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.581,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

Outdoor em Maringá (PR) a favor da Lava Jato Divulgação/Médicos contra a corrupção

Sob desgaste, Lava Jato agora oculta seu nome em fases da operação

Pela 1ª vez em sete anos PF e Ministério Público no PR cumprem mandados ligados a escândalo na Petrobras sem mencionar caso

José Marques e Felipe Bächtold

SÃO PAULO Após uma série de desgastes na imagem pública, do desmonte das forças-tarefas e de reações do Congresso e da Justiça, a Lava Jato agora oculta o seu nome das operações.

Pela primeira vez em mais de sete anos, as autoridades do Paraná deflagraram na última semana mandados de busca e apreensão ligados ao esquema de corrupção na Petrobras, mas não a chamaram nem de "fase" nem de "Lava Jato".

"A Polícia Federal deflagrou, na manhã desta quinta-feira (21/10), a Operação Laissez Faire, Laissez Passer. Cerca de 10 policiais federais cumprem em Niterói/RJ dois mandados de busca e apreensão expedidos pela 13ª Vara da Justiça Federal em Curitiba/PR no bojo do complexo de investigações que apuram crimes contra a Petrobras", disse a nota de divulgação da PF à imprensa.

Os documentos da operação, porém, mencionam claramente que a Laissez Faire, Laissez Passer é a "OP. LJ. 82". Ou seja, a 82ª fase da Operação Lava Jato. Já os documentos do Ministério Público Federal apontaram que quem trabalhava naquele caso era o "grupo de trabalho Lava Jato".

A Procuradoria no Paraná atribui a nova nomenclatura a critérios de ligação com o núcleo originalmente alvo da operação — diferenciação que não existia anteriormente.

"O nome Operação Lava Jato continua a ser colocado quando a investigação é desdobramento do caso originário. Nas operações mais recentes, tem se evitado usar o antigo nome tendo em vista que o caso agora está sendo trabalhado por cinco ofícios [o equivalente a vara], sendo um deles o do procurador natural no Paraná."

Desde março de 2014, já foram deflagradas 81 fases da Lava Jato — sendo apenas outras 3 em 2021, em janeiro, fevereiro e junho.

A ação deflagrada no último dia 21 envolve elos antigos da Lava Jato, como negócios da Diretoria de Abastecimento da Petrobras e a delação da Galvão Engenharia. Os mandados foram autorizados pelo sucessor de Sergio Moro na vara federal responsável pelo caso, o juiz Luiz Antônio Bonat.

Um dos alvos de busca e apreensão foi o atual diretor de Relacionamentos Governamentais do Flamengo, Aleksander dos Santos. As suspeitas partiram de um delator da Galvão.

O acordo de colaboração diz que ele procurou Aleksander para intermediar pagamentos de propina em troca de destravar interesses em contratos que a empreiteira tinha com a Petrobras.

Esse pagamento, segundo ele, foi feito também a uma assessora do então deputado José Otávio Germano (PP-RS), hoje prefeito de Cachoeira do Sul, a 200 km de Porto Alegre.

Procurada pela reportagem, a defesa de Aleksander disse que ele não praticou nenhum ato ilegal e as buscas não eram necessárias. Germano não se manifestou.

A prática de ocultar a marca Lava Jato, hoje frequente alvo de críticas no Congresso e no Supremo Tribunal Federal, difere frontalmente do que aconteceu durante o auge das investigações.

À época, o nome foi usado também em desdobramentos da operação em outras jurisdições além do Paraná, como em operações deflagradas por ordem do Supremo em decorrência de provas obtidas em Curitiba.

> **O nome Operação Lava Jato continua a ser colocado quando a investigação é desdobramento do caso originário. Nas operações mais recentes, tem se evitado usar o antigo nome tendo em vista que o caso agora está sendo trabalhado por cinco ofícios [o equivalente a vara], sendo um deles o do procurador natural no Paraná**
>
> **Ministério Público Federal no Paraná** ao explicar o motivo de ocultar nome da Lava Jato

Além do Paraná, foram montadas forças-tarefas no Rio de Janeiro e em São Paulo, que acabaram extintas na gestão do atual procurador-geral da República, Augusto Aras, crítico da operação.

Naquela época, o coordenador da Lava Jato no Paraná, Deltan Dallagnol, costumava brincar em palestras que o objetivo da operação era "superar o número de fases do Candy Crush Saga".

No ano passado, a Polícia Federal classificou um desdobramento relacionado a suspeitas na Justiça Eleitoral de Lava Jato Eleitoral.

A operação já estava desgastada, e o rótulo desagradou membros do Ministério Público de São Paulo — a acusação ficou sob responsabilidade dos promotores de Justiça, funcionários estaduais.

Além da questão do nome, outra mudança significativa na operação deflagrada no Paraná recentemente ocorreu em relação à divulgação dos trabalhos realizados.

As denúncias (acusações formais escritas pelos procuradores) não são mais tornadas públicas assim que protocoladas na Justiça, como costumava ocorrer.

A transparência quase total do conteúdo produzido na investigação se tornou uma das marcas da Lava Jato no Paraná, e a comunicação era tratada como um pilar para o sucesso da operação.

Agora, novas regras fizeram o procedimento ser revisto.

Segundo a Procuradoria no Paraná, a decisão decorre da criação da Lei de Abuso de Autoridade, sancionada em 2019, e da Lei Geral de Proteção de Dados.

Continua na pág. A6

Sob desgaste, Lava Jato agora oculta seu nome em fases da operação

Continuação da pág. A4

"Além disso, precedentes disciplinares criaram um ambiente de incerteza e insegurança jurídica acerca da publicidade e da comunicação dos atos institucionais."

No Rio de Janeiro, membros da antiga força-tarefa local da Lava Jato estão sendo processados no CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público) por suposta violação de sigilo na divulgação de denúncia em março.

As mudanças na Lava Jato no Paraná também ocorrem em um momento de ampla renovação dos quadros da operação no Ministério Público Federal.

Em fevereiro deste ano, com a extinção da antiga força-tarefa paranaense, a equipe foi completamente reconfigurada. Antes, a investigação contava com 13 procuradores dedicados exclusivamente a ela.

Procuradores que atuavam na Lava Jato foram realocados em um Gaeco (Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado), time especializado que não se dedica apenas à Lava Jato.

Em maio, morreu o procurador Alessandro Oliveira, que havia sucedido Deltan na coordenação da Lava Lato. Em agosto, houve mais mudanças, como reforço de quatro procuradores de outros estados que ficarão por um período de um ano com casos da operação.

Além do ocaso da investigação, persiste sobre a operação a revisão de antigas decisões.

Nos últimos dois meses, duas das mais rumorosas sentenças da época de Sergio Moro foram anuladas: a que condenou o ex-deputado Eduardo Cunha (MDB-RJ), em 2017, e outra relativa ao pecuarista José Carlos Bumlai, amigo do ex-presidente Lula, de 2016.

Nos dois casos, houve entendimento de que cabe à Justiça Eleitoral avaliar as acusações, e não à Vara Federal de Curitiba.

O primeiro caso foi por ordem do Supremo, o segundo por decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Em abril, o plenário do Supremo confirmou decisão do ministro Edson Fachin que anulou duas condenações contra Lula por entender que os casos não eram de atribuição da Vara Federal de Curitiba. Quatro ações penais foram enviadas para a Justiça Federal no Distrito Federal.

Posteriormente, em junho, o tribunal também confirmou decisão da Segunda Turma da corte de declarar Moro suspeito em sua atuação nos casos do petista. Provas obtidas sob ordens do ex-juiz foram anuladas.

No último mês, o Congresso também começou a discutir a possibilidade de aumentar a influência política no CNMP, sob o argumento de que eventuais abusos da Lava Jato não foram punidos.

Enquanto o assunto era discutido na Câmara dos Deputados, o conselho decidiu aplicar pela de demissão ao ex-integrante da Lava Jato paranaense Diogo Castor de Mattos por ter financiado um outdoor em homenagem à operação.

No outro dia, foi aberto procedimento administrativo disciplinar contra os integrantes da antiga força-tarefa do Rio.

Por 8 votos a 4, os conselheiros decidiram instaurar o procedimento aberto a pedido dos ex-ministros Romero Jucá, Edison Lobão e seu filho Márcio Lobão, acusados pelo grupo de procuradores.

A punição foi interpretada por parlamentares como uma resposta do conselho às críticas de que o órgão é corporativista e hesita em penalizar membros da carreira.

A recomendação do corregedor do CNMP é pela demissão dos procuradores. A pena só será definida ao final da investigação, caso o conselho entenda que houve, de fato, alguma infração funcional.

Procurada, a PF no Paraná não se manifestou.

Principais derrotas da Lava Jato

PRISÃO SÓ COM TRÂNSITO EM JULGADO
Por 6 votos a 5, em 2019, o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que uma pessoa só pode começar a cumprir pena após o trânsito em julgado do processo (quando não cabem mais recursos, e a ação é finalizada). Desde 2016, a corte considerava que um condenado podia ser preso (salvo as outras hipóteses de prisão cautelar previstas na lei) após sentença em segunda instância

DELATORES VERSUS DELATADOS
Em outubro de 2019, o Supremo decidiu que, em um processo com réus delatores e delatados, os delatados têm o direito de falar por último — em termos técnicos, devem oferecer suas alegações finais depois dos réus delatores. Esse foi o mesmo entendimento da Segunda Turma do tribunal em julgamento de agosto que anulou pela primeira vez uma condenação do ex-juiz Sergio Moro no âmbito da Lava Jato

CRIME ELEITORAL E CRIME COMUM
Em março de 2019, o Supremo decidiu que crimes comuns, como corrupção e lavagem de dinheiro, quando associados a crimes eleitorais, como caixa dois, devem ser julgados pela Justiça Eleitoral. O resultado foi uma derrota para os procuradores da Lava Jato, que defendiam a separação do processo (a parte referente a crimes eleitorais caberia à Justiça Eleitoral e o restante seria julgado pela Justiça comum)

FUNDO ANTICORRUPÇÃO
Também em 2019, o ministro Alexandre de Moraes suspendeu, a pedido da Procuradoria-Geral, o acordo que previa a criação de uma fundação com parte dos R$ 2,5 bilhões recuperados da Petrobras, pagos graças a um acordo da estatal com o governo americano. A ideia inicial da força-tarefa era que a entidade de direito privado, a ser criada em processo coordenado pela Procuradoria em Curitiba, financiasse projetos anticorrupção

CASO TELEGRAM
A série de reportagens do site The Intercept Brasil e de outros veículos, como a **Folha**, em 2019, mostrou proximidade entre Sergio Moro e o procurador Deltan Dallagnol em medidas da investigação, o que despertou críticas de ministros do Supremo e até de políticos que costumavam defender a operação

FIM DAS FORÇAS-TAREFAS
As forças-tarefas da Lava Jato, consideradas essenciais para o sucesso da operação, não foram renovadas pelo procurador-geral da República, Augusto Aras. No Paraná e no Rio, as investigações sobre crimes de colarinho branco que estavam sob a responsabilidade das forças-tarefas foram absorvidas por Gaecos (grupos de atuação de combate ao crime organizado), estruturas de investigação permanentes. Em São Paulo, foram redistribuídas

Romero Jucá, Michel Temer e Roseana Sarney em seus perfis nas redes sociais Reprodução

Velha guarda do MDB se arrisca em memes e linguagem TikTok

Fora de cargos e visando 2022, caciques do partido tentam se reinventar na rede

João Pedro Pitombo

SALVADOR Michel Temer deixa o jeito sisudo de lado e surge fazendo piadas sobre mesóclises e sobre os poemas que escreveu. Um Romero Jucá sem bigode posa para uma foto com bonecos da saga Star Wars. Roseana Sarney mostra seus dotes culinários, toca violão e participa de desafios inspirados no TikTok.

A velha guarda do MDB está de cara nova nas redes sociais. Depois de frequentarem o epicentro da operação Lava Jato e amargarem derrotas nas urnas, caciques do partido trabalham para suavizar suas imagens públicas. Parte deles deve disputar novos mandatos em 2022.

O ex-presidente Michel Temer, que em um não distante 2015 mandava cartas físicas a então presidente Dilma Rousseff (PT) com expressões em latim, lançou em julho uma nova estratégia com um vídeo no qual diz que vai ser mais ativo em suas redes e convida os seus seguidores a interagirem.

No primeiro vídeo, contudo, recorre a uma gíria dos primórdios das salas de bate pato da internet para reforçar o seu convite: "Vamos teclar"? Admite que ainda não tem "os traquejos da internet" e que está tentando se familiarizar.

Em outros vídeos, foi entrevistado pelo filho Michelzinho, falou sobre livros e filmes e organizou uma conversa com um grupo de jovens. Também apostou, de forma sutil, em um tipo de humor no qual ri de si mesmo, falando sobre mesóclises e sobre seus poemas.

Responsável pela comunicação do ex-presidente, o publicitário Elsinho Mouco afirma que o retorno de Temer às redes sociais tem como objetivo fazer o resgate do legado de seu governo e de seu perfil político marcado pela capacidade de articulação, pacificação e construção de maiorias.

"A estratégia nas redes sociais é uma só: recuperar a verdade dos fatos. Recuperar o direito do presidente Michel Temer de ter uma biografia leal ao que ele construiu. Não é o 'Volta Temer', é simplesmente fazer justiça a uma história de vida", afirma Mouco.

A nova estratégia de redes foi iniciada dois anos depois de o ex-presidente ter enfrentado seu principal revés político, ao ser preso por duas vezes, em março e maio de 2019, no âmbito da Lava Jato.

Na época, o ex-presidente foi acusado de ter participado de supostos desvios de recursos na construção da usina nuclear Angra 3. Temer nega as acusações. No episódio da prisão, disse lamentar a "postura açodada da Justiça".

A nova estratégia nas redes também coincide com o momento em que Temer voltou à ribalta política ao articular uma carta escrita pelo presidente Jair Bolsonaro após os protestos de raiz golpista do 7 de Setembro.

A carta foi devidamente festejada em suas redes: "Sempre que fui chamado para ajudar o país, busquei o diálogo e coloquei as instituições acima dos homens. A solução para muitos problemas que os brasileiros enfrentam está na pacificação e no entendimento", disse o ex-presidente.

O ex-senador Romero Jucá, do MDB de Roraima, tomou o mesmo caminho e começou a repaginar sua imagem pública, o que incluiu até a retirada do bigode que mantinha há décadas.

Depois de 24 anos de mandato em que foi um dos cabeças do MDB no Senado, sendo líder dos governos FHC (PSDB), Lula (PT), Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer, Jucá foi derrotado em sua tentativa de reeleição por Roraima em meio à onda antipolítica de 2018.

Investigado pela operação Lava Jato, o ex-senador começou a perder espaço a partir de 2016, quando áudios revelados pela **Folha** mostraram que ele sugeriu que uma mudança no governo federal com o impeachment de Dilma resultaria em um pacto para "estancar a sangria" representada pela Lava Jato.

Após a abertura das urnas em 2018, disse que sua derrota era resultado de uma crucificação dos políticos tradicionais.

Assimilado o revés, Jucá começou a trabalhar para retomar o seu espaço político em Roraima, mantendo uma agenda entre Brasília, Boa Vista e viagens pelo interior do estado.

Seu objetivo é retornar ao Senado a partir das eleições de 2022. Para isso, deve formar chapa com a sua ex-mulher, Teresa Surita (MDB), que encerrou o mandato como prefeita de Boa Vista em 2020 com alta aprovação.

Ao mesmo tempo em que retomará as articulações políticas, Jucá mudou a sua estratégia de comunicação digital. Passou a ancorar um podcast, fazer postagens mais informais no Instagram e criou até uma conta no TikTok.

As postagens incluem fotos com cachorro, com bonecos da saga Star Wars e vídeos de passeios românticos com sua mulher, Rosilene Brito. Assim como Temer, também apostou em memes e em vídeos no qual interage responde a perguntas de apoiadores mais jovens.

Governadora do Maranhão por quatro mandatos, Roseana Sarney (MDB) também trouxe mais leveza para as suas redes sociais desde o ano passado. Sem mandato desde 2014, quando deixou o governo maranhense, ela tem planos de voltar ao Congresso em 2020 como candidata a deputada federal.

Nos vídeos no Instagram, fala sobre o seu dia a dia, ensina receitas de picadinho de carne e bolinho de caranguejo e toca violão. No repertório, estão músicas como "Preta, Pretinha", "Esse seu olhar" e "Como é grande o meu amor por você".

Também apostou em uma estética mais jovem ao aderir a desafios típicos do TikTok. Em um deles, aparece dançando enquanto fala de realizações de seus governos. Em outro, responde a perguntas com gestos de sim e não.

O movimento foi recente. Na eleição de 2018, quando concorreu ao Governo do Maranhão e foi derrotada pelo governador Flávio Dino (PSB), Roseana fez apenas cinco postagens no Instagram entre o dia da convenção que lançou a sua candidatura até a eleição.

Procurado, Romero Jucá não quis falar com a reportagem. A **Folha** não conseguiu contato com a ex-governadora Roseana Sarney.

Professor de Comunicação da Universidade Federal Fluminense e pesquisador associado do INCT.DD (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital), Viktor Chagas avalia que caciques emedebistas adotaram uma estratégia que traz riscos.

"O uso da linguagem dos memes parte de um caráter de espontaneidade e de interação direta e aberta nas mídias sociais. Uma campanha tomada por um aspecto profissional é incapaz de reproduzir isso. Acaba soando um pouco artificioso e pode gerar um estranhamento."

Ele ainda destaca que esse tipo de estratégia não decola sozinha: ela carece do impulso de uma militância engajada que, de alguma maneira, consiga fazer com que a mensagem ganhe tração e se espalhe pelas redes.

No caso de um meme, diz Chagas, não basta viralizar. É preciso que os eleitores se apropriem, incorporem e ressignifiquem a mensagem que um candidato ou ator político que transmitir. Um conjunto de interações que passam pela paródia e pelo remix, por exemplo.

Na avaliação do pesquisador, não há uma fórmula exata no uso de memes, de humor e informalidade nas campanhas. Mas, bem dosadas, estas estratégias podem ajudar a suavizar a imagem de candidatos e aproximar aqueles com mais tempo de política das novas gerações de eleitores.

> "O uso da linguagem dos memes parte de um caráter de espontaneidade e de interação direta (...) Uma campanha tomada por um aspecto profissional é incapaz de reproduzir isso
>
> **Viktor Chagas**
> Professor de comunicação da Universidade Federal Fluminense

> A estratégia nas redes sociais é uma só: recuperar a verdade dos fatos (...) Não é o 'Volta Temer', é simplesmente fazer justiça a uma história de vida
>
> **Elsinho Mouco**
> Publicitário e responsável pela comunicação de Temer

Nova Lei da Improbidade pode fragilizar luta contra corrupção

Nenhum congressista teme por sua reeleição ao defender desfiguração do texto

OPINIÃO

Caio Farah Rodriguez e Evandro Proença Süssekind
Rodrigues é advogado, professor do Insper e doutor pela Faculdade de Direito da USP. Süssekind é advogado, doutorando em direito na USP

O sociólogo Hélio Jaguaribe notava que, no Brasil, cada geração insiste em repetir, do marco zero, os esforços da geração anterior. Subestimou-nos.

No Brasil, parece que cada geração insiste em impor desafios cada vez mais difíceis à próxima. É o caso da recente desfiguração da Lei de Improbidade Administrativa, veiculada pela lei 14.230, de 26 de outubro de 2021, aprovada pelo Congresso e sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro. Três pontos se sobressaem.

Em primeiro lugar, segundo a nova lei (que da antiga só guarda o número), os entes estatais lesados deixam de ter competência para propor ações de improbidade, as quais passam exclusivamente para as mãos do Ministério Público.

No caso da União, perdeu essa competência a AGU (Advocacia-Geral da União), que cuidava, por exemplo, de diversas ações envolvendo ilícitos na Petrobras.

No mesmo passo, a lei suspendeu todas as ações de improbidade promovidas pelos entes lesados, por um ano, até que o Ministério Público se manifeste sobre se quer ou não prosseguir com a ação.

Ao paralisar as ações e as represar no Ministério Público, a lei simplesmente cria a possibilidade de um cataclismo no controle à corrupção. Basta a inação do órgão, no curto prazo estabelecido, para que se extingam todas as ações de improbidade que vinham sendo conduzidas pelas fazendas públicas.

Tal circunstância sugere que o Ministério Público, como órgão de Estado, deva estar muito atento a esse movimento, inclusive se valendo de suas câmaras de coordenação para aprimorar a inteligência e integração funcional de seus membros, que atuam com independência por todo o país.

A exclusão do papel da advocacia pública na propositura de ações de improbidade não pode ser ingenuamente entendida como o fortalecimento do Ministério Público.

Ao contrário, a perspectiva mais plausível é a de que representa a continuidade de um processo de desmantelamento de controles, do qual o enfraquecimento das forças-tarefa do próprio Ministério Público, nos últimos três anos, é outro exemplo.

Em segundo lugar, a lei não só passa a exigir a comprovação de dolo para configuração de atos de improbidade, como define esse requisito de forma que será mais fácil a um camelo passar através do buraco de uma agulha do que encontrar um agente que tenha agido com dolo.

Além de o agente ter que agir com "voluntariedade" para cometer o ato ilícito, a nova redação da lei exige que se comprove ser essa vontade "livre e consciente de alcançar o resultado ilícito".

Ou seja, a caracterização do ato de improbidade ficará agora condicionada a uma misteriosa incursão na consciência do agente que ultrapasse a simples identificação de sua vontade em cometer o ilícito. Bem-aventurados aqueles que conseguirem dividir esse fio de cabelo.

Por fim, em um sistema de divisão de Poderes, como o nosso, a responsabilidade por essas mudanças legislativas ao longo do tempo é dividida entre os Três Poderes. Dessa premissa resultam, no cenário atual, duas constatações indigestas.

A primeira é que o presidente Bolsonaro poderia vetar, mas não vetou nenhum dispositivo da lei.

Com isso, além de frustrar as expectativas dos íntegros integrantes da AGU que penam todo dia para defender as ações e omissões de seu governo, o presidente dá mais um de seus já infinitos sinais de que a pauta anticorrupção nunca foi prioridade sua.

Bolsonaro utilizou essa pauta para mobilizar eleitores e aliados políticos de ocasião, embarcando-os em uma nau na qual nunca pretendeu navegar. Hoje, os vê naufragar, estando, ele próprio, na terra firme propiciada por acordos e negociatas que prometeu combater.

A segunda constatação é que, mais uma vez, o STF (Supremo Tribunal Federal) será chamado a intervir.

Em circunstâncias normais, seria só uma corte constitucional cumprindo o seu papel de guardiã da Constituição.

No entanto, nos últimos anos, seja em decisões colegiadas, seja em decisões monocráticas, pedidos de vista e disputas regimentais travadas entre alguns ministros, o STF tem tomado decisões que impactam diretamente o jogo político, o que tem desgastado o tribunal enquanto instituição.

Um custo possível é a perda de credibilidade, justamente na hora de exercer suas funções precípuas, como agora. Não por acaso, como mostra o Datafolha, 49% dos brasileiros já acreditam que os ministros do STF são "iguais a quaisquer outros políticos".

Embora a definição de dolo talvez seja nula por ser simplesmente desprovida de sentido, não se pode afirmar com certeza que os demais novos artigos da lei sejam, tomados individualmente, inconstitucionais.

Mas o certo é que, considerados no todo, solapam qualquer chance de dar conteúdo concreto ao princípio da moralidade administrativa constitucionalmente previsto.

Tornou-se jargão entre os mais esclarecidos dizer que não há saída fora da política.

No entanto, esse orgulhoso pragmatismo também deveria ser capaz de reconhecer que, neste momento, representantes eleitos por lavajatistas e antilavajatistas têm entregado uma política anti-anticorrupção.

Deteriora-se o que sobrou da coisa pública, com consequências diretamente sobre os mais pobres, que já voltam a revirar latas de lixo para poder se alimentar.

Apesar disso, nenhum congressista hoje teme por sua reeleição ao defender a inutilização da Lei de Improbidade Administrativa que resulta dessa reforma. E nosso silêncio, como o da família Finzi-Contini do romance homônimo do italiano Giorgio Bassani, será o selo de nossa responsabilidade.

+ O que muda na Lei de Improbidade

DESCRIÇÃO DOS ATOS DE IMPROBIDADE

Como está hoje
O texto da lei é genérico sobre as situações que podem configurar improbidade, deixando margem para que até decisões e erros administrativos sejam enquadrados na legislação

O que muda
O projeto de lei traz definições mais precisas sobre as hipóteses de improbidade e prevê que não configura improbidade a ação ou omissão decorrente da divergência interpretativa da lei

FORMA CULPOSA DE IMPROBIDADE

Como está hoje
A lei estabelece que atos culposos, em que houve imprudência, negligência ou imperícia podem ser objeto de punição

O que muda
Proposta deixa na lei apenas a modalidade dolosa (situações nas quais houve intenção de praticar a conduta prejudicial à administração). Medida deve promover redução significativa nas punições, pois é muito mais difícil apresentar à Justiça provas de que o agente público agiu conscientemente para violar a lei

TITULAR DA AÇÃO

Como está hoje
O Ministério Público e outros órgão públicos, como a AGU (Advocacia-Geral da União) e as procuradorias municipais podem apresentar as ações de improbidade à Justiça

O que muda
O Ministério Público terá exclusividade para a propositura das ações segundo a proposta aprovada no Senado

Bolsonaro acabou com o Bolsa Família

Presidente precisa mentir a apoiadores que seu programa é diferente

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

O programa Bolsa Escola, matriz do Bolsa Família, foi uma proposta do economista José Márcio Camargo, apresentada pela primeira vez em uma reunião do "governo paralelo" do PT em 1991.

Camargo havia se aproximado do PT por meio de Eduardo Suplicy, cuja proposta de renda mínima tinha semelhanças óbvias com a do economista.

*O debate entre os dois sobre que setor deveria ser beneficiado primeiro com transferências de renda — crianças em idade de escolar (Camargo) ou idosos pobres (Suplicy) — foi publicado nesta **Folha** em 26 de dezembro de 1991.*

O Bolsa Escola foi incluído no programa de governo de Lula de 1994 (p. 173). O programa foi implementado no governo do então petista Cristovam Buarque em Brasília em 1995 e trazido para a esfera federal pelo tucano Fernando Henrique Cardoso em 1998. FHC não mudou o nome do programa, pois tinha vergonha na cara.

*No governo Lula, o Bolsa Escola foi integrado a outros programas existentes para dar origem ao Bolsa Família. Para quem quiser ter ideia do gigantesco sucesso que foi o Bolsa Família, sugiro consultar o texto de Thais Carrança publicado na **Folha** na última sexta-feira (29).*

Apesar desse sucesso, o então deputado Jair Bolsonaro defendeu a extinção do Bolsa Família quando concorreu à presidência da Câmara em 2011. E seu atual líder na Câmara, o deputado Ricardo Barros, quando presidiu a comissão do Orçamento em 2015, propôs cortar 35% do orçamento do programa com o objetivo de gerar a manchete "PT corta Bolsa Família" e facilitar o impeachment de Dilma Rousseff.

O Bolsa Família foi pago pela última vez na sexta-feira. Será substituído pelo Auxílio Brasil, uma mistura de nove programas.

Na pior das hipóteses, pode ficar sem fonte de renda e causar uma crise social sem precedentes. Na melhor das hipóteses, será o Bolsa Família com os aumentos que já deveriam ter sido dados e uma ampliação de cobertura (porque aumentou o número de pobres).

O Auxílio Brasil também traz uma série de programas pendurados que não devem ter grande efeito prático.

Os programas de incentivo para estudantes que se destaquem em competições científicas ou esportivas devem chegar a pouca gente.

O auxílio inclusão rural dará um dinheiro para agricultores pobres que doem comida (quanta comida eles têm para doar?).

O auxílio-creche é uma modificação do programa Brasil Carinhoso de Dilma Rousseff.

O auxílio de inclusão urbana pagará um acréscimo a beneficiários do Auxílio Brasil que conseguirem emprego formal, algo que, conforme todos os estudos, eles já fazem sempre que podem. Algum desses complementos são bons, outros são ruins, alguns já existem, mas o sentido político de incluí-los no substituto do Bolsa Família é claro: depois de uma vida inteira xingando o Bolsa Família, Bolsonaro precisa mentir para a classe média bolsonarista que seu programa é diferente porque desencoraja vagabundagem de pobre. No mundo real, os pobres não são vagabundos, os bolsonaristas são, mas eles acham que é o contrário.

Todos os riscos do Auxílio Brasil seriam evitados, e todas suas potencialidades seriam possíveis de serem realizadas, sem acabar com o Bolsa Família. Mas Bolsonaro precisa mentir para os pobres que é Lula e precisa mentir para seus apoiadores que não é isso que gostaria de ser.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel P. da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Ministros de Bolsonaro levam pastor, familiares e lobistas em voos oficiais

Decreto presidencial abre margem para carona em aviões da FAB; Jair Renan fez ao menos 5 viagens

Mateus Vargas

BRASÍLIA Ministros do governo Jair Bolsonaro levam de parentes a pastor e lobistas em voos oficiais com aeronaves da FAB (Força Aérea Brasileira).

Os dados sobre as viagens feitas desde janeiro de 2019 foram repassados à **Folha** via Lei de Acesso à Informação por ministérios e outros órgãos que têm direito a solicitar esse tipo de deslocamento.

Já os ministérios da Defesa e da Cidadania e os comandos do Exército, da Marinha e da Aeronáutica não quiseram informar quem acompanhou os chefes das respectivas pastas em viagens.

Também omitem esses dados a Câmara dos Deputados, o Senado Federal e o STF (Supremo Tribunal Federal).

Filho "04" de Bolsonaro, o influenciador digital Jair Renan pegou ao menos cinco caronas em deslocamentos solicitados por diferentes ministros.

Ele aproveitou viagens do então ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, em outubro de 2019.

Ainda esteve em três voos da Casa Civil, sendo dois na gestão do general Braga Netto e outro ao lado de Ciro Nogueira (PP), atual ministro. Na viagem mais recente, em julho de 2021, o filho de Bolsonaro levou um amigo de Brasília a São Paulo.

Poucos dias antes de assumir o Palácio do Planalto, o presidente Bolsonaro distribuiu uma cartilha com normas e procedimentos éticos. O documento afirmava que somente o ministro e a equipe que o acompanha no compromisso podem utilizar as aeronaves.

Bolsonaro também mudou o decreto sobre uso das aeronaves oficiais no começo de 2020 para, em tese, endurecer as regras.

Mas o texto deixa margem às caronas, pois afirma que os "critérios de preenchimento das vagas remanescentes na aeronave" são definidos pelas autoridades que pedem os voos.

O ministro Ciro Nogueira levou ao Rio de Janeiro, em agosto, o seu advogado Marcos Meira. "O voo ocorreu porque foi o momento encontrado na agenda do ministro para uma reunião de trabalho, para que ele fosse atualizado do andamento de ações", disse Meira, em nota.

No mesmo voo da Casa Civil estava Davidson Tolentino, então diretor da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba). Ciro, Tolentino e Meira foram mencionados em investigação da Lava Jato, mas o advogado não é denunciado ou réu em qualquer caso.

Dados enviados à reportagem mostram ainda que o pastor Arilton Moura, da Igreja Cristo para Todos, participou de viagem do ministro da Educação, Milton Ribeiro, de Brasília a Alcântara (MA), em maio de 2021.

O MEC não explicou se o líder religioso acompanhou a agenda de fato ou só aproveitou o deslocamento.

Os dados de comitivas dos voos de Bolsonaro e do vice-presidente, Hamilton Mourão (PRTB), são protegidos por sigilo. Autoridades fora do Executivo também levam parentes em voos da FAB, segundo os dados obtidos pela reportagem.

Em setembro deste ano, o filho do ministro do TCU (Tribunal de Contas da União) Augusto Nardes acompanhou o pai em viagem de Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) a Santo Ângelo (RS). Procurados, o ministério e o TCU não se manifestaram.

Já o deputado federal Bosco da Costa (PL-SE) aproveitou deslocamento para evento do Ministério do Desenvolvimento Regional da capital federal a Aracaju (SE), em julho, para garantir carona ao filho, segundo informou a própria pasta.

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina (DEM), levou o marido, Caio Dias, em pelo menos oito trajetos aéreos desde 2019.

Ela também deu carona para eventos do agronegócio a representantes de diversas instituições que fazem lobby no setor, como Aprosoja, CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), IPA (Instituto Pensar Agro), Abramilho, Abraleite, entre outras.

Como mostrou a **Folha**, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, levou esposa e seus três filhos, além de parentes de outras autoridades, em pelo menos 20 viagens oficiais.

Segundo os dados dos ministérios, um dos filhos de Queiroga, o estudante Antônio Cristóvão Araújo, pegou carona em voos do ministro do Turismo, Gilson Machado, de Brasília a Porto Velho (RO), em julho, sem a companhia do pai. Saúde e Turismo não quiseram explicar a viagem à reportagem.

A médica Sarita Pessoa acompanhou o marido e ministro do Turismo em pelo menos nove viagens. Ainda esteve em deslocamentos pedidos pela Saúde e pela ministra Damares Alves.

A ministra deu carona a Sarita, parentes da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, e Agustin Fernandez, maquiador e amigo da esposa do presidente, em voos de ida e volta de Brasília a São Paulo, como mostrou o jornal O Globo.

Os nomes dos passageiros desse voo, porém, são apresentados de forma genérica, sem sobrenome, nos dados abertos pelo ministério. Também não citam a presença de Fernandez.

O general Braga Netto levou Isabela Ossaé, sua filha, em três voos da Casa Civil. Em outros quatro, foi acompanhado da esposa, Kathya Braga Netto.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga *Pedro Ladeira - 29.jul.21/Folhapress*

O voo ocorreu porque foi o momento encontrado na agenda do ministro para uma reunião de trabalho, para que ele fosse atualizado do andamento de ações

Marcos Meira
advogado de Ciro Nogueira que pegou carona com o ministro

Já o ministro da Economia, Paulo Guedes, esteve com a filha, Paula Drumond Guedes, em viagem do Rio a Brasília em 3 de junho de 2021. A Economia afirma que o ministro havia participado de evento organizado por ela.

Em outra data, Paula viajou ao lado do pai em voo da FAB por "questões de saúde da família", segundo a pasta, que não entrou em detalhes. Uma "funcionária pessoal" de Guedes também acompanhou o ministro neste ano pelo mesmo motivo, ainda de acordo com a Economia.

Apesar de ter prometido endurecer as regras sobre voos da FAB no começo da gestão, Bolsonaro é tolerante. Ele chegou a demitir o advogado Vicente Santini do governo pelo uso de jato da FAB, mas o trouxe de volta meses mais tarde para cargos no governo.

Aeronáutica e Marinha disseram que não têm a compilação de passageiros dos voos, em resposta via Lei de Acesso à Informação. Já o Exército afirmou que precisaria de 105 dias úteis para levantar os nomes.

O Ministério da Cidadania afirmou que não seria possível precisar a lista de passageiros, pois há voos compartilhados com outras autoridades. A pasta também não explicou a razão de Roberta Roma, esposa de João Roma, ter acompanhado o ministro em viagem a Salvador.

MEC, Agricultura, MCTI, Casa Civil, a pasta de Damares, Câmara e Senado não responderam à **Folha**. Os dados dos demais ministérios não mostravam passageiros sem ligação com as agendas dos ministros.

O STF (Supremo Tribunal Federal) também não divulgou a lista dos passageiros. Disse apenas que são, "essencialmente, seguranças e servidores de assessoramento direto" dos ministros.

Em setembro, Hercílio José Binato de Castro, genro de Luiz Fux, acompanhou o ministro em voo oficial. O Supremo afirma que nesse caso, "de maneira excepcional", Castro foi do Rio à capital federal em voo da FAB com o presidente do STF, pois ambos haviam participado do mesmo evento.

O Turismo não explicou o porquê de ao menos sete nomes de passageiros de viagens da pasta não terem identificação mais detalhada.

A Defesa disse que há previsão de dar carona a pessoas de fora da comitiva. A Saúde usou brecha de decreto para justificar as viagens.

A Abramilho disse que o presidente da entidade fez duas viagens a convite de Tereza Cristina. A **Folha** não conseguiu fazer contato com o pastor Arilton Moura e não recebeu resposta da assessoria de Jair Renan.

mundo

O presidente Jair Bolsonaro conversa com apoiadores em visitação à Piazza del Colosseo, em Roma, durante a cúpula do G20 Alan Santos/PR

Isolado, Bolsonaro reduz Brasil no G20 a caminhadas em Roma

Presidente 'pula' evento e esnoba discurso de príncipe Charles no último dia de cúpula

Ana Estela de Sousa Pinto

ROMA O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), encerra neste domingo (31) sua participação no G20 — grupo das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia — sem nenhuma reunião bilateral com líderes globais em sua agenda nem integração social com eles.

Isolado durante o evento, ele preferiu usar o tempo em Roma para sair pelas portas do fundo da embaixada brasileira e caminhar pelas ruas da capital italiana, como já havia feito nos dias anteriores, seguido por cerca de duas dúzias de apoiadores que se articulam por canais de WhatsApp.

Bolsonaro deixou a representação diplomática, onde está hospedado, às 10h40, enquanto o príncipe Charles já era ouvido por premiês e presidentes na Nuvola, centro de convenções a 15 km dali. A cadeira do Brasil era ocupada pelo ministro das Relações Exteriores, Carlos França.

Na manhã deste domingo, Bolsonaro não participou de uma visita organizada pelo premiê italiano, Mario Draghi, à Fontana di Trevi, aonde tinha ido a pé na sexta-feira (29). Draghi reuniu na cinematográfica fonte do século 18 líderes como a primeira-ministra alemã, Angela Merkel, o presidente francês, Emmanuel Macron, e os premiês indiano, Narendra Modi, espanhol, Pedro Sánchez, e britânico, Boris Johnson.

Os líderes posaram para foto em frente ao monumento e cumpriram o rito da moedinha: segundo a lenda, para voltar a Roma deve-se jogar uma moeda de costas para a fonte e depois voltar-se rapidamente para vê-la enquanto submerge. Na sexta, quando visitou o local, Bolsonaro não fez o tradicional gesto.

Alguns líderes não resistiram à tentação de molhar a mão nas águas da fonte antes de ir ao centro de convenções onde tentariam neste domingo aparar diferenças sobre como frear a crise climática.

Na noite de sábado, os carros da comitiva presidencial voltaram à embaixada brasileira por volta das 23h30, enquanto líderes ainda aproveitavam os digestivos — servidos após um creme de tangerina — e a conversa no jantar oferecido pelo presidente da Itália, Sergio Mattarella, no palácio Quirinale.

Na mesa da recepção, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, sentou-se ao lado de Mattarella e aproveitou para trocar ideias com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, também sua vizinha na mesa.

A primeira-dama americana, Jill Biden, entreteve-se com Macron, enquanto era servido o salmão marinado, risoto com abóbora e trufas brancas, linguado com alcachofra assada e purê de cenoura.

Durante o jantar, Bolsonaro se encontrou brevemente para conversa informal com Merkel. Segundo a Bloomberg, um funcionário relatou que o mandatário brasileiro teria dito à líder não ser tão ruim quanto a mídia faz parecer.

Também no G20 Bolsonaro foi visto isolado. Chamou a atenção dos repórteres que cobriram o primeiro encontro com o premiê italiano, anfitrião do evento, que o brasileiro tenha sido o único a quem Draghi não estendeu a mão.

Quando entrou na antessala do evento, Bolsonaro não foi abordado por nenhum dos líderes que já estavam no local, como o australiano Scott Morrison ou o canadense Justin Trudeau, ou Boris, Macron e Von der Leyen.

O brasileiro foi para a mesa de café e tentou puxar conversa com os garçons, falando de suas origens italianas. "Todo mundo italiano aí?", perguntou, de acordo com o repórter que representou os jornalistas brasileiros neste evento.

O interlocutor respondeu apenas com um aceno de cabeça, enquanto Bolsonaro tentava falar de suas origens italianas. Sem obter resposta, começou a fazer piada com a final entre Brasil e Itália, na Copa de 1970, mas ninguém riu.

O presidente ficou alguns minutos sozinho olhando para os outros líderes conversando em grupos, apontando o dedo para os que sabia quem eram e falando com seus próprios seguranças, até que seus assessores lhe conseguissem um diálogo com o autocrata turco Recep Tayyip Erdogan.

Em cerca de dois minutos, Bolsonaro deu ao colega informações falsas sobre a pandemia, a economia brasileira e sua popularidade e criticou a Petrobras e a imprensa. Não fez nenhuma pergunta a Erdogan sobre a Turquia.

O brasileiro também se encontrou com o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus. Na ocasião, ele disse ser o "único chefe de Estado no mundo investigado, acusado de genocida", e emendou: "É a política".

Em seguida, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou, dando gargalhadas: "Eu também. Vou com ele para Haia. Passear lá em Haia". As declarações integram vídeo postado nas redes sociais.

Depois de ignorar o ministro das Finanças da Alemanha, Olaf Scholz, provável futuro primeiro-ministro alemão, ele cumprimentou Boris, trocou frases com Modi e foi provocado pelo presidente argentino, Alberto Fernández, sobre futebol. Mais uma vez isolado, resignou-se a sentar ao lado do ministro da Economia brasileiro, Paulo Guedes, em um sofá distante dos outros líderes.

Quando os organizadores avisaram que a cúpula começaria, Macron entrou abraçado a políticos africanos e Merkel entrou rodeada por vários congêneres. O presidente brasileiro foi o último a deixar a antessala e se dirigiu à cúpula apenas com seus ministros.

Por volta das 16h30, Bolsonaro foi recebido a gritos de "assassino" e "genocida" ao voltar das reuniões do G20. O presidente chegou a descer do carro, como faz quando há apoiadores, mas, ao ouvir mais gritos contra que a favor, não se aproximou. Ele apenas acenou de longe e entrou, de carro, na embaixada.

Durante sua estadia em Roma, Bolsonaro viu o Vaticano do lado de fora, em caminhada com ministros em que terminou chamado de "genocida" por manifestantes contrários. Ele foi defendido pelo pequeno grupo de apoiadores, que, segundo Sandra e Sonia, duas imigrantes brasileiras que o integram, se conhece de atividades voluntárias em igrejas evangélicas de Roma.

Nesse período, Biden e Modi foram recebidos em audiência pelo papa. O presidente brasileiro também não será recepcionado por nenhuma das autoridades católicas em Pádua, onde pretende visitar a basílica de Santo Antônio.

Jornalistas são agredidos e tumulto fere apoiadores em passeio

ROMA E SÃO PAULO Jornalistas credenciados e identificados que cobriam a visita de Jair Bolsonaro (sem partido) a Roma foram agredidos durante caminhada improvisada pelo presidente brasileiro no centro da capital italiana, na noite deste domingo (31), enquanto apoiadores gritavam "Globolixo" e assessores do presidente assistiam impassíveis.

Bolsonaro está no país para a cúpula do G20. Ele pulou vários compromissos da cúpula e optou por fazer passeios na cidade, seguido por apoiadores.

Por volta das 16h55 (horário local), quando o presidente ainda estava dentro da embaixada brasileira, um agente que não quis se identificar empurrou a repórter da Folha, dizendo que ela devia se afastar do local. A jornalista foi empurrada ainda outras três vezes, embora tenha estado em locais públicos, onde não deveria haver nenhuma restrição ao trabalho da imprensa.

O jornalista Leonardo Monteiro, correspondente da TV Globo, contou ter levado um soco na barriga, desferido por um agente italiano, após ter feito uma pergunta ao presidente. "Foi uma violência desproporcional", disse Monteiro.

Quando a Folha começou a filmar a agressão contra Monteiro, um agente tentou arrancar o celular desta repórter e a ameaçou. O repórter do UOL Jamil Chade também teve o celular tomado enquanto tentava filmar, e os repórteres do Globo, Lucas Ferraz, e da BBC Brasil, Matheus Magenta, também foram agredidos verbalmente e empurrados. Magenta também levou socos nas costas.

Em meio à correria e ao empurra-empurra, ao menos uma manifestante ficou ferida ao ser derrubada, e um grupo que tentou se aproximar foi empurrado.

Em nota sobre o episódio, o jornal afirmou: "A Folha repudia as agressões sofridas pela repórter Ana Estela de Sousa Pinto e outros jornalistas em Roma, mais um inaceitável ataque da Presidência Jair Bolsonaro à imprensa profissional."

A ANJ (Associação Nacional de Jornais) disse, em nota, que "repudia com veemência e indignação as agressões. A TV Globo afirmou que "exige uma apuração completa de responsabilidades" e disse que a "retórica beligerante" de Bolsonaro estimula agressões a jornalistas. AESP

Colaborou Patrícia Campos Mello

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Bolsonaro encara 'solidão' no G20, mas Biden também é questionado

No Il Messaggero, "A solidão do negacionista Bolsonaro: os outros líderes do G20 o evitam (e o brasileiro é um turista)".

Ele se manteve "inerte no trabalho do G20, mas muito ativo em tours pela capital", Roma. Tanto que se adiantou na visita à Fontana di Trevi e não voltou quando "os grandes da Terra jogaram moedas".

Na mesma direção, a Bloomberg relatou como ele "vinha sendo uma figura solitária no G20", mas se viu resgatado pela chanceler alemã Angela Merkel, que "se aproximou dele" e o presenteou com "um bate-papo amigável e relevante".

O brasileiro, ao que parece, aproveitou para desabafar. No título, "Bolsonaro conta a Merkel no G20: Não sou tão mau quanto as pessoas dizem".

AGRESSÃO As coisas se agravaram no final do domingo, quando veículos como o canal Sky TG24 e o jornal La Repubblica destacaram vídeos com a agressão de seguranças aos jornalistas brasileiros que cobriam Bolsonaro. Para a segunda-feira, no enunciado do Il Mattino di Padova, "Padua e Anguillara estão blindadas para Bolsonaro". As estradas serão fechadas, com "alerta máximo para manifestação".

BIDEN AFUNDA O domingo de Joe Biden começou com o Meet the Press, da NBC, divulgando pesquisa "chocante", em que a maioria dos americanos desaprova seu desempenho. E "sete em dez acreditam que os EUA estão na direção errada". No título online, "Biden afunda a um ano das eleições de meio de mandato".

POR QUE ACREDITAR? No fim do dia, em Roma, Biden deu coletiva por CNN e outras e a primeira pergunta foi da Associated Press, citando a pesquisa: "Por que o mundo deve acreditar quando você diz que a América está de volta?".

"Pela maneira como eles reagiram. Eles ouviram, todos me procuraram, queriam saber quais eram os nossos pontos de vista", foi sua resposta.

O QUE USAR? Fechando a semana, quando o Wall Street Journal manchetou o baixo crescimento dos EUA, de 2% anualizados, o editor-chefe do chinês Global Times perguntou no Weibo e no Twitter: "Com uma economia tão fraca, o que os EUA podem usar para encorajar os aliados a confrontar a China? A emissão excessiva de dólares?".

U.S. missionaries strive to evangelize the 'unreached.' Indigenous groups in the Amazon are now fighting back.

LUTANDO
Com foto de Eliseio Marubo, 'primeiro advogado a sair do Vale do Javari', o Washington Post reporta que 'Missionários dos EUA se esforçam para evangelizar os não alcançados', mas 'indígenas da Amazônia agora estão lutando' na Justiça

Petrobras no furacão da COP26

Luta contra emergência climática passa por renovação da estatal

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento e doutor em ciência política pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Agora a Petrobras é a origem de todos os males do país. Em Brasília ou Roma, Bolsonaro a critica pelos lucros excessivos, a chama de "problema" e a ameaça de privatização. A multiplicação de referências à Petrobras nas semanas que antecederam a COP26 não é anódina. O governo acredita que a conjugação das crises climáticas e energéticas pode legitimar a agenda de privatização da companhia de petróleo.

A conjuntura do setor é complexa. Com o abandono dos fundos de pensão e as ações coordenadas de acionistas nos conselhos de administração, as petroleiras privadas estão sendo confrontadas a uma pressão inédita do ativismo climático. Em agosto do ano passado, a Exxon, herdeira da Standard Oil, perdeu o seu lugar no Dow Jones Industrial Average pela primeira vez no século. Entre as estatais, as dificuldades crescentes para captar novos investimentos criam a sensação de que elas estão paralisadas pelo desafio da transição energética. Episódios recentes, como os leilões do pré-sal esvaziados, ampliaram o desespero.

Na COP26, tudo indica que a indústria fóssil será designada como o alvo a abater na próxima década. Perante tantas ameaças, o governo pretende apresentar a privatização da Petrobras como a única forma de rentabilizar os ativos e provocar um choque sistêmico na economia brasileira.

Mas esse novo embuste de Paulo Guedes está condenado ao fracasso. O capital humano e tecnológico das petrolíferas pode não ser facilmente adaptável ao desafio das energias renováveis, e as estatais são tradicionalmente avessas a investimentos fora dos seus setores de expertise. Porém, isso está mudando, e no mundo inteiro, da Colômbia à China, passando pelos países escandinavos, estatais petrolíferas estão pilotando a inovação tecnológica em energias renováveis, baterias e captura de carbono, enquanto administram a produção de petróleo e gerem o choque da redução de consumo energético no longo prazo.

As estatais também são estratégicas porque a indústria fóssil, infelizmente, continuará sendo o esteio das relações internacionais. Alguns cenários estimam que o mundo continuará utilizando 100 milhões de barris por dia em 2040. A trajetória da China, a rainha da energia solar e do carvão, dos EUA, líder da campanha pelo clima apegado ao gás do xisto, ou da Alemanha, governada por ambientalistas, mas dependente do gás russo, mostram que a geopolítica da energia verde vai se somar à geopolítica da energia fóssil.

No Brasil, todos os campos políticos precisam se adaptar à nova realidade. Os defensores de um Estado forte devem aposentar o slogan empoeirado do "Petróleo é nosso" e lançar um programa para o futuro da Petrobras além do petróleo. Os liberais têm de largar o fetiche da privatização e aceitar que seria um suicídio o Estado abdicar da única empresa com capacidade tecnológica e humana para organizar a transição energética nacional. Até o relógio quebrado está certo uma vez por dia. Assim, Bolsonaro teve razão em colocar a Petrobras no centro do debate sobre a emergência climática.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

HOMEM VESTIDO DE CORINGA ATACA PASSAGEIROS DE TREM EM TÓQUIO
Pessoas abandonam vagão de metrô pela janela após agressor ferir 15 pessoas com faca e líquido inflamável neste domingo (31) SIZ33 no Twitter/Reuters

G20 avança pouco, mas sela reengajamento global dos EUA

Sem compromissos específicos, cúpula abriu novas frentes ao governo Biden

SÃO PAULO A cúpula do G20 foi encerrada em Roma sem que as grandes economias do mundo fizessem compromissos mais específicos para lidar com a ameaça do aquecimento global, às vésperas do início da COP26, a grande rodada de negociação de metas climáticas que começou neste domingo (31).

Mas o encontro na capital italiana serviu para o presidente dos EUA, Joe Biden, abrir novas frentes de engajamento multilateral, como novas tentativas de reviver o acordo nuclear com o Irã e a reconciliação com a Turquia, além da trégua na guerra comercial com a UE, após anos de tensões cultivadas pelo ex-presidente Donald Trump.

Biden ensaiou uma reaproximação com o presidente francês, Emmanuel Macron, após o atrito diplomático gerado pelo acordo para a venda de submarinos à Austrália, o que cancelou tratado anterior articulado por Paris.

Declaração sobre clima
Responsáveis por cerca de 80% das emissões globais de gases de efeito estufa no mundo, os países do G20 elaboraram uma declaração final neste domingo (31) que pede uma ação "significativa e efetiva" para limitar o aquecimento global a 1,5°C, mas oferece poucos compromissos concretos.

O resultado de dias de duras negociações entre diplomatas deixa muito trabalho a ser feito na cúpula mais ampla do clima organizada pela ONU na Escócia, a COP26, para onde a maioria dos líderes do grupo das 20 principais economias do mundo voará diretamente de Roma.

O projeto inclui promessa de suspender o financiamento internacional para a geração de energia a carvão até o final deste ano, mas não estabeleceu uma data para a eliminação desse tipo de energia, limitando-se a prometer fazê-lo "o mais rápido possível".

Acordo entre EUA e UE após guerra tarifária
O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e a chefe da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, celebraram "uma nova era" nas relações transatlânticas após chegarem a um acordo para suspender as tarifas adicionais sobre as importações europeias de aço e alumínio, impostas pelo ex-presidente Donald Trump.

"Restabelecemos a confiança e a comunicação", afirmou a presidente do Executivo Europeu sobre o acordo.

Pandemia e vacinas
A pandemia, especialmente a desigualdade na distribuição de vacinas contra a Covid-19 no mundo, foi um dos temas tratados na cúpula. Líderes do bloco afirmaram que vão aumentar o fornecimento de vacinas aos países pobres, prometendo "evitar restrições às exportações e aumentar a transparência e visibilidade na entrega". Prazos concretos não foram especificados.

O grupo afirmou que vai contribuir para o alcance das metas globais de vacinação de pelo menos 40% da população de todos os países até o final de 2021 e 70% até meados de 2022, conforme preconiza a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Por videoconferência, os líderes da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin, queixaram-se da falta de reconhecimento das vacinas entre os países do G20. Putin afirmou que a falta de acesso às vacinas por países pobres se deve também "à concorrência desleal". De Pequim, Xi também pediu "reconhecimento mútuo das vacinas".

EUA e União Europeia não aprovaram vacinas chinesas ou russas. Por sua vez, a Rússia e a China não reconhecem fármacos estrangeiros.

Conciliação entre Biden e Erdogan
Em meio a tensões diplomáticas, os presidentes da Turquia e dos EUA fizeram uma reunião de conciliação durante a cúpula em Roma.

Recep Tayyip Erdogan e Joe Biden prometeram melhorar suas relações, prejudicadas por uma série de questões nos últimos anos, desde diferenças políticas na Síria até direitos humanos, passando pela compra pela Turquia de sistemas de mísseis russos S-400.

Um funcionário de Ancara disse que as conversas ocorreram em "atmosfera positiva".

Ajuda aos países em desenvolvimento
Os líderes se comprometeram a pagar aos países pobres US$ 100 bilhões do montante global dos US$ 650 bilhões em Direitos Especiais de Saque (SDR) emitidos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para enfrentar os efeitos da pandemia de Covid.

"Acolhemos as recentes promessas de doações no valor de cerca de US$ 45 bilhões como um passo em direção aos ambiciosos US$ 100 bilhões em contribuições voluntárias para os países mais necessitados", afirmaram. Eles estão seguindo os passos do G7, que já fixou uma meta de US$ 100 bilhões para a redistribuição, principalmente para a África.

Acordo nuclear com o Irã
EUA, Alemanha, França e Reino Unido exortaram o Irã a voltar a cumprir as exigências estabelecidas no acordo nuclear de 2015 para "evitar uma escalada perigosa". O acordo descarrilhou após a saída de Washington, em 2018, por determinação do então presidente Donald Trump.

Depois que o republicano anunciou que os EUA restabeleceriam sanções contra o regime iraniano, Teerã deixou de respeitar os limites de enriquecimento de urânio estabelecidos pelo pacto. No sábado (30), as quatro potências voltaram a afirmar que querem uma solução negociada para que o Irã volte a cumprir as exigências do pacto — pedido ao qual o país resiste.

Reaproximação entre Biden e Macron
Um encontro entre Joe Biden e Emmanuel Macron, na sexta (29), pôs fim — segundo os dois líderes — à crise diplomática desencadeada pelo acordo americano com Reino Unido e Austrália para a construção de submarinos nucleares.

Batizado de Aukus, o pacto de segurança havia irritado os franceses porque significou o cancelamento de um contrato bilionário assinado em 2016 com os australianos.

"O que realmente importa é o que faremos juntos nas próximas semanas e nos próximos meses", disse o francês. Já o presidente americano admitiu que as ações dos Estados Unidos no episódio poderiam ter sido melhores.

Eleição no Japão deve confirmar Kishida como premiê

TÓQUIO | REUTERS E AFP A coalizão do primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida, deve continuar no poder, embora tudo indique que perderá cadeiras no Parlamento, segundo pesquisas de boca de urna após o fim da votação nas eleições gerais deste domingo (31).

Segundo a emissora pública NHK, o Partido Liberal Democrático (PLD), de Kishida, deve conquistar pelo menos 253 dos 465 assentos na Câmara Baixa. O número representa mais que as 233 cadeiras necessárias para controlar o governo.

Já a coalizão do PLD com o partido Komeito deve obter mais de 261 cadeiras, número menor do que as 305 que as legendas ganharam nas últimas eleições.

A votação é um teste para Kishida, que convocou eleições logo após assumir o posto no último mês, epara o conservador PLD, força dominante na política japonesa pós-guerra que teve a popularidade abalada pelo descontentamento público com a resposta do país à crise da Covid-19.

Kishida se tornou líder em setembro depois que Yoshihide Suga renunciou ao cargo após apenas um ano. Após uma onda recorde de infecções, que obrigou o país a realizar os Jogos Olímpicos de Tóquio a portas fechadas, os casos despencaram e a maioria das restrições foi suspensa.

O premiê prometeu criar um novo pacote de estímulo de dezenas de trilhões de ienes para conter o impacto da pandemia no país.

"Espero aprovar um orçamento extra no Parlamento neste ano para financiar medidas de apoio às pessoas atingidas pela pandemia, como aqueles que perderam empregos e estudantes que lutam para pagar as mensalidades", disse Kishida.

A perda de assentos pelo PLD pode levantar questionamentos sobre a habilidade de Kishida em guiar o partido pelas eleições ao Senado em 2022. Além disso, menos assentos significam mais dependência da sigla budista Komeito.

Ex-banqueiro, Kishida, 64, tem lutado contra a imagem de que carece de carisma. Embora tenha seguido as políticas tradicionais da ala mais à direita do partido, ele também prometeu reduzir a desigualdade social, pregando um "novo capitalismo".

Água com chumbo expõe racismo ambiental nos EUA

Em Benton Harbor, onde 85% da população é negra, há risco de envenenamento

Diogo Bercito

Homem carrega garrafas de água em Benton Harbor Sebastian Hidalgo - 13.out.21/The New York Times

WASHINGTON Garrafinhas de plástico são hoje um item fundamental em Benton Harbor. Elas são a única fonte segura de água nesta cidade de quase 10 mil habitantes. O encanamento do local, que fica 160 quilômetros ao sul de Chicago, está contaminado com chumbo. As pessoas já não podem beber água da torneira.

Esse desastre humanitário tem ganhado peso no debate nacional, tomando contornos de mais um caso de desigualdade racial. Cerca de 85% da população de Benton Harbor é negra. É antiga—e não resolvida—a conversa sobre como os investimentos públicos desfavorecem essa fatia da demografia.

Fala-se, nos EUA, de "racismo ambiental" para descrever o fenômeno da segregação que empurrou as populações não brancas para bairros mais danificados pelas indústrias e pela contaminação.

"Imagine que fosse uma cidade branca", diz Edward Pinkney, ativista de direitos ambientais e líder do Conselho de Água da Comunidade de Benton Harbor. "Deixe-me descrever uma cena: uma mulher branca com um bebê em seu colo, dizendo que o chumbo vai matá-lo. O governo enviaria o Exército, a Guarda Nacional, o presidente Joe Biden viria aqui. Conosco, não ligam."

O caso de Benton Harbor tem enfurecido as lideranças locais não apenas pela questão racial, mas também porque repete enredos já memorizados, como o de Flint. A cidade foi manchete em 2014 por um escândalo semelhante de contaminação por chumbo. Estima-se que 100 mil pessoas foram expostas à água envenenada pelo metal.

"Esperávamos que as autoridades tivessem aprendido algo, mas não aprenderam", diz Pinkney. Mais do que isso, ele acusa a prefeitura de Benton Harbor de negligência. O ativista afirma que dados das próprias autoridades já apontavam a contaminação há pelo menos três anos, mas os encanamentos ainda não foram trocados —e pode levar até dois anos para isso acontecer de fato.

A **Folha** procurou a prefeitura de Benton Harbor, mas não obteve uma resposta.

Em 2018, testes detectaram uma contaminação de 22 ppb (partes por bilhão) de chumbo, acima do nível de 15 ppb, considerado uma linha vermelha pelas autoridades de saúde. Não existe nenhum valor seguro do metal para o consumo humano, e os riscos à saúde incluem dano cerebral. A contaminação por chumbo é resultado de uma série de fatores, como por exemplo, a corrosão de encanamentos antigos.

> “
> Imagine que fosse uma cidade branca [...] O governo enviaria o Exército, Biden viria aqui. Conosco, não ligam
>
> **Edward Pinkney**
> líder do Conselho de Água da Comunidade de Benton Harbor

Ativistas afirmam que o assunto só capturou a atenção do restante do país quando diversas organizações enviaram uma petição conjunta às autoridades ambientais dos EUA. Ameaçaram, também, processar o governo. Neste mês, foi decretado um estado de emergência. "Se não tivéssemos entrado em ação, nada aconteceria. Você nem teria me telefonado", afirma Pinkney.

Ele elogia os esforços de distribuição gratuita de garrafas de água como alternativa ao líquido contaminado com chumbo. Diz, porém, que é tão eficiente quanto colocar um band-aid em um ferimento causado por um tiro.

O que pode, por fim, sanar o problema, de acordo com o ativista, é a proximidade da eleição para o governo de Michigan. "Os políticos sabem que o problema não pode se alongar até o pleito estadual, no ano que vem." Gretchen Whitmer, atual governadora do estado, recentemente visitou a cidade. Para Pinkney, a solução da crise de água vai ser um elemento central para a campanha eleitoral.

As comunidades locais, porém, mostram cansaço com um modelo de gestão em que as autoridades só implementam políticas públicas quando chega a hora de garantir o voto nas urnas. O problema, segundo esses grupos, é maior —e reflete um descaso histórico com partes específicas da população.

"Está bastante claro que há um padrão de desinvestimento em infraestrutura, assim como um padrão de desinvestimento específico nas comunidades de cor", afirma a jornalista Anna Clark, baseada em Michigan. Ela é autora do livro "The Poisoned City" (a cidade envenenada), sobre o caso de Flint. "Esse tipo de situação tem consequências de vida ou morte para as pessoas", diz.

Clark afirma que, assim como em Flint, o desastre em Benton Harbor é resultado de más decisões tomadas no passado. Não pode ser um problema de escassez, afinal. Benton Harbor está nas margens dos famosos Grandes Lagos. "Nós temos muita água. Este não é um desastre natural", diz a jornalista.

Há casos semelhantes em outras partes do país, onde as autoridades também negligenciaram a infraestrutura da água. Não por acaso, no plano de investimento que serve de bandeira à administração Biden, uma das propostas é trocar os encanamentos contaminados com chumbo. O governo de Michigan diz que, sozinho, precisa de mais de R$ 160 milhões para tocar essa obra.

Benton Harbor, porém, não pode esperar anos até que todos os canos sejam substituídos. "As pessoas precisam de água para beber hoje e todos os dias", diz Clark. Não apenas para beber, aliás. Os moradores dessa cidade não podem contar com a água que vem da torneira para realizar uma série de tarefas íntimas e mundanas, como escovar os dentes e passar um café. "Muitos de nós somos privilegiados por não ter que pensar em como a água afeta tantas pequenas partes da nossa vida."

entrevista da 2ª

Dave Stelfox/Verso

George Monbiot, 58
Jornalista, escritor e ativista britânico com foco em meio ambiente. Após estudar zoologia na Universidade Oxford, começou a trabalhar como produtor na BBC na área de história natural. Atualmente é colunista do jornal The Guardian.

George Monbiot
Bolsonaro é uma ameaça à vida humana na Terra

Contra crise climática, é preciso mudar democracia, diz escritor e ativista

> As metas que os governos estabeleceram, mesmo os mais progressistas, estão longe de ser suficientes para devolver os sistemas da Terra a um lugar seguro. A atmosfera é um sistema complexo; os oceanos, outro; os solos, outro; a biosfera, outro. E não se comportam de maneiras lineares e incrementais. Podem absorver muito estresse e manter um estado de equilíbrio, mas podem colapsar de repente. Não sabemos quanto estresse esses sistemas podem absorver antes de uma virada

AMBIENTE

Cristiane Fontes e Marcelo Leite

SÃO PAULO E LONDRES O premiado jornalista, escritor e ativista britânico George Monbiot, 58, considerado uma das vozes mais influentes nas redes sociais sobre a crise climática, com 440 mil seguidores no Twitter, não poupa palavras contra o presidente do Brasil: "Vejo Jair Bolsonaro como uma ameaça à vida humana. Ele é uma das forças mais ameaçadoras na Terra".

Em entrevista à Folha, Monbiot descreve Bolsonaro como um ameaça global por causa de seu fracasso em proteger não apenas a Amazônia, mas também o cerrado. Ele lamenta que não tenha havido muito mais pressão internacional para detê-lo.

Bom conhecedor do Brasil, o ativista apresenta o envolvimento com camponeses sem-terra no Maranhão na década de 1990 como fundamental para a sua formação.

O britânico aponta como crucial e urgente o uso de menos recursos naturais para a produção de alimentos. Isso significa parar de comer produtos de origem animal. "Eles têm uma fome incrível de terra", afirma.

Ele defende mais mobilizações em massa para pressionar governos a avançarem de forma rápida e drástica a fim de evitar o colapso dos vários sistemas complexos da Terra. Isso exigirá uma transformação radical da democracia, com vistas à participação direta: "Não aceitamos o princípio do consentimento presumido no sexo. Por que devemos aceitá-lo na política?"

Nas próximas semanas, o colunista do jornal The Guardian estará à frente de um programa diário na recém-lançada COP26.TV. No próximo ano, ele lança "Regenesis: How to Feed the World Without Devouring the Planet" (Regênesis: Como Alimentar o Mundo sem Devorar o Planeta), no qual inclui um manifesto sobre a necessidade de revolucionar nosso modo de produzir alimentos de modo a prevenir os piores impactos das mudanças climáticas.

*

Por que precisamos dizer colapso ou caos climático e parar de usar o termo mudanças climáticas? Mudança climática é um termo ridiculamente neutro para o que enfrentamos, a maior crise da humanidade. Usamos palavras que soam muito científicas, abstratas e não dizem muito às pessoas.

Esta é considerada uma década decisiva para limitar os impactos da crise climática. O que devemos priorizar agora e nos próximos anos? As metas que os governos estabeleceram, mesmo os mais progressistas, estão longe de ser suficientes para devolver os sistemas da Terra a um lugar seguro. A atmosfera é um sistema complexo; os oceanos, outro; os solos, outro; a biosfera, outro. E não se comportam de maneiras lineares e incrementais. Podem absorver muito estresse e manter um estado de equilíbrio, mas podem colapsar de repente.

Não sabemos quanto estresse esses sistemas podem absorver antes de uma virada. E, infelizmente, governos têm tentado resolver isso por meio de pequenas mudanças graduais a cada ano, quando precisamos de ações drásticas e rápidas.

De onde deve vir o dinheiro e onde deve ser investido? Existe muito dinheiro. Vimos isso com a pandemia. Precisamos de um esforço na escala do que os Estados Unidos fizeram quando entraram na Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra, o orçamento americano foi maior do que todos os gastos que fizeram desde a Independência. Além disso, os governos podem fazer todo o tipo de coisas que você e eu não podemos para fazer o dinheiro necessário aparecer.

E onde devemos investir esse dinheiro? Precisamos de uma gigantesca transformação econômica, e isso significa interromper a produção de combustíveis fósseis e investir maciçamente em energias renováveis. Além disso, acredito que a energia nuclear de quarta geração tem um papel importante a desempenhar. É fundamental também proteger e restaurar vastas áreas naturais no mundo e impedir desmatamento e destruição. Esta não é apenas uma crise. São muitas crises ao mesmo tempo: a extinção em massa de espécies, a acidificação dos oceanos, a perda de solos, a perda de água doce limpa disponível no planeta.

Precisamos de muitos programas de governo, algo similar à escala do que foi feito por algumas nações durante a pandemia.

O governo do Reino Unido deve pressionar por um acordo entre os líderes mundiais na COP26 para interromper o desmatamento e a degradação florestal até 2030. Quais são suas expectativas sobre a conferência em Glasgow e o Reino Unido como anfitrião? Infelizmente, o primeiro-ministro do Reino Unido tem um histórico de promessas não cumpridas e não o levamos muito a sério no meu país. Mas acho esse um objetivo muito bom e devemos tentar garantir que seja cumprido. Se o fizer, será uma das primeiras vezes que isso vai acontecer.

Nos últimos anos, houve várias campanhas pedindo apoio internacional para conter Bolsonaro e o desmatamento na Amazônia. Existe algo que poderia ter sido feito e não foi feito por quem está fora do Brasil? Muito mais pressão diplomática. Vejo Jair Bolsonaro como uma ameaça à vida humana. Ele é uma das forças mais ameaçadoras na Terra. Ele representa uma ameaça em muitos níveis para os brasileiros, mas também uma ameaça global por causa de seu fracasso em proteger não apenas a Amazônia, mas também o cerrado.

A Amazônia e o cerrado estão intimamente ligados e são absolutamente cruciais para o sistema climático.

O enorme dano que vem sendo feito pelo governo de Jair Bolsonaro pode ter implicações para a humanidade

O que seria uma "nova política para uma era de crise", parte do título de um dos seus livros? Estamos presos a um modelo de democracia do século 19. Em quase todos os lugares, políticos são escolhidos a cada quatro, cinco anos, e a partir desse momento podem tomar quantas decisões quiserem, desde que consigam que o Congresso as aprove, sem se dirigir nem mais uma vez à população.

Não aceitamos o princípio do consentimento presumido no sexo. Por que devemos aceitá-lo na política?

Na política, estamos na era da caneta de pena, cavalo e carruagem, e isso é um absurdo na era digital.

Você é um apoiador do movimento Extinction Rebellion. Qual tem sido o aprendizado de interagir com as pessoas nas ruas, ter de falar numa linguagem mais acessível e envolvente e responder a críticas como a de que o movimento é um fator de perturbação, mais que qualquer outra coisa? Quando fui para o Brasil, era jornalista, e quando saí do país, era um ativista. E isso veio do trabalho com os movimentos dos sem terra.

A maioria dos camponeses com quem trabalhava era analfabeta, mas tinha uma noção de teoria política que fazia com que eu me envergonhasse.

Saí do Brasil uma pessoa comprometida com o ativismo e entendendo o poder de pessoas que se unem e lutam por um objetivo comum, usando a desobediência civil, as ferramentas democráticas à sua disposição. E encontrei no Extinction Rebellion o mesmo tipo de espírito, força e a coragem que vi no Brasil.

Algumas pessoas dizem que precisamos evitar narrativas apocalípticas e sermos mais positivos para envolver mais pessoas nas soluções climáticas. Você pode soar apocalíptico e ao mesmo tempo otimista e nos lembra o slogan parisiense de Maio de 1968: "Seja realista, exija o impossível". Vou mudar um pouco o slogan: "Seja cientificamente realista. Exija o politicamente impossível". O que chamamos de realismo político é completamente irreal em termos de prevenção de mudanças ambientais catastróficas.

Os planos dos governos que se reunirão em Glasgow são irrealistas.

Você pode negociar com o realismo político, mas não com o realismo científico.

A mudança política pode acontecer com uma velocidade extraordinária, e coisas que as pessoas acreditavam serem impossíveis se tornam possíveis.

Equaisações urgentes são mais necessárias para chegar lá? A única maneira de isso acontecer é por meio de mobilizações em massa em uma escala sem precedentes.

No próximo ano sai seu novo livro, "Regenesis". Pode nos contar um pouco sobre um novo futuro possível para os alimentos e o planeta? Aprendi muito sobre um assunto com o qual a maioria das pessoas acredita estar familiarizada, que é a comida, como é produzida, de onde vem e o que deveríamos fazer. Quase tudo o que pensamos sobre o assunto está errado.

Uma tarefa ambiental crucial e urgente é usar menos terra na produção de alimentos. Esse é um fator determinante para que ecossistemas, espécies, sistemas da Terra sobrevivam. E isso significa parar de comer produtos de origem animal, porque eles têm uma fome incrível de terra.

Existem tecnologias muito interessantes que podem nos ajudar a abandonar proteína animal e, ao mesmo tempo, manter dietas muito boas. Existem também muitas maneiras de cultivar grãos, frutas e vegetais, algumas vindo do vasto conhecimento tradicional, outras de novos conhecimentos.

Tentei incorporar isso tudo e criar um manifesto sobre como devemos nos alimentar.

mercado

Economia discutiu novo Bolsa Família com dados incertos

Pasta tomou decisões com simulações não confirmadas, dúvidas e dados discrepantes, apontam documentos

Fábio Pupo

BRASÍLIA Técnicos do Ministério da Economia tiveram que tomar decisões ligadas ao Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família, com base em informações incertas e em meio a dúvidas sobre os números do novo programa social.

Documentos obtidos pela **Folha** por meio da Lei de Acesso à Informação mostram a equipe econômica fazendo análises orçamentárias com simulações de despesas não confirmadas, sem dados claros e com alertas para a falta de fonte de recursos para o programa a partir de 2022.

Os documentos obtidos pela reportagem referem-se a um decreto que aumentou o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) a partir de 20 de setembro para custear parcialmente o Auxílio Brasil em 2021. As informações disponibilizadas mostram como decisões do governo em relação ao tema seguiram adiante mesmo com as incertezas.

Segundo os documentos, estudos internos foram solicitados no mês passado pelo gabinete do ministro Paulo Guedes (Economia), que demandou urgência. As principais análises sobre o plano foram concluídas em menos de dois dias após a requisição e foram encaminhadas à cúpula do ministério em 15 de setembro, na véspera da assinatura do decreto que elevou o IOF.

Em sua análise sobre a medida, a Secretaria de Orçamento Federal (a SOF) se baseou em estimativas próprias acerca dos números do Auxílio Brasil, sem que houvesse uma confirmação dos dados pelo Ministério da Cidadania, responsável pelo programa.

A própria SOF chamou atenção para a necessidade de um respaldo da outra pasta.

"Os dados relativos ao aumento de beneficiários e dos valores dos benefícios [...] deverão ser ratificados pelo Ministério da Cidadania, oportunamente, uma vez que os valores apresentados nesta nota são resultantes de simulação realizada por esta SOF", diz o texto.

O cálculo respaldou toda a engenharia financeira para bancar o programa neste ano, o que resultou na decretação do aumento do IOF — sem menção nos documentos a qualquer confirmação da Cidadania sobre os dados.

Porém, após o aumento do IOF entrar em vigor, o governo anunciou números diferentes para o Auxílio Brasil, com público maior e benefício mais alto.

Com o programa —que começa a valer no dia 17 de novembro— ainda rodeado de impasses, o Ministério da Economia disse à **Folha** nas últimas semanas que o IOF pode mudar de destino e ficar para os cofres do Tesouro caso não se consiga implementar o Auxílio Brasil com os valores planejados.

André Luiz Marques, coordenador executivo do Centro de Gestão e Políticas Públicas do Insper, afirma que as decisões de gestores públicos e privados precisam ser bem fundamentadas, considerando a escassez de recursos.

"Nenhum Estado, empresa ou pessoa tem dinheiro para fazer tudo o que quer", afirma. "Por isso, fazer as coisas na pressa e na correria, com uma série de inconsistências e imprecisões, é no mínimo irresponsável. No mínimo. Chega a dar vergonha ler esses exemplos", diz.

Para ele, os cálculos ligados ao programa deveriam estar claros há muito tempo. Há mais de um ano o governo discute um novo programa social e, por questões políticas, decidiu não enfrentar a revisão de outras despesas para inseri-lo no Orçamento.

"Agora vêm as soluções criativas, mexendo nos precatórios [dívidas do Estado cobradas pela Justiça]. É um erro para corrigir outro erro", diz.

Ainda de acordo com os documentos internos obtidos pela **Folha**, a Secretaria de Tesouro Nacional também levantou dúvidas sobre os números do programa ao analisar o rascunho da exposição de motivos do decreto (documento que acompanha medidas, trazendo as justificativas para sua criação).

Os técnicos não viram no texto "disponibilização clara" dos valores do programa social e também chamaram atenção para dados destoantes.

"Não restou devidamente evidenciado na EM [exposição de motivos] como se dará essas alocações compensatórias [dos recursos do IOF] nos programas a serem instituídos, bem como se elas serão de fato suficientes para garantir sua neutralidade, seja pela ausência de informações de valores de impactos para alguns programas ali indicados, como já destacado acima, seja pela discrepância de dados informados", afirmaram os técnicos do Tesouro.

Apesar das dúvidas em suas análises durante a discussão técnica, o Tesouro acabou dando aval à medida fazendo apenas ressalvas. Depois disso, o valor da despesa com o Auxílio Brasil foi inserido na exposição de motivos.

Já os dados apontados como discrepantes pelo Tesouro permaneceram. Eles se referiam à parte da medida que direcionaria recursos para outra iniciativa do governo, o subsídio à importação do milho. As medidas acabaram sendo oficializadas mencionando dois dados —com uma diferença de R$ 11 milhões entre as duas expectativas mencionadas de impacto fiscal para sustentar a compra da commodity.

Leandro Ferreira, presidente da Rede Brasileira de Renda Básica, afirma que os documentos ligados ao IOF aumentam a lista das falhas do governo em relação ao assunto.

"É um improviso tanto na política social como na administração do Orçamento", afirma. "Isso decorre do fato de o governo não ter se preparado a tempo para discutir o que sucederia o Bolsa Família. Todo mundo sabia que isso seria necessário após o auxílio emergencial", diz.

Ferreira não descarta que o governo vire alvo na Justiça em decorrência do assunto, por interpretar que o Executivo não está cumprindo uma decisão do STF (Supremo Tribunal Federal). Em mandado de injunção neste ano, a corte determinou que o governo regulamente uma renda básica no país a partir de 2022.

Ao longo de todo o processo de elaboração do programa, os técnicos da Economia alertaram que o aumento do IOF em 2021 não garantiria o Auxílio Brasil, pois o programa social geraria impactos fiscais também a partir de 2022, e não havia concretamente um instrumento de financiamento para os anos seguintes.

"[A Secretaria de Orçamento Federal] ressalta que [o decreto], enquanto medida compensatória para o exercício de 2021, de modo a propiciar eventual aumento de despesas do PAB [programa Auxílio Brasil], não garante a sua efetiva implementação, diante dos requisitos que precisam ser cumpridos para viabilizar o novo programa em 2022", afirmam os técnicos.

O Tesouro também chama atenção para a incerteza. "Ao que parece, há referência de impactos fiscais do citado programa que transcendem a 2021, sendo que a elevação do IOF é circunscrita a fatos geradores do corrente ano, o que nos remete a indagação sobre a forma de compensação dos anos posteriores e a garantia de neutralidade estrita para o alcance das metas fiscais ano a ano", afirma a análise.

Juliana Damasceno, economista e pesquisadora de finanças públicas do Ibre FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), afirma que o próprio governo não saber qual a fonte de recursos para o programa prejudica a medida.

"É completamente dependente uma coisa da outra. Se você não tem recurso, você não pode garantir uma fonte de custeio. É um princípio básico", afirma.

Ela diz que os números ligados ao Auxílio Brasil deveriam estar claros e poderiam ter sido discutidos e lapidados via projeto de lei com o Congresso, caso fosse feito com antecedência. Para ela, a ausência de dados dificulta a discussão.

"É extremamente importante que esses cálculos estejam abertos, com a memória de cálculo, para decidir o que vai ser feito em casos de surpresa. Muitas vezes, essa falta de dados está obscurecendo uma informação que pode ser valiosa para a sociedade".

Inscrições no Cadastro Único aumentam em 2021

Famílias cadastradas, em milhões

■ Na faixa de extrema pobreza
■ Na faixa de pobreza

Cobertura do Bolsa Família

Número de famílias, em milhões

Fila de espera do Bolsa Família

Número de famílias, em milhão

Como a fila de espera se forma

• Para entrar no Bolsa Família, é preciso estar no Cadastro Único (que reúne potencial público de programas sociais) e ter atualizado os dados há menos de 24 meses, com informações consistentes e sem pendências cadastrais

• A renda mensal da família não pode ultrapassar R$ 89 por pessoa (situação de extrema pobreza) ou R$ 178 por membro (situação de pobreza)

• Os dados mostram que as inscrições no Cadastro Único aumentaram nos últimos meses, mas o governo não tem analisado os documentos desde abril, quando começou a pagar o auxílio emergencial

• A família só entra na fila de espera após ter o cadastro avaliado pelo Ministério da Cidadania

• Por isso, a fila de espera está travada em 1,2 milhão de famílias desde abril, apesar de as inscrições no Cadastro Único terem aumentado

• Depois que entra na fila, a família precisa esperar o programa social ter orçamento para poder ampliar o número de pessoas atendidas pela transferência de renda

*Número segue inalterado enquanto houver pagamento do auxílio emergencial de 2021
Fonte: Ministério da Cidadania

Fila zera na largada do programa, mas deve voltar em 2022

Thiago Resende e Julia Chaib

BRASÍLIA Apesar de o governo prometer zerar a fila de espera do novo Bolsa Família, o programa social não deverá ser suficiente para atender à população vulnerável em 2022.

Nos moldes divulgados até o momento, o Auxílio Brasil, substituto da marca social petista, irá atender a 17 milhões de famílias —são 2 milhões a mais que a cobertura atual.

A fila de espera do Bolsa Família tem 1,2 milhão de cadastrados. Mas essa lista está congelada. Desde abril, quando o governo começou a pagar o auxílio emergencial em 2021, o Ministério da Cidadania não analisa mais os cadastros que podem se encaixar no Bolsa Família.

Cerca de 600 mil novas famílias na faixa de pobreza e extrema pobreza entraram no Cadastro Único (sistema para programas sociais) de abril a julho.

Ou seja, em tese a lista de espera até julho seria de 1,8 milhão de famílias. Mas, para entrar na fila de espera do programa, esses 600 mil cadastros ainda precisam ser conferidos pelo Ministério da Cidadania.

A expectativa é que o número de famílias em espera para entrar no programa seja zerado no fim de 2021.

Porém, integrantes do governo dizem que as inscrições no Cadastro Único subiram ainda mais a partir de julho por causa da proximidade do fim do auxílio emergencial. Em agosto e setembro, o aumento já teria sido expressivo.

Por isso, apesar da intenção de manter a fila de espera do novo Bolsa Família zerada, a tendência é que nem todos consigam ser atendidos em 2022 diante do aumento da pobreza no país.

Procurado, o Ministério da Cidadania disse que "o governo federal adotará as medidas necessárias para alcançar os cidadãos de menor renda".

Para a especialista em políticas públicas Letícia Bartholo, o Auxílio Brasil mantém a mesma falha do Bolsa Família ao não prever em lei que famílias em situação de pobreza e extrema pobreza não podem esperar pela transferência de renda.

"O problema é que a fila vai continuar existindo. A pobreza aumentou, e o Auxílio Brasil prevê que o público do programa e o valor a ser pago têm que ser compatibilizados com o que tem de orçamento", disse Bartholo, ao lembrar que o acesso não é automático.

Criado na gestão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o Bolsa Família era o carro-chefe dos programas sociais do governo para transferir renda diretamente para os mais pobres. Agora, ele será substituído pelo Auxílio Brasil a partir de novembro, numa tentativa de o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) lançar uma marca própria na área social.

O novo programa mantém as premissas do antecessor ao atender famílias em situação de extrema pobreza (renda mensal de até R$ 89 por pessoa, segundo o padrão atual do governo) e pobreza (entre R$ 89 e R$ 178).

Essas faixas, que não são corrigidas desde 2018, devem subir para cerca de R$ 93 e R$ 186, respectivamente. O reajuste, porém, não compensa a inflação do período. Quando esses limites são mais altos, mais pessoas podem se cadastrar.

> O problema é que a fila vai continuar existindo. A pobreza aumentou, e o Auxílio Brasil prevê que o público do programa e o valor a ser pago têm que ser compatibilizados com o que tem de orçamento
>
> **Letícia Bartholo**
> Especialista em políticas públicas

A fila de espera do Bolsa Família se forma quando cadastros já aprovados pelo governo ficam mais de 45 dias sem uma resposta definitiva, ou seja, sem entrar efetivamente no programa.

Esse prazo vinha sendo cumprido desde agosto de 2017, durante a gestão do ex-presidente Michel Temer (MDB). Mas, por falta de recursos, o programa não consegue cobrir a todos desde junho de 2019 —primeiro ano de Bolsonaro.

Apesar de alertas internos, o governo rejeitou, por diversos meses, ampliar o orçamento do Bolsa Família para atender aos mais pobres até o início da pandemia. Por causa da Covid-19, Bolsonaro decidiu pagar o auxílio emergencial, que se caracterizou pela ampla cobertura assistencial a famílias de baixa renda.

De acordo com dados da FGV Social, em um intervalo de pouco mais de um ano, o número de pessoas em situação de pobreza no país variou bastante. Os dados consideram famílias que ganham até R$ 261 por pessoa.

O número de pessoas nessa faixa, que era de mais de 23 milhões (11%) no fim de 2019, chegou a cair para cerca de 9,8 milhões (4,3%) na metade do ano passado, momento em que o auxílio emergencial chegou a mais famílias.

Com o fim abrupto do benefício, o número de mais pobres explodiu no primeiro trimestre de 2021, indo a mais 34,3 milhões (16,1%), para mais tarde voltar a cair, para os atuais 27,7 milhões (12,98%), com a nova rodada do auxílio emergencial a partir de abril —o benefício estava previsto até outubro.

Desde março, o tamanho do Bolsa Família bate recordes. O número de famílias está próximo de 14,7 milhões. Nem nos governos do PT a cobertura foi tão grande. Apesar desses recordes, a fila de espera supera a média dos governos de Dilma Rousseff (PT) e Temer.

O economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social, disse que o Bolsa Família, extinto após 18 anos, ajudou nos índices sociais do período.

Para ele, a transferência de renda tem efeitos positivos para a superação da desigualdade e para a atividade econômica.

Continua na pág. A14

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Cardápio

Após um período de alívio pelo fim das restrições de funcionamento, restaurantes e bares retomam o discurso pessimista. O motivo é a alta da Selic para 7,75%, que vai dificultar o crédito no momento em que as empresas estão descapitalizadas e mais de 30% seguem com prejuízo, segundo Paulo Solmucci, presidente da Abrasel (associação do setor). Ele diz que quase 45% dos negócios que tomaram empréstimo bancário estão com atraso acima de 90 dias e a tendência é de alta.

TROCO A preocupação maior, segundo a Abrasel, é o Pronampe, o programa do governo federal para conceder crédito e apoiar micro e pequenas empresas na pandemia. "Por ser o indexador do Pronampe, eleva para 9% os juros cobrados pelo programa, ante os 3,25% em 2020", diz.

CONTA Solmucci vai pedir prazos mais alongados de pagamentos ou renegociação de taxas para o setor. "Ou reestruturamos a dívida, ou todos que tomaram recursos para sobreviver serão jogados na inadimplência", afirma. Os custos de aluguel, energia, alimentos e bebidas também alertam.

CARRINHO Diante das ameaças de uma paralisação de caminhoneiros nesta segunda (1º), a Apas (Associação Paulista de Supermercados) recomendou que os estabelecimentos antecipem a reposição dos estoques de perecíveis agrícolas, como frutas e legumes, para o setor abastecer a população em caso de uma greve.

SACOLA O movimento também tem provocado apreensão em clientes, diz a Apas. Nos últimos dias, funcionários dos supermercados foram abordados por consumidores perguntando se devem estocar comida e itens de primeira necessidade, segundo relatos recebidos pela entidade.

GELADEIRA Na semana passada, o presidente da CNT (Confederação Nacional do Transporte), Vander Costa, em encontro com o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, descartou a hipótese de desabastecimento.

PÃO DE SEMOLINA Após oito anos sem abrir novas unidades, a rede Frango Assado inaugura na quinta (4) uma loja na rodovia Anhanguera, em Guará (SP), retomando seu plano de expansão. Segundo a empresa, o Frango Assado é uma das prioridades de investimento da IMC (International Meal Company), que também reúne Pizza Hut e KFC.

CAFÉ A unidade fica em um posto de combustível da rede de Monte Carlo, que fechou acordo com a IMC, no fim de 2020, para abrir até 18 restaurantes em parceria.

BALIZA As empresas gestoras dos estacionamentos de shoppings, espaços de eventos e parques, que ficaram fechados por meses na pandemia, estão otimistas com a perspectiva da Black Friday, do Natal e das férias do fim do ano.

VAGA A francesa Indigo, que no Brasil opera estacionamentos como o do Parque Ibirapuera e dos shoppings da brMalls, afirma que vai contratar cerca de 400 funcionários temporários para atender o movimento. Até o final do ano, a empresa estima um fluxo de 9 milhões de automóveis nos 80 centros comerciais que administra no país, patamar próximo do registrado em igual período de 2019.

RÉ Segundo a Abrapark, que reúne empresas de estacionamento, em setembro, o setor recuperou 75% do faturamento médio anterior à pandemia.

SEMENTE Entre os três pilares do ESG, a governança é considerada o mais importante para o negócio, na avaliação de 42% das médias e grandes indústrias, segundo pesquisa da CNI. Para 27% dos 500 executivos entrevistados, o ambiental está em primeiro lugar. É o mesmo índice dos que priorizam o social.

DIVERSIDADE Segundo a pesquisa, cerca de 80% das lideranças dizem que o ESG é importante para seus negócios, mas o índice varia conforme o porte da indústria. Enquanto 85% das grandes consideram o tema relevante, entre as médias o índice cai para 79%.

VERDE Grandes varejistas prometem fechar o ano com avanço nos projetos de logística reversa de eletrônicos na pauta das ações ambientais. O Magazine Luiza, que em junho passou a receber equipamentos usados, como celular e TV, para descarte correto, diz que coletou 1 tonelada. Em sete estados, o projeto abrange 86 coletores, segundo a empresa. A meta é chegar a 500 neste ano.

RECICLA O programa de descartes da Via, dona da Casas Bahia, recolheu 1,2 tonelada de resíduos neste ano, como telefones e pilhas, para descarte adequado. Os pontos de coleta foram instalados em 450 lojas.

com Mariana Grazini e Andressa Motter

INDICADORES

JUROS

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência outubro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 16.nov

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 19.nov. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	259,26

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 5.nov. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Fila zera na largada do programa, mas deve voltar em 2022

Continuação da pág. A13

"Ele vai atacar o pior tipo de pobreza, e faz as rodas da economia girarem", afirmou Neri.

O Ministério da Cidadania ressaltou que "é compromisso desta gestão ampliar o alcance das políticas socioassistenciais e atingir, com maior eficácia, a missão de superar a pobreza e minimizar os efeitos da desigualdade socioeconômica."

Além disso, informou que pretende aprimorar o CadÚnico e a porta de acesso aos programas sociais do governo federal, entre eles o Auxílio Brasil.

O plano do presidente Bolsonaro é elevar o benefício médio das famílias. Hoje, o Bolsa Família paga, em média, cerca de R$ 190. Bolsonaro quer pagar, no mínimo, R$ 400 até dezembro de 2022.

> **"É compromisso desta gestão ampliar o alcance das políticas socioassistenciais e atingir, com maior eficácia, a missão de superar a pobreza e minimizar os efeitos da desigualdade**
>
> **Ministério da Economia**

A principal diferença entre o Auxílio Brasil e o Bolsa Família é a intenção do governo de ampliar a verba para o programa.

De olho nas eleições de 2022, Bolsonaro foi aconselhado por aliados a destinar mais recursos para essa área.

Para Neri, o programa deveria estar afastado dessa questão política. "A pobreza sempre cai em ano antes de eleição e sobe em ano pós-eleição".

Para Bartholo, a falta de previsibilidade para as famílias mais pobres prejudica a política pública de combate à fome e à pobreza. "Essas famílias precisam saber quanto vão receber depois, em 2023".

Por falta de espaço no Orçamento, o governo precisa ainda aprovar uma proposta no Congresso para que haja mais recursos disponíveis nos próximos anos, inclusive em 2022. Os recursos seriam garantidos com a aprovação de uma proposta de emenda constitucional que trata de precatórios (despesas do governo reconhecidas pela Justiça), que prevê um drible ao teto de gastos.

O Palácio do Planalto depende dessa medida para colocar em prática o plano de ampliar o benefício de assistência social para R$ 400 e atingir a cobertura de 17 milhões de famílias.

Caixa avança no crédito imobiliário para classe média com juro menor

Banco virou o jogo nas operações com dinheiro da poupança e evitou quebra de construtoras com oferta de linhas mais flexíveis

Julio Wiziack

BRASÍLIA A Caixa, que já detinha a liderança do mercado de financiamento imobiliário com recursos do FGTS, virou o jogo contra os bancos privados nos empréstimos habitacionais para a classe média lastreados com dinheiro da poupança, o chamado SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo). Segundo o presidente da Caixa, Pedro Guimarães, pela primeira vez, os contratos firmados com recursos da poupança passaram a representar 51% do total. "Até o final do ano nossa estimativa é termos na carteira R$ 58 bilhões em contratos financiados pelo FGTS contra R$ 80 bilhões do SBPE firmados neste ano", disse Guimarães à **Folha**.

Com esse movimento, a Caixa passa a ter uma estratégia mais ousada, disputando o rentável negócio dos financiamentos para a classe média. Para isso, Guimarães diz que teve de enxugar os custos. "Vendemos prédios que não faziam sentido. Eram 248 próprios e agora contamos com 96. Muitos imóveis alugados por um preço exorbitante foram renegociados. Somente aí foi uma redução de R$ 700 milhões por ano."

Houve renegociação de contratos com fornecedores e o banco partiu para a venda de ativos, como ações de empresas ou participação direta em outros negócios. "Em valor presente, trouxemos para o nosso balanço cerca de R$ 10 bilhões com esse processo todo", disse Guimarães. "Esse foi o principal fator para que pudéssemos oferecer mais crédito com recursos próprios." A partir daí, o banco passou a reduzir os juros para retomar a perda de participação nos empréstimos da habitação para os bancos privados, que operam basicamente com recursos da poupança.

Até 2019, a maior parte dos contratos imobiliários dos bancos estava lastreada com o FGTS. O fundo costuma emprestar dinheiro para projetos de habitação. Na Caixa, ele financia programas do governo como o Casa Verde e Amarela.

Esse dinheiro sustenta a oferta de novas operações, que precisam ser rentáveis tanto para o fundo quanto para o banco.

No entanto, há um teto definido pelo Conselho Curador do FGTS para a exploração desses recursos. O fundo nunca pode perder dinheiro e há limites bem definidos para o tomador.

O negócio mais atrativo para as instituições privadas é a oferta do SBPE, uma linha de crédito abastecida com dinheiro da poupança, que deixa cada instituição livre para definir seu custo na oferta do financiamento (juros) e o limite de crédito a ser tomado pelo cliente.

Caixa amplia participação no mercado com recursos da poupança

Carteira imobiliária, em R$ bilhões

Fonte: Caixa e BC

Raio x da Caixa

De onde saem os recursos para empréstimos da habitação (em % do total dos contratos)

Poupança (SBPE) FGTS

R$ 1,1 trilhão

É o estoque do crédito imobiliário feito para clientes (pessoas físicas) até setembro deste ano; empresas receberam R$ 691 bilhões nesse tipo de financiamento no mesmo período

> **"Pisamos no acelerador [da oferta de crédito] porque percebemos que, se a gente parasse a máquina do crédito durante a pandemia, as construtoras iriam quebrar e nossa retomada [pós-pandemia] seria muito mais lenta**
>
> **Pedro Guimarães**
> presidente da Caixa

Seguindo as regras do Banco Central, pelo menos 65% do dinheiro aplicado pelos correntistas nas cadernetas são direcionados para o SBPE. O pagamento pode ser parcelado em até 35 anos e a prestação não pode comprometer mais que 30% da renda familiar mensal. É possível financiar até 80% do valor do imóvel novo ou usado.

Segundo o BC, até setembro, o estoque de crédito habitacional atingiu R$ 1,1 trilhão, crescimento de 17,4% em relação ao mesmo período de 2020.

Guimarães afirma que a Caixa liderou essa alta com metade desse estoque. O Itaú-Unibanco, que segundo o BC administra a segunda maior carteira (R$ 70,2 bilhões), participa com 6% desse mercado, de acordo com os dados computados até junho deste ano. O Bradesco movimenta um pouco menos (R$ 65,9 bilhões).

O crescimento da Caixa se deve ainda à concessão de até seis meses de carência durante a crise causada pela pandemia. Foi concedido o mesmo prazo para quem fechou um contrato novo. Também pesou nessas vendas a abrangência da rede de atendimento. O resultado foi uma operação arriscada pelo potencial de inadimplência futura. "Foi um risco que corremos", disse o chefe da Caixa. "Foram R$ 18 bilhões em pausa dos pagamentos por quase 2,5 milhões de famílias."

Se encerrado esse prazo os mutuários não voltassem a pagar, o banco teria de assumir essas perdas em seu balanço e, pelas regras do BC, seria forçado a pisar no freio reduzindo o volume de crédito imobiliário.

Dentre os auxiliares de Bolsonaro, o nome do presidente da Caixa é apontado como candidato ao posto de vice na chapa que o presidente tentará a reeleição no próximo ano. Ele também é mencionado como substituto do ministro da Economia, Paulo Guedes, desgastado pelos políticos do centrão, base aliada do governo. Guimarães nega ambos os planos e diz que está "focado" em fazer do banco uma instituição competitiva.

Desde janeiro, o banco fechou 1,7 milhão de financiamentos. A carteira de habitação conta com 6 milhões de contratos, totalizando R$ 550 bilhões (dado mais recente).

Para os empreiteiros, o banco flexibilizou o acesso às linhas de capital de giro. Antes, as construtoras precisavam comprovar ao menos 30% da execução das obras para ter direito à primeira rodada de crédito.

Guimarães decidiu liberar esse dinheiro mesmo com as obras a 10% e 20% de execução. "Eu sabia que haveria uma retomada lá na frente", disse.

Para o presidente da CBIC (Câmara Brasileira da Construção), José Carlos Martins, isso foi o que segurou o mercado. "Sem as linhas da Caixa e o avanço do banco no SBPE, muitas construtoras teriam fechado as portas." Martins avalia que houve uma "desvirtuação" do FGTS que, durante as sucessivas crises do passado, vem sofrendo saques vultosos a ponto de comprometer orçamento para obras. "Outro fator que pesou contra [o FGTS] foi o aumento do custo da construção, pressionando o valor dos imóveis, algo que fez estourar os limites de financiamento com dinheiro do fundo [pelo tomador]. Com o SBPE não tem esse teto. Tem banco privado que coloca até dinheiro da tesouraria para fazer essas operações."

Euforia domina as criptomoedas

Valorização de ativos sem regulamentação enfatiza tempos de irracionalidade

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Todo carnaval tem seu fim, como cantavam os Los Hermanos. No ramo das criptomoedas esse fim ainda não chegou. Na semana passada mais um fenômeno aconteceu. A criptomoeda chamada Shiba Inu teve uma valorização impressionante, acumulando mais de 700% em 30 dias.

A Shiba Inu faz parte do segmento das "memecoins", fusão entre as moedas digitais e os memes da internet. Tanto é que seu nome e símbolo fazem referência a uma simpática raça de cachorro japonês muito popular na internet. A moeda foi criada em agosto de 2020 por um anônimo que se autodenomina Ryoshi. O objetivo do criador foi competir com outra memecoin chamada Dogecoin, que também usa o mesmo cachorro de mascote.

Uma das características das memecoins é que elas não têm praticamente nenhuma aplicação prática além da especulação financeira, capaz de enriquecer da noite para o dia quem acreditou nelas no momento certo. E ponha enriquecer nisso. Por exemplo, um investidor comprou US$ 8.000 de Shiba Inu em agosto de 2020. No dia 27 de outubro de 2021 esse valor correspondia a US$ 5,7 bilhões. E não é só. O valor total de mercado de criptomoeda ultrapassou na semana passada o valor em empresas como General Mills, 7-Eleven, Delta Airlines, Kellogs e o valor da própria bolsa Nasdaq.

O influxo de dinheiro para a Shiba Inu foi tão considerável que no dia da sua maior ascensão a maioria das outras criptomoedas perderam valor. Mais do que isso, a moeda passou a ocupar o nono posto das maiores criptomoedas do planeta. O caso despertou um frenesi com relação a outras memecoins como a Floki Inu (que também usa um cachorro da mesma raça como mascote), criada por membros da "comunidade" das memecoins.

Há algumas observações que podem ser feitas sobre tudo isso. A primeira é que vale nos lembrarmos todos os dias da frase do escritor Doc Searls que diz que "mercados são conversas". Mais do que nunca existe uma aproximação entre o fluxo imprevisível da informação na internet e a orientação dos mercados. O caso Gamestop foi uma vitrine disso. O caso das memecoins está sendo outra. A frase "follow the money" em breve vai precisar ser substituída por "follow the meme", que é o que está acontecendo hoje.

Outra questão é regulatória. Haverá algum tipo de intervenção nesses movimentos do mercado? Essa regulação será eficaz? O caso mais conhecido de regulação drástica vem, de novo, da China. O país simplesmente proibiu qualquer tipo de uso ou atividade relacionada a criptomoedas, com exceção da sua própria, o e-Renminbi. A alegação do país é que os mercados financeiros precisam estar conectados à economia real. O temor é que com taxas de retorno sobre investimento declinantes, investidores começassem a migrar seus recursos para as criptomoedas, que de fato têm superado os retornos de outros ativos recentemente.

O fato é que estamos vivendo tempos de irracionalidade. Será tudo mais uma crise das tulipas? Ou o prenúncio de que uma mudança mais profunda, mais caótica, está em curso?

READER

Já era *copyright principal direito sobre conteúdos na internet*

Já é *direitos de privacidade sobre dados pessoais*

Já vem *neurodireitos*

Beto Carrero e Playcenter querem tentar comprar Hopi Hari

SALVADOR Os parques Beto Carrero World e Playcenter se uniram para apresentar uma proposta de compra do Hopi Hari, localizado em Vinhedo (SP), que enfrenta um processo de recuperação judicial desde 2016. Wet'n Wild, Senpar, RTSC e KR Capital também fazem parte do grupo que fez a proposta.

Em nota, o grupo afirma que o plano inclui a quitação da dívida de R$ 250 milhões do parque e a previsão de mais de R$ 150 milhões em investimentos para a recuperação do local.

A proposta foi apresentada na última terça-feira (26) e será analisada na próxima assembleia de recuperação judicial do Hopi Hari, marcada para esta quarta (3). Segundo o grupo, o plano conta com apoio dos credores PrevHab e BNDES.

Contudo, o Hopi Hari questionou a proposta. Em nota, o parque disse que o grupo interessado é composto basicamente por atores de seu mesmo ramo de atividades, alguns deles concorrentes diretos, o que levanta dúvidas sobre as verdadeiras intenções da proposta.

Segundo a companhia, a organização do movimento às vésperas da assembleia pode ser uma tentativa de desestabilização do processo, o que poderia prejudicar o empreendimento e seus credores.

Além disso, o Hopi Hari contesta a legitimidade do grupo de investidores para apresentar uma proposta alternativa de plano de pagamento. De acordo com o comunicado, nem os próprios credores têm prerrogativa para tal e, não havendo possibilidade jurídica de apreciação da proposta, cabe aos credores decidir sobre o destino das sociedades, dos empregos e de seus créditos.

"Conclui-se que uma proposta de última hora, formulada por quem não tem interesses transparentes, posto que são concorrentes, e, ainda, formulada sob condição, o que permite sua retirada a qualquer tempo, seja elemento para tumultuar o processo, e pior, influenciar a decisão", diz o comunicado.

O grupo que apresentou a proposta afirma que a compra do Hopi Hari "será apenas o começo de um grande investimento turístico na região".

A região das cidades de Vinhedo, Itupeva, Jundiaí e Louveira, a cerca de 75 km da capital paulista, possui, além do Hopi Hari, atrações como o parque Wet'n Wild, o resort Quality, o shopping Serr Azul e o Outlet Premium. O governo do estado pretende inaugurar em 30 de novembro o distrito turístico de Serra Azul na região, numa área de 41 quilômetros quadrados das cidades.

O objetivo do distrito turístico é atrair investimentos que consolidem o potencial de lazer da região. Para ser considerado distrito, segundo o decreto aprovado pela Assembleia Legislativa paulista em junho, é preciso ter interesse cultural, histórico, ambiental e econômico, orla marítima ou a presença de complexos de lazer e parques temáticos.

O distrito tem um comitê gestor, formado por representantes dos municípios, governo estadual e iniciativa privada, que elabora um plano diretor para o turismo da região.

Qualquer obra ou modificação feita ali precisa de aprovação do conselho e deve seguir as diretrizes do plano, e a meta é que só sejam desenvolvidos atrativos que tenham relação com a atividade turística. Restaurantes são bem-vindos, fábricas, não.

Para ajudar na atração de investimentos, a lei prevê que sejam dados benefícios fiscais e de acesso a crédito.

O modelo de distrito turístico escolhido pelo estado de São Paulo se assemelha ao desenvolvido em Orlando, nos EUA, por ser baseado em parques temáticos e estar numa região que não é famosa por atrações naturais ou culturais.

tec

Internet no Brasil é mais lenta que a média

Índice da Ookla põe país na 76ª posição de ranking sobre redes móveis, e baixa performance expõe desigualdade

Paula Soprana

SÃO PAULO A velocidade da internet móvel brasileira está abaixo da média global, de 63,15Mbps para download. Um índice recente mostra que o país ocupa o 76º lugar entre 138 nações. Embora a conexão avance ano a ano, a baixa performance é reflexo da desigualdade de acesso, segundo analistas. A velocidade média deriva, principalmente, da distribuição de antenas por habitantes — a alta demanda por dados tende a congestionar o tráfego.

O Brasil (com 33,92 Mbps) é o quarto da América Latina e Caribe, atrás de Suriname, Jamaica e Uruguai, segundo relatório trimestral da Speedest Global Index, da Ookla, empresa que faz medições de internet. Os Emirados Árabes Unidos, com velocidade quase quatro vezes mais rápida que a média global, ficam em primeiro lugar, não apenas por investimento, mas porque as cidades mais povoadas estão concentradas em meio ao deserto.

Na internet fixa, o Brasil se sai melhor, com 113,09 Mbps, próximo à média global, de 113,25 Mbps.

São Paulo tem um dos índices mais rápidos (25,08 Mbps) entre as capitais brasileiras, mas os contrastes na cidade e na região metropolitana evidenciam parte do problema enfrentado no país. Enquanto o bairro Itaim Bibi, na zona oeste, tem quase 50 antenas para 10 mil habitantes, em locais mais pobres como Cidade Tiradentes, José Bonifácio e Jardim Helena, a proporção cai para uma antena a cada 10 mil pessoas, de acordo com o Mapa da Desigualdade, divulgado em setembro.

A média da cidade, que está entre as mais conectadas, é de 2.500 habitantes por antenas. Um número aceitável, segundo padrões da UIT (União Internacional de Telecomunicações), varia de 1.000 a 1.500 habitantes por antenas.

Considerando as pessoas que trafegam pela cidade todos os dias, supera 3.500. No caso de Cidade Tiradentes, são quase 17 mil por antena.

Além da velocidade, outros aspectos influenciam a qualidade de acesso. O país tem 87% de usuários de internet, segundo o Cetic.br, mas muitos possuem conexão apenas às redes sociais incluídas como bônus em planos pré-pagos vendidos pelas operadoras. Para a UIT, é considerado usuário quem se conectou ao menos uma vez nos últimos três meses. "Não podemos chamar isso de conectado. Quase 75% dos usuários móveis usam pré-pago, com aplicativos para acessar livremente, claro, pagando com seus dados pessoais. Se a pessoa acessar Facebook e WhatsApp já é considerada usuária, mas não está conectada de forma abrangente", diz Luca Belli, professor da FGV Direito Rio e coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV.

Ele aponta, também, para o custo de conexão, que chega a 15% ou 20% do salário mínimo em muitos dos casos. Além de velocidade baixa nas regiões mais pobres, quem não possui capacidade de pagar um plano com acesso pleno à internet obtém o que Belli chama de "fake news subsidiada".

Para Flavia Lefèvre, advogada na área de telecomunicações, o desempenho do país em internet banda larga fixa é superior na comparação com internet móvel porque ele resultou de política pública.

Muito do tráfego ainda está associado a contratos de concessão que estão no regime público, portanto atendem a metas de investimento. O setor móvel é exclusivamente atendido pelo setor privado, que prioriza investimento onde há retorno financeiro.

"É uma política pública de investimento em infraestrutura insuficiente, que não conseguiu estimular os investimentos necessários para atender a demanda de acesso, e isso ficou muito claro na pandemia", diz. Ela se refere aos acordos de operadoras com a Anatel para degradar um pouco o tráfego e permitir que todos tivessem acesso.

Na sua avaliação, os benefícios diretos da tecnologia 5G podem demorar em torno de oito anos para chegar à população mais pobre.

O estudo da Ookla concluiu que a Claro tem, na média, a velocidade de internet móvel mais rápida, considerando o terceiro trimestre de 2021. Em segundo lugar vêm Vivo, Tim e Oi. Já os smartphones considerados mais velozes foram o iPhone 12 5G, com o maior desempenho para fazer downloads. A Apple ocupou as três primeiras posições.

Internet móvel brasileira fica em 76º lugar em ranking de velocidade

País é o quarto na região de América Latina e Caribe

Fonte: Speedtest Global Index/setembro de 21

Os desafios da jornada de transformação digital na nova economia da informação em rede

OPINIÃO

Eliomar Araújo de Lima

Pesquisador do Centro de Excelência em Inteligência Artificial da UFG (Universidade Federal de Goiás)

A transformação digital, que tem sido inspiração para empresas na era da economia informacional, é uma expressão que adquire múltiplos sentidos, podendo significar diversos públicos em diferentes contextos.

Seja como for, para ter alguma relevância no contexto corporativo, espera-se que o sentido atribuído possa estar associado ao aumento das chances de sucesso profissional. Os negócios, atualmente, passam por transformações em plena revolução digital.

Novas exigências e requisitos corporativos são demandados, desde mudanças fundamentais na forma como operam e se relacionam com clientes, agentes de mercado e colaboradores, até a necessidade de se adquirir novas competências e posicionamentos estratégicos.

Neste cenário, a reconstituição do capital intelectual, compreendida pela equipe de trabalho, estrutural e clientes, é a 'pedra angular' para habilitar a instituição competitiva.

O principal foco está centrado na exponencialidade da digitalização e no uso massivo da internet, que são pontos de partidas para a ressignificação dos negócios.

A tecnologia e a internet são temas principais do desenvolvimento institucional, complementados pelos indutores tecnológicos. Processamento de dados e ferramentas exponenciais, incluindo inteligência artificial, internet das coisas, segurança cibernética, computação em nuvem, realidade aumentada, proteção de dados pessoais, big data, 5G e nexus da indústria 4.0, são alguns exemplos de desenvolvimentos inovadores.

O crescimento inovador proporciona novos modelos de contratos, por meio das técnicas assimiladas e aplicadas, podendo variar de acordo com o propósito, modelo, centralidade das tecnologias digitais, capacidade operacional ágio à decisão de serviço, automação em larga escala e suporte a processos operacionais.

A assimilação define o modo como as inovações serão inseridas nos distintos domínios e funções de ofícios.

A escalada tecnológica envolve o mapeamento com grandes coleções de dados já processados e armazenados. O primeiro passo é entender quais serão os desdobramentos elaborados e aprimorados.

Por estes fatores, a sociedade discute o interesse das organizações na construção de grandes conglomerados de dados para potencializar o surgimento de janelas de oportunidades, que emergem das descobertas de conhecimento e insights, aumentando o nível de exigência para se manterem competitivas aos anseios dos clientes.

Os gestores e líderes empresariais almejam uma plataforma de negócio cada vez mais inovadora, mas esbarram nas faltas de recursos básicos e aplicações baseadas em tecnologias digitais simples, acessíveis, confiáveis e performáticas, para atender os requisitos das novas demandas e efetividade organizacional.

Não é incomum encontrar entidades que enfrentam dificuldades em sua adaptação ao novo estilo de se fazer parcerias na nova economia da informação em rede ou economia em rede.

A economia em rede, potencializada pelas ondas de transformação digital experimentadas pelas companhias, nas últimas duas décadas, traz uma série de implicações que podem ser percebidas nos diferentes setores da atividade econômica, como novos requisitos legais e de conformidade regulatória emanados da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei de Acesso à Informação e do Marco Regulatório da Internet.

O quadro se agrava quando as firmas não dimensionam adequadamente a sua capacidade instalada e o nível de competências necessárias para produzirem os resultados desejados, mantendo níveis de desempenhos aceitáveis para assegurar a resiliência do investimento.

Contudo, resta aos investidores aprender com os obstáculos e chances que se encerram na era da economia em rede, em meio ao tsunami provocado pela transformação digital.

folhainvest

Papo sério antes do casamento

Falar de finanças pode ser chato, mas não faça de conta que não precisa

Marcia Dessen
Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

Lu e Léo estão convencidos que encontraram suas almas gêmeas, a pessoa com quem querem passar o resto de suas vidas. Enquanto sonham devem, também, planejar como será o futuro, juntos.

Eles sabem que problemas financeiros são uma das principais causas de estresse no casamento, convivem com amigos cujos relacionamentos não vingaram, mas por uma razão ou por outra, ainda não tiveram um papo sério sobre finanças.

O tipo de comunicação entre eles determinará como a conversa será conduzida, podendo ser fácil, ou nem tanto, mas deve acontecer.

As finanças serão uma consequência do planejamento da vida que querem viver, do padrão e do estilo de vida. Trago alguns exemplos de perguntas cujas respostas indicarão se o casal está em sintonia ou se precisam fazer ajustes para evitar problemas futuros.

Que tipo de cerimônia desejam, quantos convidados, quanto esperam gastar com isso? Onde será a lua-de-mel e qual o orçamento para essa viagem?

Onde gostariam de morar, tanto quanto à localização geográfica, quanto ao tipo do imóvel, casa, apartamento, chácara, condomínio de casas etc.

Pretendem ter filhos? Quantos? Serão educados em escola pública ou privada?

Ambos irão trabalhar ou apenas um de vocês será o provedor dos recursos financeiros? De quanto será a contribuição de cada um para o orçamento familiar?

Parte da conversa será mais fria e racional, restrita a fatos, e diz respeito a aspectos nem um pouco românticos, mas que precisam ser abordados.

Quanto você ganha? Que porcentagem do salário consegue economizar mensalmente? Quanto tem guardado em investimentos? Você é financeiramente responsável por mais alguém? Tem dívidas? Quanto deve? Como pretende pagar?

Qual será o regime de comunhão de bens? Lembre-se de que o Código Civil equipara a união estável ao casamento em diversas questões que envolvem direitos patrimoniais.

Alguns aspectos práticos também farão parte dessa conversa: as contas bancárias serão conjuntas, separadas ou uma combinação de ambos? Como serão compartilhadas as responsabilidades financeiras? Quem pagará as contas da casa? Com que frequência as finanças da família serão revisadas? Que tipo de independência de gastos cada um gostaria de ter?

Casamentos acontecem em todas as fases da vida. As nuances das primeiras bodas, aos 30 anos, serão diferentes, por exemplo, do segundo ou terceiro casamentos aos 50 anos, ou 70 anos.

Em casamentos posteriores, a tendência é a de que o casal tenha maior clareza sobre as finanças da família e eventuais heranças. Isso gera um novo conjunto de perguntas. Se, por exemplo, os pais da noiva estão bem e os do noivo seguem lutando com as finanças, é desejável conversar sobre esse desequilíbrio.

Embora a questão de ter e criar filhos possa não ser um problema para casamentos posteriores, filhos de múltiplos casamentos é um assunto que deve ser abordado; os casais devem ter clareza sobre como desejam que seu patrimônio seja distribuído.

Ao entrar nesse tipo de conversa, vá devagar, seja respeitoso e evite qualquer tipo de julgamento. Vocês se amam e procuram o conhecimento prévio dos fatos para preservar o amor que sentem um pelo outro.

Saiba que nem sempre estarão de acordo e não se decepcione por isso, é natural que algumas opiniões sejam divergentes, desde que não comprometam a harmonia e o entendimento mútuo necessário antes de celebrar a união. E durante a união, é claro.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecília Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Reabertura e Selic alta guiam apostas em fundo imobiliário

Carteiras com shoppings e títulos têm se destacado no radar de especialistas

Lucas Bombana

SÃO PAULO Em meio a uma incômoda pressão inflacionária que não dá sinais de que irá arrefecer tão cedo, os economistas vêm paulatinamente revisando as projeções para a taxa Selic tida como suficiente para conter a alta dos preços.

No último relatório Focus, a estimativa dos especialistas apontava para uma taxa de 8,75% no fim deste ano, chegando a 9,5% em 2022 —em janeiro, as estimativas eram de 3,25% e 4,75%, respectivamente—, e é provável que novos ajustes ocorram após a alta de 1,5 ponto percentual do Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central) que levou a Selic para 7,75%.

Além de reduzir a atratividade da Bolsa, o aumento dos juros, que subiram ainda mais nos últimos dias por conta das incertezas sobre a política fiscal do governo, tem causado impactos negativos para o mercado imobiliário.

Após uma queda de 10,2% no ano passado por conta das restrições impostas pelo isolamento social, o Ifix, índice que reúne os principais fundos imobiliários, acumula desvalorização próxima de 6,5% em 2021, até 27 de outubro.

Na avaliação de especialistas que atuam no setor, apesar da retomada em curso permitida pela vacinação, as revisões constantes nas projeções do mercado para a Selic, que refletem, em última instância, a incerteza para o cenário de curto prazo, têm contribuído para a performance errática dos fundos. "O que de alguma maneira tem atrapalhado a precificação no mercado secundário de fundos imobiliários é a falta de visibilidade de sobre qual será o patamar dos juros nos próximos meses", diz Luis Stacchini, sócio e co-diretor de investimentos imobiliários da gestora Navi.

"O grande debate do momento no mercado hoje é saber onde a Selic vai parar", endossa Carlos Martins, sócio e gestor de fundos imobiliários da Kinea Investimentos, que espera que a taxa pare em um patamar bem acima do que o mercado previa inicialmente.

Em um contexto de aumento nos juros no financiamento imobiliário, gestores destacam que alguma acomodação no ritmo de expansão no setor deve ser aguardada, principalmente por parte dos investidores que ingressaram no mercado recentemente.

Atraídos pela isenção fiscal para pessoa física, a base de investidores no mercado de fundos imobiliários saltou de aproximadamente 650 mil no fim de 2019 para cerca de 1,17 milhão em dezembro do ano passado, segundo a B3. Em setembro de 2021, o número já havia se aproximado da marca de 1,5 milhão de CPFs.

Evolução da taxa Selic e dos fundos imobiliários em 10 anos

*Dados até 11.out | Fontes: B3, BC

> Essa retomada vai ser capturada pelos fundos de shoppings, que vão acabar distribuindo mais dividendos
>
> **Carlos Martins**
> Sócio e gestor de fundos imobiliários da Kiena Investimentos

Para essa massa em busca de rendimento periódico, os gestores destacam que, apesar do ambiente desafiador que se desenha à frente, é possível encontrar boas oportunidades para uma carteira diversificada de fundos imobiliários.

Citam aqueles que investem em shoppings, devido à perspectiva de que o avanço da vacinação permitirá a volta gradual das atividades sociais, bem como os chamados fundos imobiliários de papel, que investem em CRIs (Certificados de Recebíveis Imobiliários), títulos privados de renda fixa indexados ao IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) ou ao CDI.

Stacchini diz que há cerca de dois meses que montou uma posição no setor de shoppings dentro da carteira do fundo de fundos Navi Imobiliário Total Return, por meio de fundos dedicados à tese das gestoras HSI, XP Asset e Hedge Investments.

"A precificação dos fundos de shoppings atingiu um nível exagerado e entendemos que tem espaço para alguma recuperação, conforme a dinâmica for se normalizando", diz.

Martins, da Kinea, também espera retomada dos centros comerciais, que já estão sem limitação no horário de funcionamento e com relatos de movimento até maior do que no período pré-pandemia.

"Essa retomada vai ser capturada pelos fundos de shoppings, que vão acabar distribuindo mais dividendos", diz.

Ele acrescenta, contudo, que enxerga os fundos de papel com CRIs indexados à inflação como a opção mais segura neste momento, uma vez que a expectativa é que os preços sigam pressionados.

"Até que a inflação comece a convergir para a meta, os fundos de CRIs que seguem o IPCA terão um bom desempenho", diz Martins.

Stacchini, da Navi, acrescenta que, com a alta da Selic, fundos que destinam boa parte dos recursos para certificados cujo indexador seja o CDI, como o CSHG Recebíveis Imobiliários, devem apresentar um pagamento crescente de dividendos ao longo dos próximos meses.

No setor corporativo, ele diz que tem concentrado as apostas em fundos de logística e varejo, como o Succespar Varejo e o Guardian Logística, com contratos de longo prazo indexados à inflação e locatários de grande porte como a rede atacadista Assaí, a BRF e a British American Tobacco.

Por outro lado, em um ambiente de juros altos e incertezas sobre o novo modelo de trabalho daqui para frente, Stacchini afirma ter uma visão mais cautelosa em relação aos fundos de lajes corporativas e escritórios comerciais.

"São fundos que até parecem baratos, mas nossa avaliação é a de que não existem gatilhos para uma performance mais forte olhando para o curto prazo".

Já na RBR Asset, o sócio e gestor Bruno Nardo afirma que o setor de escritórios e lajes corporativas é hoje a maior posição dentro da carteira do fundo de fundos RBR Alpha Multiestratégia.

"Gostamos de imóveis corporativos de ótima qualidade nas melhores regiões de São Paulo", diz Nardo. Ele destaca os fundos Tellus Properties e CSHG Real Estate entre os que melhor reúnem essas características.

Segundo o especialista, entre os prédios de alto padrão localizados próximos da av. Faria Lima, centro financeiro na zona oeste de São Paulo, o nível de vacância está perto de zero, com os preços dos aluguéis tendo subido cerca de 10% na média dos últimos 12 meses.

Nardo acrescenta que observou ao longo da pandemia muitos investidores, principalmente pessoas físicas, venderem cotas de fundos imobiliários pelo receio de que o esquema de trabalho em casa faria os escritórios perderem sua função.

"Mas o que temos visto na prática é uma volta gradual aos locais de trabalho", diz.

Ele reconhece, contudo, que uma valorização mais expressiva da categoria deve ocorrer só quando o prêmio de risco oferecido pelos títulos públicos tiver alguma descompressão.

"Já tem muita notícia ruim nos preços, o que não quer dizer que não pode piorar. Mas olhando para um cenário de pós-eleição, sou otimista com a valorização desses ativos".

Martins, da Kinea, afirma que, antes de fazer uma avaliação sobre as melhores oportunidades no mercado, o investidor precisa ter bem claro qual é o horizonte de investimento que tem disponível para manter a posição em carteira, bem como sua tolerância ao risco.

"Os fundos de tijolo não vão conseguir superar o nível de retorno dos fundos de papel no curto prazo. Mas para um investidor que está olhando para o médio prazo, ao redor de três anos, pode ser um momento interessante para comprar cotas de fundos de lajes corporativas bastante descontadas", afirma Martins.

Com medo da evasão, escolas devem ter reajuste menor

AGORA | SÃO PAULO As escolas particulares deverão ser cautelosas ao definir os percentuais de reajuste nos preços para o ano letivo de 2022. Diante da crise econômica, as instituições temem que um aumento muito elevado provoque alto índice de evasão.

Por lei, as escolas devem comunicar os reajustes no mínimo 45 dias antes do prazo para realização da matrícula.

"As escolas sabem que não podem aumentar demais, porque as famílias já estão com muita dificuldade financeira", diz Benjamin Ribeiro da Silva, presidente do Sieeesp (sindicato dos estabelecimentos de ensino de São Paulo).

O índice de inadimplência está em aproximadamente 8% nas escolas do estado.

mpme

Empreendedores contam como lidam com sobrecarga mental na pandemia

Mais de 30% dos donos de negócios começaram tratamento psicológico na crise, aponta estudo

Renan Marra

SÃO PAULO Diante da incerteza e da queda de receita, quase um terço dos empreendedores brasileiros buscou ajuda psicológica na pandemia. O estudo é da Troposlab, empresa de inovação, em parceria com a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

De acordo com o levantamento, 30,1% dos empresários recorreram a tratamento profissional. A pesquisa foi feita com 312 pessoas em 18 estados e no Distrito Federal.

Comparado ao ano passado, mais empreendedores estão usando medicamentos psiquiátricos — 26% neste ano, enquanto 16% disseram ter tomado medicação em 2020. O uso de ansiolíticos saltou de 6% para 10%, e de antidepressivos de 3% para 8%.

"Quem reportou queda na renda apresentou mais sintomas moderados e severos de ansiedade ou depressão", afirma Marina Mendonça, sócia e diretora da Troposlab.

Na Vibe Saúde, startup de telemedicina, houve aumento no diagnóstico de burnout entre os donos de negócios, afirma a psicóloga Isadora Bettarello, coordenadora do setor de psicologia.

Segundo ela, os sintomas se manifestam de forma física e psicológica, com estresse prolongado, dificuldade de concentração, falta de memória, dor de cabeça e sudorese.

Sem o tratamento adequado ou mudanças de hábitos, o quadro pode evoluir para depressão severa e estagnação completa, afirma Bettarello.

As mulheres sofreram mais psicologicamente com a pandemia, segundo o estudo da Troposlab. Elas apresentaram mais sintomas severos de ansiedade (12,5%) em comparação com homens (2,8%), estresse (7,3% contra 1,1%) e também depressão (6,6% contra 2,8%).

"O empreendedorismo acompanhado do home office fez com que as mulheres ficassem ainda mais atarefadas. A cobrança é maior, e muitas vezes, até inconscientemente, elas entram em conflito interno", diz Cintia Martins, consultora do Sebrae-SP.

Conheça a seguir histórias de empreendedores que tiveram a saúde mental fragilizada durante a pandemia.

Rodolfo Gomes, sócio da PPTGO, no escritório da empresa em São Paulo Danilo Verpa/Folhapress

Jucelha Carvalho, na sede da Associação Catarinense de Tecnologia, em Florianópolis Anderson Coelho/Folhapress

'Reservei momentos de lazer para não enlouquecer'

RODOLFO GOMES, 37
sócio da startup PPTGO

A jornada do empreendedor é de muita incerteza, risco e responsabilidade. Antes de abrir o próprio negócio, cuidava financeiramente só da minha família. Mas, quando você emprega, tem a responsabilidade sobre a de outras pessoas também.

Somos uma startup que cria vídeos e apresentações de alto impacto. Não sabíamos como os clientes reagiriam à pandemia já que nossos materiais são usados principalmente em eventos corporativos.

O medo do futuro aumentou a minha ansiedade e fragilizou a minha saúde mental. Estar em casa com dois filhos conciliando as atividades de empreendedor foi um processo novo. Tive insônia, palpitações e falta de concentração.

Ser um executivo negro no mercado de marketing sempre exigiu 200% de mim. Na pandemia, me senti ainda mais sobrecarregado.

Voltei para a terapia. Ganhei autoconhecimento e revi minhas prioridades. Mudamos de São Paulo para Guararema [Grande São Paulo] em busca de mais qualidade de vida.

> **Passei a fazer pequenas pausas no horário de expediente. Saio de casa e vou passear com o meu filho. São momentos que me permitem respirar e também ajudam a aumentar a produtividade**
>
> **Rodolfo Gomes**
> sócio da startup PPTGO

Também passei a fazer pequenas pausas no horário de expediente. Saio de casa e vou passear à beira do rio com o meu filho. São momentos que me permitem respirar. O equilíbrio é possível desde que você tenha disciplina.

As mudanças ajudaram a aumentar a produtividade. A minha empresa é de criação e, com a pressão sob controle, tenho novas ideias, penso em estratégias e planejo o futuro.

As fases difíceis inevitavelmente vão aparecer na vida do pequeno e do grande empreendedor. Por isso, é importante estar preparado.

Apesar do medo inicial, agregamos novos serviços na pandemia e conseguimos manter a média de crescimento de 50% ao ano. E aprendi uma lição na crise. Agora sempre me pergunto: "Por que eu vou esperar para mudar amanhã se eu posso fazer hoje?".

'Minha ficha só caiu quando eu comecei a sentir dores'

JUCELHA CARVALHO, 43
diretora-executiva da Smart Tour

Atuamos com geração e inteligência de dados para gestão pública do turismo e estávamos no ápice quando a pandemia chegou. Nossos contratos foram congelados.

Ao mesmo tempo, eu trabalhava em home office e meus dois filhos começaram a estudar em casa. Foi confuso.

As startups já sofrem grande pressão por que precisam crescer rapidamente. Também é mais difícil ser mulher na área de tecnologia. Somos minoria e temos que provar tudo o tempo todo. Na pandemia, tivemos que nos reinventar, e o estresse piorou.

Ainda no começo da crise criamos a Smart Tracking, plataforma que rastreia pessoas que tiveram contato com quem testou positivo para Covid. Com isso, terminamos 2020 entre as melhores startups do mundo em ranking da Organização Mundial de Turismo, mas todo o processo foi a duras penas.

Com o tempo, o corpo somatizou. Tenho artrite reumatoide e comecei a sentir dores como nunca antes.

Trabalhava até 16 horas por dia e passei a ter insônia. Chorava por qualquer coisa. As crises se assemelhavam às da gravidez, com toda aquela mudança hormonal, só que ainda mais pesadas.

Foi aí que caiu a ficha sobre a minha saúde mental. Às vezes, os empreendedores não percebem que algo está acontecendo. Tem que estourar alguma coisa para olhar para si.

Fiz consultas psicológicas e isso me ajudou muito. Mas foi com o avanço da vacinação que a minha saúde mental melhorou significativamente.

O Smart Tracking ajudou a manter contato com investidores e teve reconhecimento internacional. E, com a retomada do turismo, voltamos a ganhar mercado.

> **Às vezes, os empreendedores não percebem que algo está acontecendo. Tem que estourar alguma coisa para que as pessoas passem a olhar para a saúde mental. Foi isso que aconteceu comigo**
>
> **Jucelha Carvalho**
> diretora-executiva da Smart Tour

'Com negócio próprio, você pensa em trabalho 24 horas'

FABIO AGUIAR 51
fundador da UFA Hospitalar

Quando você abre o próprio negócio, passa a viver isso 24 horas por dia. Você vai para o banho pensando em como inovar. Respiramos a empresa até nos momentos em que estamos com a família.

Quando você tem poucos recursos, também é difícil competir com marcas já consolidadas e conquistar espaço.

Passei a me dedicar exclusivamente à UFA Hospitalar em 2017. O carro-chefe da empresa é uma bandeja retornável térmica, que garante mais tempo de comida quente para os pacientes.

Estávamos crescendo quando veio a pandemia. Foi uma loucura. Os departamentos de infecção hospitalar determinaram só poderiam ser usados itens descartáveis. Como nossa bandeja é retornável, tivemos contratos suspensos. Nosso faturamento caiu 60%.

O maior medo era que a empresa não sobrevivesse. Passei a trabalhar 16 horas por dia procurando oportunidades na internet, pesquisando novos parceiros.

Fiquei sobrecarregado e comecei a ter insônia. Dormindo pouco, levantava no dia seguinte ainda mais cansado.

Procurei ajuda profissional e passei a tomar ansiolíticos. Fui orientado a fazer esporte, mas não tinha cabeça para isso. Então, como válvula de escape, voltei a fazer viagens de moto depois de seis anos.

Só fiz roteiros curtos. Saindo de São Bernardo do Campo [na Grande São Paulo], comecei a visitar a fábrica de bandejas que fica em Curitiba. Nesses momentos eu consigo relaxar e esvaziar a cabeça.

Estabeleci horários e parei de tomar medicamento. Aprendi a trabalhar na crise e percebi que o momento era ruim para todos.

As bandejas já voltaram aos hospitais, e conseguimos recuperar nossos clientes. Temos como meta crescer pelo menos 20% em relação a 2020.

'Lidar com críticas foi pesado e tive que voltar para a terapia'

CATARINA PIGNATO, 25
fundadora de loja online com o mesmo nome e ilustradora da Folha

No início do negócio, ainda sem experiência, subestimei as ferramentas de impulsionamento das redes sociais e recebi quase cem pedidos de pôsteres em apenas uma semana. Eu produzo e mando pelos Correios e, até então, aquilo era surreal.

Não dei conta. Atrasei vários pedidos e precisei enviar emails explicando que a demanda estava alta.

Foi um período difícil. Embora em nenhum momento os produtos tenham perdido qualidade, demorei para me acostumar a lidar com a expectativa do comprador. Isso é pesado, e a responsabilidade é muito grande.

Qualquer reclamação tinha um peso emocional enorme. Se o produto atrasava ou se chegava amassado, eu me sentia arrasada mesmo fazendo a substituição. Ficava triste como se fosse problema só meu, sem levar em consideração que existem diversos fatores na cadeia de entrega.

Tive de voltar para a terapia. Hoje sei que faço o meu melhor. Sou honesta, cobro um preço justo e tenho noção da qualidade do meu produto.

A ideia de empreender veio da possibilidade de combinar o negócio com meu trabalho em home office. Sempre tive vontade de montar uma loja própria, mas nunca tive tempo para isso. Foi difícil conciliar as duas coisas no início, mas hoje o equilíbrio é possível.

Por que a COP26 é tão importante para enfrentar a crise climática

Com 120 chefes de Estado na abertura, conferência da ONU em Glasgow cria momento decisivo

Ana Carolina Amaral

SÃO PAULO O clima de urgência para conter o aquecimento global deve predominar nas próximas duas semanas na COP26, em Glasgow (Escócia). A partir desta segunda (1º), diplomatas de mais de 200 países vão negociar os últimos ajustes da regulamentação do Acordo de Paris e buscar soluções para o financiamento, a compensação por perdas e danos e o aumento das metas climáticas.

A 26ª edição da Conferência das Partes da ONU sobre mudanças climáticas é considerada a mais importante depois do Acordo de Paris, assinado em 2015, por representar uma última chance para que os países viabilizem o objetivo do acordo: conter o aquecimento global em até 2ºC, preferencialmente próximo de 1,5ºC (em um mundo que já aqueceu 1,1ºC).

No último agosto, o relatório publicado pelo IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, na sigla em inglês) trouxe uma definição científica para a discussão da emergência climática. Segundo o documento, para garantir o cenário climático mais seguro (com aquecimento de até 1,5ºC), o mundo deve derrubar as emissões de gases-estufa imediatamente.

Segundo o relatório, assinado por 234 autores de 65 países, o mundo terá 83% de chances de conter o aquecimento global entre 1,5ºC e 1,9ºC se atingir o pico de emissões imediatamente, limitando-se a emitir um orçamento de 300 gigatoneladas de gás carbônico. Só no ano passado, foram emitidas 34 gigatoneladas de CO_2.

O corte global deve ser de 55% até 2030, segundo o IPCC. No entanto, os compromissos anunciados pelos países até o momento devem derrubar apenas 7,5% das emissões até o fim da década, segundo o relatório Lacuna de Emissões, publicado na última terça (26) pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente).

"Dois membros do G20, Brasil e México, apresentaram metas que levam a um aumento nas emissões", diz o relatório do Pnuma. A meta brasileira, apresentada no fim do ano passado pelo então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, é acusada de violar o Acordo de Paris por retroceder no compromisso.

Em uma manobra apelidada de pedalada climática, o governo mudou a base do cálculo sem ajustar o valor percentual da meta de redução de 43% das emissões até 2030, o que na prática resulta em emissões mais altas do que as acordadas nos compromissos anteriores.

O governo tem sinalizado que deve apresentar uma nova meta no início da COP, com ajuste de 43% para 45%. O novo número, contudo, não corresponderia ao ajuste necessário para evitar a pedalada.

Segundo o cálculo feito pelo projeto Política por Inteiro, do Instituto Talanoa, a meta deveria ficar em 55%, para se manter o compromisso feito pelo país em 2015 ajustando-se os valores absolutos das emissões calculadas conforme inventário mais recente (a 4ª Comunicação Nacional), e a referência mais recente do IPCC (relatório AR-5).

Caso o governo use uma referência mais antiga do IPCC, o SAR, o valor correspondente deve ser de 51%.

"Esses valores são para manter o compromisso de redução de emissões firmado em 2015, que é o mínimo. No estudo Clima e Desenvolvimento, apontamos cenários de 66% a 82% de redução de emissões, o que levaria a R$ 92 bilhões em investimentos, geraria mais de 120 mil empregos e colocaria o Brasil no caminho do crescimento sustentável", afirma Natalie Unterstell, presidente do Instituto Talanoa.

> Apontamos cenários de 66% a 82% de redução de emissões, o que levaria a R$ 92 bi em investimentos, geraria mais de 120 mil empregos e colocaria o Brasil no caminho do crescimento sustentável
>
> **Natalie Unterstell**
> presidente do Instituto Talanoa

Reconquistar a credibilidade do país na área ambiental é o principal desafio assumido pelo Brasil na COP.

O ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, que chefia a delegação brasileira, tem declarado à imprensa que a conferência é uma oportunidade para o país mostrar seu compromisso com a política ambiental e os investimentos feitos de abril para cá — quando o presidente Jair Bolsonaro prometeu na Cúpula do Clima, convocada pelos EUA, dobrar os recursos para a fiscalização do desmatamento e contribuir com o Acordo de Paris.

Segundo interlocutores do governo, os negociadores brasileiros estariam dispostos a colaborar com a aprovação de itens da agenda que foram bloqueados pelo país em anos anteriores, como detalhes da regulamentação de um mercado de carbono global. Em troca, esperam a diminuição da cobrança sobre a política ambiental e o aumento do reconhecimento como uma economia limpa.

Na última semana, agendas das embaixadas dos Estados Unidos e do Reino Unido com a imprensa brasileira imprimiram tom de confiança sobre a diplomacia brasileira, ressaltando o potencial brasileiro para descarbonização e apostando no destravamento das negociações.

A COP26 também começa marcada pelo aumento da disposição política para lidar com a agenda climática. Com a presença confirmada de 120 chefes de Estado para a abertura da conferência, os dois primeiros dias devem ser tomados pelos discursos de líderes mundiais, como os presidentes da França, Emmanuel Macron, dos Estados Unidos, Joe Biden, e primeiro-ministro britânico, Boris Johnson.

A expectativa é que eles possam apresentar novos compromissos de implementação imediata. No entanto, segundo observadores que acompanham as negociações, a pressão por grandes resultados pode dificultar acordos e gerar uma frustração semelhante à da COP15.

A conferência de Copenhague, em 2009, terminou sem resultados, abalando a confiança global no sistema multilateral e na possibilidade de negociação de um grande acordo climático — que só viria em 2015, em Paris.

Uma das dívidas geradas em Copenhague deve ser cobrada em Glasgow. No final daquela conferência, em meio à falta de resultados, o bloco dos países desenvolvidos anunciou o compromisso de financiamento de ações climáticas no valor de US$ 100 bilhões, a serem providenciados até 2020 e que se tornariam anuais a partir de então.

Na última segunda-feira (25), um relatório do bloco admitiu que só em 2023 devem alcançar a arrecadação prometida para o ano passado.

Outro pagamento que deve acirrar as negociações está ligado à compensação por perdas e danos a países que já sofrem com eventos climáticos extremos, como tempestades, secas, ciclones e furacões. O relatório do IPCC quantificou pela primeira vez a influência do aquecimento global sobre esses eventos — nos piores casos, ondas de calor ficam até 39 vezes mais frequentes que o cenário atual.

Manifestantes participam de protesto de agricultores indianos em Glasgow, durante a realização da COP26, a conferência do clima da ONU Ben Stansall/AFP

Entrada no evento só é permitida com teste diário de Covid

Ana Estela de Sousa Pinto

BRUXELAS As mais de 25 mil pessoas que participam da COP26 já foram avisadas de que será redobrado o controle contra a transmissão do coronavírus. A extensa lista de regras foi divulgada em inglês, árabe, chinês, francês, russo e espanhol.

No começo deste mês, todos os já registrados tiveram que refazer sua declaração de saúde e concordar expressamente com o regulamento da "maior reunião política já realizada no Reino Unido".

O protocolo sanitário rigoroso é em parte resposta a pressões feitas por entidades, governos e moradores de Glasgow para que a reunião deste ano fosse virtual. O presidente da COP26, Alok Sharma, defende que a gravidade da crise climática exige negociações presenciais.

"Estamos tomando todas as medidas para garantir que a COP seja segura para os participantes e para o povo de Glasgow", disse ele.

Como a Escócia receberá visitantes de todo o mundo, uma exceção foi aberta para aceitar todas as marcas de vacinas, mesmo as que não tenham sido autorizadas por autoridades de saúde britânicas.

Há países, no entanto, que ainda não iniciaram suas campanhas de imunização, e o governo britânico prometeu vacinar de graça os delegados nesses casos. Houve cerca de mil pedidos e, segundo a organização, "centenas" já receberam as duas doses.

Ainda assim, todos os participantes, mesmo que completamente vacinados, devem apresentar o resultado negativo de teste PCR feito no máximo 72 horas antes do embarque para o Reino Unido, preencher o formulário de localização e fazer um segundo teste até 48 horas após a chegada.

Para entrar no Scottish Event Campus (SEC), o complexo às margens do rio Clyde onde acontecem as negociações, será preciso fazer testes diários do tipo rápido.

Segundo a organização, além dos testes diários, cujos resultados precisam ser mostrados nas catracas, deve haver testes por amostragem nos locais de reuniões.

As regras não terminam aí: será preciso manter uma distância de um metro de qualquer outra pessoa, "medida de ombro a ombro", de acordo com as especificações.

Para garantir o afastamento, é proibido tirar móveis de seus lugares e haverá marcações no chão onde for preciso ficar em fila. A ocupação de auditórios será reduzida e o mesmo pode acontecer com a duração de reuniões.

Máscaras são obrigatórias em lugares cobertos, exceto em reuniões de negociação (a não ser que o distanciamento seja impossível), escritórios e durante refeições. "A orientação e a prática das Nações Unidas recomendam que as coberturas faciais sejam cirúrgicas ou FFP2", diz o regulamento.

Desrespeito às regras anti-Covid pode levar a suspensões e até à perda da credencial, segundo o secretariado do UNFCCC (Convenção Quadro da ONU Sobre o Clima). Entre as possíveis infrações estão falsificar os resultados dos testes ou o certificado de vacina e não cumprir orientações de isolamento no caso de suspeita de contaminação.

Além das providências necessárias para atender as regras anti-Covid, a falta de vagas de hospedagem dificultou a vida de participantes desta COP. A organização fez parcerias com hotéis e hospedarias, mas, há dois meses do início da conferência, já não havia mais quartos vagos. Custavam mais de 8.000 euros (mais de R$ 50 mil) as opções mais baratas para as 13 noites do evento, preço maior que o dobro do usual.

Segundo jornais britânicos, algumas delegações optaram então por se hospedar em navios de cruzeiro, ancorados no rio Clyde. As duas embarcações já confirmadas têm, juntas, mais de 5.500 lugares. Autoridades de saúde temem, porém, que o alojamento em navios eleve o risco de contágio de coronavírus.

Na última semana, o secretário de saúde da Escócia, Humza Yousaf, disse que um aumento no número de casos de Covid durante a COP é praticamente inevitável, e que o governo escocês cogita impôr mais restrições.

"Não há nenhum especialista em saúde pública no mundo que diga que não há risco, em meio a uma pandemia global, de dezenas de milhares de pessoas se concentrando numa cidade. Mas faremos tudo o que pudermos para mitigar isso", afirmou ele à BBC.

cotidiano

Operação policial contra 'novo cangaço' deixa 25 mortos no sul de Minas Gerais

Ação conjunta entre PM-MG e PRF apreendeu grande arsenal com suspeitos, segundo as corporações

RIO DE JANEIRO E SALVADOR Uma operação conjunta entre a Polícia Militar de Minas Gerais e a Polícia Rodoviária Federal na madrugada deste domingo (31) terminou com a morte de 25 pessoas. O grupo era suspeito de planejar roubos a bancos na cidade de Varginha, que fica no sul do estado.

Segundo a PRF, todos eram integrantes de uma quadrilha que utilizava a tática de assalto conhecida como "novo cangaço". Nela, grupos de criminosos fortemente armados chegam durante a madrugada a cidades de pequeno e médio porte em comboios de veículos para praticar as ações, entre as quais o ataque a bases de forças policiais ao mesmo tempo em que bancos são saqueados. Em alguns casos, pessoas são usadas como escudos pelos criminosos, como no ocorrido recentemente em Araçatuba, no interior de São Paulo.

Desde 2018, já houve mais de 30 cidades atacadas com esse tipo de tática.

Os criminosos alugaram sítios que ficavam nos dois extremos da cidade de Varginha e, de acordo com a polícia, estavam na fase de planejamento de uma possível ação.

O tráfego de comboios de caminhonetes por estradas da região chamou a atenção de moradores, que denunciaram à polícia a movimentação suspeita.

Comandante do Bope (Batalhão de Operações Especiais) da Polícia Militar de Minas Gerais, o tenente-coronel Rodolfo Morotti Fernandes disse que, assim que foram identificados os sítios onde estavam os suspeitos, a polícia traçou uma estratégia de abordagem. Ao chegar aos dois locais, contudo, os policiais teriam sido recebidos com tiros.

De acordo com as autoridades, o grupo deixou pessoas armadas na entrada dos sítios, que funcionavam como uma espécie de sentinela. Quando avistaram os agentes, eles abriram fogo, e os policias responderam.

"Os militares precisaram revidar à agressão para proteger suas vidas", afirmou Fernandes. Ele disse que os 25 suspeitos atingidos por tiros foram socorridos, mas não resistiram aos ferimentos.

Foram apreendidos com os suspeitos dez veículos, dez fuzis, três armas longas de grosso calibre, além de explosivos.

Fernandes classificou a ação como um sucesso: "Acredito que sucesso da operação se dá ao passo que uma grande ação criminosa que poderia ter danos incalculáveis à cidade e às pessoas foi respondida com ação integrada, precisa, onde nenhum policial e nenhum civil inocente foi ferido".

O inspetor da PRF, Aristides Júnior, disse que o objetivo da operação era prender os suspeitos, mas houve reação. "Infelizmente, 25 criminosos que partiram para o confronto acabaram perdendo a vida. Mas eu ainda prefiro que eles percam as suas vidas do que algum dos nossos policiais. [...] É uma ação de guerra, eles utilizam armamentos de guerra".

Arsenal apreendido pela operação policial nos dois sítios onde estavam os suspeitos Divulgação/Polícia Rodoviária Federal

Os corpos dos suspeitos ainda estão em processo de identificação, mas a polícia antecipou que ao menos cinco deles são da cidade de Uberaba, também em Minas.

O comandante do Bope ainda afirmou que, pela forma de planejamento e pelos armamentos e explosivos apreendidos, há suspeitas de que a quadrilha seja a mesma que atuou em assaltos a banco com táticas de "novo cangaço" nas cidades de Criciúma (SC), Araçatuba (SP) e Uberaba.

A ação mais recente aconteceu em agosto em Araçatuba, a 521 km de São Paulo. Criminosos fortemente armados explodiram e roubaram duas agências bancárias, fizeram moradores reféns, dispararam bombas e atearam fogo em veículos durante a fuga.

Ao menos três pessoas acabaram mortas na ação, e outras quatro ficaram feridas. Segundo a Polícia Militar, um morador de rua foi atingido pela explosão de uma das bombas deixadas nas ruas e teve os pés e uma das mãos decepados.

A Polícia Militar e a Polícia Rodoviária Federal divulgaram fotos de um arsenal apreendido em dois locais de confronto com os suspeitos. As imagens mostram fuzis, metralhadoras, escopetas, munição de diversos calibres, explosivos, coletes à prova de bala e veículos roubados, segundo a PRF.

Há também equipamentos utilizados para atrapalhar a atuação da polícia durante a ação, como os "miguelitos", pregos retorcidos usados para furar os pneus de viaturas.

"A gente quer evitar a todo momento o confronto. Não vamos comemorar nenhuma morte. Não é a intenção da Polícia Militar de Minas Gerais nem da Polícia Rodoviária Federal. Mas foi uma atuação precisa da nossa inteligência", afirmou a capitão Layla Brunella, porta-voz da PM-MG, em vídeo publicado nas redes sociais da corporação.

"Muito provavelmente é a maior operação contra o 'novo cangaço' feita no país. Os infratores provavelmente fariam um roubo na data de amanhã, ou hoje, e foram surpreendidos pelo nosso serviço de inteligência integrado à Polícia Rodoviária Federal", disse ela.

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), comentou em suas redes sociais a operação das polícias em Varginha.

"Em Minas a criminalidade não tem vez. As Forças de Segurança do Estado trabalham com inteligência e integração para impedir ações criminosas. [...] Parabéns a todos heróis envolvidos! Estamos trabalhando para que Minas siga sendo o Estado mais seguro do país".

Pai de menino de Belford entra em facção para se vingar e é preso

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO O pai de um dos três meninos desaparecidos desde dezembro do ano passado em Belford Roxo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, foi preso após se associar a uma facção criminosa rival para se vingar de supostos assassinos do filho.

De acordo com a Polícia Civil fluminense, Anderson de Jesus, 25, foi detido em flagrante por policiais militares e autuado por associação ao tráfico de drogas e porte ilegal de arma de uso restrito. Com ele, foi apreendido um fuzil AR-15 calibre 556 com 24 munições.

Ele contou aos investigadores que já havia sido preso anteriormente por fazer parte de uma organização criminosa e que recentemente se associou ao grupo rival por causa da notícia da morte de Lucas Matheus da Silva, com nove anos na época do desaparecimento.

Segundo a Polícia Militar, ele foi pego enquanto participava de uma troca de tiros com outras seis pessoas na comunidade da Palmeira. O Terceiro Comando Puro (TCP) tentava retomar o controle da favela do Comando Vermelho (CV).

"Tinha esperança de encontrar o Lucas vivo. Mas soube por reportagens que ele foi morto por traficantes do CV. Moro em Irajá. Soube dessa reunião do TCP e resolvi me juntar, na emoção. Mas não sou bandido", disse Jesus ao jornal O Dia na delegacia. "Meu coração estava sangrando. Quis me vingar. Quem faz isso com uma criança?"

Lucas Matheus, seu primo Alexandre da Silva, 11, e o amigo deles Fernando Henrique Soares, 12, saíram de casa em 27 de dezembro do ano passado para brincar em um campo de futebol próximo, no morro do Castelar, e nunca mais voltaram. Ele foram filmados pela última vez às 13h39 daquele dia, andando normalmente em direção à feira de Areia Branca, bairro vizinho a aproximadamente 2,7 quilômetros.

Dez meses depois, o inquérito ainda não foi concluído. Em setembro, o secretário de Polícia Civil, Allan Turnowski, afirmou em entrevistas que o tráfico de drogas da favela foi o responsável pelo assassinato dos meninos e que o motivo foi o roubo de passarinhos que pertenciam a traficantes.

Após o crime, de acordo com ele, o chefe local foi chamado ao Complexo da Penha, onde foi assassinado como queima de arquivo com autorização da cúpula do Comando Vermelho, de dentro de um presídio. A punição teria sido liberada sem que a cúpula soubesse que os autores do furto eram crianças.

Segundo a TV Globo, o criminoso que matou os meninos e foi assassinado é Willer da Silva, o Estala, gerente do tráfico no Castelar. Sua morte teria sido ordenada por Wilton Quintanilha, o Abelha, solto no fim de julho em um esquema envolvendo o então secretário de Administração Penitenciária, Raphael Montenegro.

Lucas, Alexandre e Fernando, desaparecidos há dez meses em Belford Roxo (RJ) Reprodução

Turnowski também declarou na ocasião que a polícia concluiu que os corpos foram jogados em um rio. No fim de julho, fragmentos de ossos foram encontrados num rio que corta a região, mas uma perícia apontou que a ossada era de origem animal.

No dia seguinte às declarações do secretário, a Defensoria Pública do estado, que acompanha as mães das vítimas, afirmou que considerava que o caso ainda seguia em aberto, porque as provas apresentadas até o momento não eram suficientes para corroborar essa versão oficial.

"A Defensoria Pública recebe com cautela as informações veiculadas ontem sobre o inquérito", disse em vídeo a defensora Gislaine Kepe. "Enquanto não houver consistência nos indícios colhidos pela polícia, enquanto não houver a identificação de culpados, sejam eles por assassinato ou por desaparecimento, a Defensoria e as famílias não entendem que esse caso chegou ao fim."

> "Tinha esperança de encontrar o Lucas vivo. Mas soube por reportagens que ele foi morto por traficantes do CV. Moro em Irajá. Soube dessa reunião do TCP e resolvi me juntar, na emoção. Mas não sou bandido
>
> **Anderson de Jesus, 25**
> pai de Lucas, ao jornal O Dia

Ao site Ponte Jornalismo, em agosto, as mães dos meninos mostraram descrédito em relação à hipótese de que traficantes teriam sido responsáveis pelo crime. Segundo o veículo, elas suspeitavam da milícia que atua na região e afirmaram que seus filhos não roubariam um passarinho.

Questionado pela TV Globo sobre as provas obtidas pela polícia, o secretário respondeu na época que no "crime de mando você busca provas que nunca vão ser um contrato".

Segundo ele, a conclusão se baseou em provas indiciárias (ou seja, indícios que apontam para determinada direção), em testemunhas importantes e na notícia da morte do principal envolvido. Ele disse que o inquérito seria finalizado e o delegado responsável apresentaria detalhes técnicos, o que não ocorreu até o momento.

As famílias criticam a lentidão na resolução do caso e dizem que a polícia demorou a agir. As mães ouviram de policiais no dia do desaparecimento que só poderiam registrar o sumiço 24 horas depois, sendo que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê buscas imediatas.

"Naquele dia em que fomos na delegacia, se tivessem puxado as câmeras, ido atrás das crianças, tenho certeza de que teríamos tido uma resposta", disse à Folha, em abril, Tatiana Ribeiro, mãe de Fernando. Uma força-tarefa para apurar os fatos foi criada em abril de 2021, quatro meses após o sumiço.

A Baixada Fluminense tem um problema crônico de desaparecimentos, com cerca de 15 registros diários, segundo Bruno Dauaire, secretário estadual de Direitos Humanos. A taxa foi de 32 casos a cada 100 mil habitantes na região em 2020, contra 28 no estado todo.

O Rio de Janeiro registrou quase tantos sumiços (3.350) quanto homicídios dolosos (3.544) no ano passado, de acordo com dados do ISP (Instituto de Segurança Pública).

Bombeiros trabalham no resgate das vítimas do desmoronamento na gruta Duas Bocas Divulgação Corpo de Bombeiros

Desmoronamento em gruta no interior de SP deixa 9 mortos

Uma pessoa foi resgatada com vida; vítimas eram parte de grupo de 28 bombeiros civis que faziam treinamento

Marco Felippe

ALTINÓPOLIS (SP) E RIO DE JANEIRO O desabamento de uma gruta na madrugada deste domingo (31) em Altinópolis, no interior de São Paulo, deixou nove pessoas mortas e uma ferida, de acordo com as autoridades responsáveis pelo resgate.

O grupo participava de um treinamento para bombeiros civis na gruta Duas Bocas, quando o teto do local desmoronou. De acordo com o Corpo dos Bombeiros, no total 28 pessoas estavam no local no momento do desabamento, sendo dois instrutores.

"O grupo estava acampando dentro da gruta. Por uma série de fatores, houve um descolamento do teto da gruta em cima de parte dessas pessoas", afirmou o tenente-coronel da Polícia Militar Rodrigo Quintino, coordenador da Defesa Civil na região.

Ainda segundo a corporação, a pessoa que foi retirada do local com vida estava com fraturas e hipotermia, mas não havia mais detalhes sobre seu estado de saúde. As outras 18 pessoas que estavam no grupo inicial escaparam do acidente sem ferimentos graves.

De acordo com a Prefeitura de Altinópolis, cinco pessoas desse grupo de 18 chegaram a ser levadas para o Hospital de Misericórdia da cidade com ferimentos leves. Todas já tiveram alta.

O primeiro boletim sobre o caso afirmou que eram 12 vítimas e três socorridos, mas a informação foi alterada por volta das 14h para dez vítimas.

Assim que o acidente foi confirmado, por volta das 3h, bombeiros e policiais da região e de Minas Gerais (a cidade fica próxima da divisa com o estado) foram enviados para ajudar no resgate. A chuva forte e a dificuldade de acesso para chegar até a gruta, que fica no final de uma trilha de 1,5 km, atrapalhou o trabalho.

"É um local restrito, tenho que atuar com poucos bombeiros, porque há risco de novo desabamento. Está em uma condição muito insegura, fizemos um trabalho de escoramento para tentar tirar as vítimas", afirmou o major Rodrigo Moreira Leal, do comandante interino do agrupamento de Ribeirão Preto, responsável pelo resgate.

Segundo ele, a ação de salvamento começou ainda de madrugada e seguiu por todo o domingo —a confirmação sobre a última morte ocorreu no início da noite. As operações de busca foram encerradas na sequência.

Cinco corpos já foram retirados da gruta e levados por helicóptero —devido à baixa visibilidade de noite, os quatro corpos restantes devem ser levados a pé.

No total, foram mobilizadas 20 viaturas e 75 bombeiros para ajudar no resgate. Familiares das vítimas estão no local em busca de informações. Dos nove mortos, ao menos sete eram de Batatais, que fica a 30 km de Altinópolis.

O prefeito da cidade, Juninho Gaspar (PP), afirmou que as vítimas atuavam como bombeiros voluntários e inclusive auxiliaram no combate aos incêndios que atingiram a região há cerca de 45 dias.

"Sentimento de imensa tristeza no município de Batatais. É uma tragédia sem precedentes", disse ele, que está no local para acompanhar a operação de resgate. A prefeitura anunciou luto oficial de três dias e ofereceu o ginásio municipal para um funeral coletivo —ainda não há uma confirmação oficial se o convite foi aceito.

Além dele, o prefeito de Altinópolis também foi ao local. A Secretaria de Segurança Pública do estado afirmou que uma força-tarefa foi montada para atuar no resgate.

"Um grupo de especialistas em resgate, acompanhado por técnicos da Coordenadoria Estadual da Defesa Civil e um geólogo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), decolou em um King Air da PM às 11h30 do aeroporto Campo de Marte, em São Paulo, rumo ao município para reforçar o trabalho", afirmou a pasta, em nota.

O governador João Doria (PSDB) afirmou numa rede social que acompanha o resgate.

A Real Life Treinamentos, empresa responsável pelo exercício que era conduzido na gruta, informou que uma das mortas é Débora Silva Ferreira, 24. Ainda não há detalhes sobre as outras vítimas.

Tainá Abreu, uma das sócias da Real Life Treinamentos, disse que o treinamento que estava sendo feito na gruta era exatamente um exercício para resgate de vítimas em áreas remotas. Segundo ela, não era a primeira vez que práticas eram realizadas no local.

Segundo Sebastião Francisco de Abreu Neto, outro sócio da empresa, a suspeita é que uma fogueira possa ter provocado o colapso.

Leal, do Corpo de Bombeiros, porém, disse que ainda é cedo para apontar exatamente o que causou o acidente e que é preciso esperar o laudo da perícia sobre o caso.

Já Quintino, da Defesa Civil, afirmou que as autoridades não foram informadas sobre o exercício que estava sendo feito na gruta e criticou a ação. "Esse tipo de treinamento não devia ser feito. É um nível de treinamento que requer um grau de profissionalismo alto. Quem tem a competência para fazer esse tipo de ação são as equipes militares".

SP encerra restrições contra a Covid, com volta de baladas, festas e shows

SÃO PAULO Depois de 588 dias, chegam ao fim as restrições da pandemia no estado de São Paulo. A partir desta segunda-feira (1º), todos os estabelecimentos podem funcionar com capacidade máxima, sem limite de horário ou determinação de espaço.

Festas, baladas, shows e eventos com torcida estão autorizados sem qualquer restrição a partir desta data. Algumas dessas atividades já estavam ocorrendo no estado, mas ainda tinham que seguir regras, como manter o público sentado e não atender a capacidade total.

Agora as únicas normas obrigatórias no estado são o uso de máscara e a exigência do passaporte da vacina em eventos com mais de 500 pessoas. O distanciamento deixa de ser regra e passa a ser apenas uma recomendação das autoridades estaduais.

É a primeira vez desde 22 de março de 2020, quando o governador João Doria (PSDB) decretou quarentena no estado para conter a disseminação da Covid, que os estabelecimentos comerciais de todos os tipos poderão funcionar sem limitações.

As liberações feitas a partir desta segunda são vistas como o fim do Plano São Paulo, que foi estabelecido para coordenar a flexibilização das atividades econômicas no estado.

Em agosto, quando anunciou o fim das restrições para novembro, o governo paulista trabalhava com a expectativa de chegar nesta data com 90% da população do estado vacinada com duas doses (ou dose única).

Ainda que a meta não tenha sido alcançada, a liberação foi mantida. São Paulo é o estado brasileiro em que a cobertura vacinal está mais avançada, com 87% da população adulta já com o esquema de vacina contra a Covid completo. Em relação a toda a população, 67,5% receberam as duas doses.

Com o avanço da vacinação, São Paulo viu os indicadores da Covid caírem expressivamente nos últimos meses. No último sábado (30), o estado registrou menos da metade de pessoas hospitalizadas do que há um ano.

Em 30 de outubro de 2020, São Paulo tinha 6.949 pacientes em leitos reservados para Covid, sendo 2.883 em UTI e 4.066 em enfermaria. Neste sábado, eram 3.400 internados com o vírus, 1.069 em UTI e 1.791 em enfermaria.

Ainda que a vacinação esteja avançada, e os casos da doença, em queda, especialistas afirmam que é preciso manter o cuidado por enquanto. Festas e shows em ambientes fechados são considerados eventos de alto risco para infecção.

Desde agosto, estabelecimentos especializados já estavam liberados para voltar a funcionar, mas atendendo apenas uma parcela da capacidade total e somente com o público sentado —as pista de dança estavam proibidas. O governo diz que esses espaços podem exigir passaporte de vacinação dos frequentadores.

A exigência do comprovante já foi adotada nos estádios e eventos esportivos do estado, que agora podem também funcionar com capacidade total.

A liberação de todas regras de distanciamento foi seguida também na capital paulista. Na última quinta-feira (28), o prefeito Ricardo Nunes (MDB) revogou todas as restrições de ocupação, horário de funcionamento e distanciamento mínimo entre pessoas em estabelecimentos públicos e privados na cidade de São Paulo.

A revogação apenas concretizou medidas que já tinham sido eliminadas por orientação do governo estadual.

O comércio, por exemplo, já estava funcionando sem restrição de horário e capacidade desde o começo de setembro. As escolas públicas e privadas também já estão liberadas a receber 100% dos estudantes, sem precisar garantir o distanciamento de um metro entre eles.

Tanto a gestão estadual quanto a municipal defendem que as liberações são seguras desde que a população mantenha o uso de máscaras, mesmo em locais abertos. A obrigatoriedade da proteção facial, no entanto, já tem sido abandonada em outras capitais, como Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Além da máscara, governo e prefeitura defendem a obrigatoriedade da apresentação do comprovante de vacinação em eventos com mais de 500 pessoas.

Em alguns locais públicos na cidade, como a Câmara Municipal e os fóruns do Tribunal de Justiça, o passaporte de vacina é obrigatório para qualquer um.

Na capital paulista, desde 1º de setembro, passou a valer o decreto que exige a apresentação do comprovante de vacinação contra a Covid em eventos com público superior a 500 pessoas. Casas noturnas e espaços de eventos consultados pela **Folha** estão exigindo o passaporte para os seus frequentadores.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Estilista dos óculos, destacou-se pelo olhar humano e social

MIGUEL GIANNINI (1942-2021)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Quem vê fotos do mais importante esteta ótico do país, Miguel Giannini, ao lado de políticos e celebridades não imagina que por trás das imagens existiu a figura de uma pessoa simples e humanitária.

Os sonhos do paulistano, descendente de imigrantes italianos da região do Vêneto, custaram a entrega da sua juventude ao trabalho logo que completou 13 anos. O primeiro emprego foi como office boy da antiga Foto City, ótica famosa do centro da capital paulista.

Aos 23 anos, Miguel abriu sua primeira loja, a Ótica Fiore & Miguel, em parceria com o amigo e mestre na montagem de óculos, Fioravante Fernandes. Aos 39 anos, convidou Alvaro Ferriolli, hoje com 64 anos, para ser seu sócio.

Miguel criou um estilo que atraiu de presidentes da República a astros da música e da televisão. Com habilidade criativa, olhar diferenciado e técnica, ele conseguia deixar uma armação mais adequada ao rosto do cliente.

A fama de inovador se espalhou após a apresentadora Cleyde Blota atribuir a Miguel o título de "esteta ótico", por transformar uma peça durante um programa de TV ao vivo.

"Miguel era exigente no trabalho e um ser humano de grandes virtudes. O que nos fez durar esses 40 anos foi essa relação de humanidade, também com os clientes. Aqueles que não tinham condições financeiras, ele deixava pagar conforme a possibilidade", conta Alvaro, que também era seu companheiro de vida.

De jeito simples, Miguel não fazia distinção entre as personalidades e os demais clientes. Atendia todos da mesma forma: educada, gentil, elegante e sempre com um sorriso fácil.

"Das muitas histórias marcantes tem a de uma senhora muito humilde que, durante 35 anos, levou doce de abóbora feito por ela todos os anos para o Miguel. Essa senhora fez isso até há dois anos e a data coincidia com o aniversário dele, em setembro", relata Alvaro. "Na questão humanitária, Miguel fez mais do que a capacidade dele de ser", destaca também.

Foram muitos os projetos sociais de que participou com doação de óculos, como o Bandeira Científica, da USP, por exemplo.

Em 2021, Miguel foi um dos seis indicados pela International Opticians' Association para concorrer ao prêmio Ótico Internacional do ano.

"Isso sintetiza o que Miguel representou e continuará representando para a ótica brasileira. Construímos uma respeitabilidade junto ao segmento oftalmológico", diz Alvaro.

Além das lojas, em 1996, Miguel Giannini fundou o Museu dos Óculos Gioconda Giannini, nome de sua mãe, sediado em um casarão da década de 1920, no bairro do Bexiga (região central).

O local guarda uma coleção de cerca de 700 exemplares de óculos, do Brasil e de outros países, produzidos entre os séculos 17 e 20, além de réplicas de peças mais antigas.

Miguel morreu no dia 28 de outubro, aos 79 anos, de insuficiência respiratória aguda. Deixa o companheiro, dois irmãos e sobrinhos.

MATILDE MATOS BEKERMAN
Aos 77, viúva de Henrique Bekerman. Domingo (31) ao meio-dia. Cemitério Israelita do Butantã, av. Eng. Heitor Antônio Eiras Garcia, 5.530, Jd. Educandário.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

'Desenvolvimento' predatório

Historicamente, a Amazônia passou por ciclos de exploração de recursos

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

A 26ª conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, COP26, acontece até 12 de novembro. O Brasil, que criou um Comitê Interministerial sobre Mudança do Clima e Crescimento Verde dias antes do início da COP26, participa do evento sem a presença do presidente Bolsonaro.

Apresentará a meta de reduzir emissões de gases poluentes em 37% até 2025, em 43% até 2030 e atingir neutralidade de carbono em 2050. A forma como essa meta será cumprida não foi detalhada. E defendê-la como crível na COP26 será impossível, tendo em vista o acelerado aumento nas taxas de desmatamento e emissão de gases poluentes.

Ou seja, a proposta a ser apresentada não condiz com ações e desempenhos recentes, nem tão pouco com o discurso de "passar a boiada".

Esse cenário atual não é novo. É, de fato, uma continuidade de um modelo de desenvolvimento para a Amazônia, que se baseia na exploração de recursos naturais, sem levar em conta a população local, suas necessidades, sua cultura, seu conhecimento de como viver na floresta sem a destruir.

Historicamente, a Amazônia passou por ciclos econômicos de exploração de recursos. Dois ciclos da borracha foram importantes: entre 1879 e 1912, quando cerca de 120 mil nordestinos migraram para a Amazônia após a grande seca de 1877-79, e durante a Segunda Guerra Mundial, quando os "soldados da borracha" migraram para a Amazônia para trabalhar na extração da seringa.

Em ambos, as condições sanitárias não eram adequadas, e a assistência pós-ciclo praticamente inexistente.

Entretanto, um dos mais perversos ciclos econômicos ocorreu durante a ditadura militar. A linguagem da estratégia do governo deixava claro o objetivo de exploração de recursos naturais e o total descaso com a população local. Mensagens como "integrar para não entregar", "terra sem homens para homens sem terra" e "chega de lendas, vamos faturar" surgem nessa época.

Esse modelo distorcido de desenvolvimento deixou um rastro de destruição ambiental, violação de direitos humanos, exploração ilegal em terras indígenas e áreas de reserva florestal, e aumento expressivo da transmissão de malária.

Além disso, a riqueza que saiu da Amazônia não beneficiou a população local, e a região concentra os piores índices nacionais de desigualdade de renda, de acesso a infraestrutura (água e esgoto), e de distribuição de serviços e recursos humanos de saúde, dentre outros.

A perpetuação de um modelo predatório de desenvolvimento cria profundas cicatrizes na estrutura social e ambiental da Amazônia. Acima de tudo, esse modelo ignora que a maior riqueza da Amazônia está na floresta preservada e nos conhecimentos locais.

A floresta preservada é fundamental para o equilíbrio climático, e a continuidade do desmatamento em larga escala pode reduzir as chuvas e resultar em condições de calor extremo no Brasil.

Já o conhecimento local é a chave de um desenvolvimento sustentável, e práticas locais de extração de recursos sem agressão a floresta que já existem precisam ser reconhecidas, apoiadas e expandidas, assim como novas práticas devem ser incentivadas.

A mudança desse modelo predatório requer comprometimento político com uma agenda ambiental construtiva e inclusiva; um compromentimento com a verdade, a ciência, a história, a cultura, e com o povo.

Se em 1992 o Brasil sediou a Rio 92 e assumiu um protagonismo internacional no debate ambiental, em 2021, lamentavelmente, o país chega desacreditado na COP26.

Pátria (dif)amada Brasil.

|DOM. Antonio Prata |SEG. Marcia Castro, Maria Homem |**TER. Vera Iaconelli** |QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques |QUI. Sérgio Rodrigues |SEX. Tati Bernardi |SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Artistas apoiam causas na Escolha do Leitor

Luciano Huck, Ivete Sangalo, Taís Araújo e mais famosos se engajam na votação popular do Prêmio Empreendedor Social

EMPREENDEDOR SOCIAL

Gabriela Caseff e Cristiano Cipriano Pombo

SÃO PAULO Em sua segunda edição em resposta à Covid-19, o Prêmio Empreendedor Social e as 12 iniciativas finalistas do concurso em 2021 contam com reforços de peso.

Isso porque na categoria de voto popular, a Escolha do Leitor, para impulsionar as causas dos empreendedores sociais, entram em cena a cantora Ivete Sangalo, os apresentadores Bela Gil, Luciano Huck, Regina Casé, Sabrina Sato e Xuxa, as atrizes Claudia Raia, Fernanda Paes Leme, Giovanna Lancelotti, Ingrid Guimarães e Taís Araújo e o médico e colunista da **Folha** Drauzio Varella.

A Escolha do Leitor está aberta à votação desde sexta-feira (29) e se estenderá até o dia 29 de novembro no site folha.com/escolhadoleitor_2021, onde o público pode votar quantas vezes quiser e doar a partir de R$ 5 para as iniciativas que fizeram a diferença na pandemia.

O anúncio dos vencedores —um por número de votos e outro por volume de doações— será feito no evento de premiação na TV Folha, no dia 30 de novembro, às 19h.

A participação voluntária das personalidades contou com curadoria do Instituto Dadivar, liderado por Enzo Celulari, que atua com marketing voltado a causas sociais.

"Fiquei muito feliz com o convite da **Folha** para ser curador dos padrinhos do Prêmio Empreendedor Social e ter papel ativo na escolha desse time incrível", afirma Enzo. "Quando falo de vozes que comunicam causas, sempre bato na tecla da verdade naquilo que está sendo transmitido. E é isso que a gente buscou."

Segundo o curador, foi uma experiência inspiradora conseguir trocar com cada um dos padrinhos e madrinhas sobre as causas e como comunicá-las da melhor forma possível. "Os premiados vão ficar felizes com os resultados. E que o prêmio possa se perpetuar por muitos anos, precisamos de iniciativas como esta no Brasil e de vozes falando cada vez mais verdades."

A jornada de apadrinhamento prevê postagem de vídeos e cards nas redes dos convidados ao longo da votação e captação de doações da Escolha do Leitor. "A ideia é ampliar a visibilidade e o impacto das iniciativas que se destacaram no enfrentamento à pandemia por meio de um maior engajamento nas redes sociais com a participação de influencers identificados com as causas", afirma Eliane Trindade, editora do Prêmio Empreendedor Social.

Entre as causas defendidas pelos ilustres padrinhos estão "cuidando de quem cuida: os heróis da saúde na pandemia" (Arquitetos Voluntários), "Brasil sem fome e sem insegurança alimentar" (Brasil sem Fome) e "filantropia e finanças do bem pela Amazônia e pela saúde na pandemia" (Fundos Filantrópicos contra a Covid-19) na categoria Emergência Sanitária.

Em Inclusão Social e Produtiva, os padrinhos apoiam "transformando vidas pretas" (Movimento Black Money), "aceleração de jovens talentos entre egressos e grupos vulneráveis" (Aceleradora dos Parças) e "comércio justo, economia solidária e consumo consciente" (Pertinho de Casa).

Há ainda as causas "saúde mental e renda nas redes sociais: menos cancelamento, mais propósito" (NoonApp - Renda e Inclusão Digital), "acesso à saúde: telemedicina que salva vidas" (Telemedicina SAS Brasil) e "educação que prepara para o futuro" (Robótica Espacial nas Escolas), em Inovação para a Retomada.

E, na categoria Soluções Comunitárias, "emancipação social, financeira e emocional das mães da favela" (Mãe e Muito+), "mulheres que fazem diferença: mãos à obra na comunidade" (Fazendeiras) e "sertão produtivo e sem fome na pandemia" (Quintais Produtivos Agroecológicos).

Na edição 2020, a Escolha do Leitor arrecadou R$ 207 mil. A plataforma é fruto de parceria da **Folha** com Doare, Movimento Arredondar e PagBank PagSeguro.

"Doações online se tornaram importantes na pandemia e continuarão sendo", diz Felipe Antunes, diretor de operações da Doare.

"O PagBank PagSeguro sabe do papel fundamental dos empreendedores sociais num país em que a desigualdade social ainda é grande", afirma Ricardo Dutra, CEO do PagBank PagSeguro.

A Escolha do Leitor também contribui para a cultura de doação —o Brasil é o 54º entre 112 países listados no Ranking de Solidariedade da Charities Aid Foundation (CAF).

"Convidamos todos a votar, doar e compartilhar. Juntos, podemos fazer a diferença e valorizar as soluções e inovações dos finalistas", diz Beatriz Bouskela, diretora-executiva do Movimento Arredondar.

O Prêmio Empreendedor Social teve 317 inscrições, o que mostra a relevância de organizações sociais na crise sanitária, social e econômica causada pelo coronavírus.

Correalizado por **Folha** e Fundação Schwab, o concurso reconhecerá ainda um vencedor em cada uma das quatro categorias, a partir da escolha do júri composto de especialistas e personalidades.

A edição 2021 do Empreendedor Social do Ano em Resposta à Covid-19 tem patrocínio de Gerdau, Ambev, Sesi/Senai, Coca-Cola e Vedacit. E conta com parceria estratégica de Ashoka, ESPM, Fundação Dom Cabral, Pacto Global, Prosas e UOL.

"Quando falo de vozes que comunicam causas, sempre bato na tecla da verdade naquilo que está sendo transmitido. E é isso que a gente buscou

Enzo Celulari
Instituto Dadivar

Prêmio Empreendedor Social 2021

Categoria	Emergência Sanitária		
Madrinha/Padrinho	Cláudia Raia	Ivete Sangalo	Giovanna Lancellotti
Iniciativa	**Brasil sem fome**	**Coletivo Arquitetos Voluntários**	**Fundos Filantrópicos contra Covid-19**
Causa	Brasil sem fome e sem insegurança alimentar	Cuidando de quem cuida: os heróis da saúde na pandemia	Filantropia e finanças do bem pela Amazônia e pela saúde na pandemia
Organização	ONG Banco de Alimentos	Arquitetos Voluntários	Sitawi Finanças do Bem

Categoria	Inclusão Social e Produtiva		
Madrinha/Padrinho	Drauzio Varella	Fernanda Paes Leme	Taís Araújo
Iniciativa	**Aceleradora dos Parças**	**Pertinho de casa**	**Movimento Black Money**
Causa	Aceleração de jovens talentos entre egressos e grupos vulneráveis	Comércio justo, economia solidária e consumo consciente	Transformando vidas pretas
Organização	Parças Developers School	Rede Asta	Movimento Black Money

Categoria	Inovação para a Retomada		
Madrinha/Padrinho	Luciano Huck	Xuxa	Regina Casé
Iniciativa	**Robótica Espacial nas Escolas**	**Telemedicina SAS Brasil**	**NoonApp - Renda e Inclusão Digital**
Causa	Educação que prepara para o futuro	Acesso à Saúde: Telemedicina que salva vidas	Saúde mental e renda nas redes sociais: menos cancelamento, mais propósito
Organização	BeByte Tecnologia Educacional	SAS Brasil	Sitawi Finanças do Bem

Categoria	Soluções Comunitárias		
Madrinha/Padrinho	Sabrina Sato	Ingrid Guimarães	Bela Gil
Iniciativa	**Mãe e Muito +**	**Fazendeiras**	**Quintais Produtivos Agroecológicos**
Causa	Emancipação social, financeira e emocional das mães da favela	Mulheres que fazem diferença: mãos à obra na comunidade	Sertão produtivo e sem fome na pandemia
Organização	Grupo Anjos da Tia Stellinha	ONG Fazendinhando	Instituto Novo Sertão

saúde

Flexibilização e avanço da vacinação não atenuam o medo de pegar Covid

SP libera pista de dança, shows e torcedores em estádios enquanto muitos temem sair de casa

Isabella Menon

SÃO PAULO Em pé, com um drinque em mãos, o paulistano arrisca um passinho de dança na pista de alguma balada. A cena pode rememorar a um período pré-pandêmico distante, mas será permitida a partir desta segunda-feira (1º), em São Paulo — na data, também fica liberada a presença de público em pé em shows, e estádios podem ter ocupação completa de torcedores.

Em meio ao avanço da vacinação e à queda no número de mortes, cenas assim aparecem em boa parte dos estados. No Rio de Janeiro, as medidas foram ainda mais flexibilizadas, e o uso de máscaras foi liberado ao ar livre.

Apesar da sensação de liberdade que muitos adquirem ao completarem o esquema vacinal contra a Covid-19, há ainda quem se sinta inseguro para sair na rua e siga com medidas de isolamento social.

É o caso da decoradora Marcia Coppola, 62, que vive na capital paulista com a mãe dela, Myrian, 92, e a irmã designer, Viviane Coppola, 58.

Desde março do ano passado, elas não recebem pessoas no apartamento. Todos os produtos que entram ali são higienizados. Marcia avalia que a vida enclausurada não é desagradável, mas confessa que os últimos seis meses foram mais estressantes, já que ela teve que equilibrar os cuidados domésticos com o seu trabalho, porque a função exercida pela irmã voltou a ser feita de forma presencial.

Ela também precisa visitar obras vez ou outra na semana e já fez algumas viagens a trabalho, mas diz que não se sente segura para ir a restaurantes ou a lugares fechados, como shoppings e cinemas.

"Quando saímos, a gente tenta não ficar perto da nossa mãe porque, apesar de ter tomado a terceira dose, a gente não quer que ela pegue [a Covid-19] de jeito nenhum", diz Marcia. Ela conta que, durante a pandemia, a mãe só saiu de casa para tomar a vacina.

Agora, durante este feriado prolongado, ela vai tentar passear de carro com a mãe.

Apesar das restrições, ela avalia que está sendo um ano bom. "Para quem precisa trabalhar na rua [em meio à pandemia] é que foi horrível."

A decoradora prevê que ficará mais tranquila para retomar as atividades presenciais quando receber a terceira dose do imunizante. "Acho que vai dar para relaxar algumas coisinhas e a rotina da casa não vai ficar tão pesada", diz.

A redatora publicitária Elen Campos, 44, achava que quando recebesse a segunda dose do imunizante teria coragem para encontrar alguns amigos. As duas doses vieram, só que a coragem ainda não. Agora, o momento é de fazer planos.

Ela pretende sair de casa para assistir nos cinemas ao filme "Marighella", de Wagner Moura. Há, contudo, lugar que ainda não cogita frequentar, como restaurante, onde as pessoas tiram a máscara.

Sonha em escapar de São Paulo. Quer passar o Carnaval de 2022 no Rio de Janeiro. "A pandemia começou com o fim do Carnaval e vai ter que terminar no começo do próximo", diz. E promete um retorno triunfal. "Vou sair lambendo o corrimão", brinca.

Os números em relação à vacinação acalmam Elen, mas para ela a retomada está sendo bem mais lenta. "O que as pessoas estavam fazendo há um ano, estou começando a fazer agora, isso de dizer 'vou dar uma arriscadinha'."

Ela retornou à academia só em outubro. Uma das poucas coisas que fez fora de casa, em meio à quarentena, foi dirigir até Belo Horizonte e ficar com a família. Lá conseguiu passar um tempo com o sobrinho de cinco anos que agora enfrenta o retorno às aulas presenciais — o pequeno foi o último da turma a retornar à sala.

"Foi como se fosse, de novo, o primeiro dia de aula", diz a tia, que relata que o pequeno reclama que as aulas "demoram muito". "É como se fosse um ritual de passagem, ele está reaprendendo a dividir brinquedos e a conviver com crianças, porque antes tinha a atenção de todos os adultos."

Depois de tanto tempo dentro de casa, atividades que antes eram corriqueiras acabam tendo um gostinho estranho.

Depois de um ano e sete meses longe de um shopping, o editor de vídeo Diogo Mendonça, 35, teve que trocar uma peça de roupa em meados de outubro. A loja estava lotada, e a experiência não foi das melhores. A ida ao shopping foi a primeira saída de casa sem uma finalidade essencial.

"Foi uma espécie de visão de como era a vida pré-pandemia", diz ele. A forma equivocada como algumas pessoas utilizavam a máscara também acabou gerando uma sensação de insegurança, conta.

Dias depois do shopping, Mendonça foi ao parque Ibirapuera em uma manhã de domingo. Lá, ele resolveu colocar em prática uma outra estratégia: se antecipou e chegou mais cedo para aproveitar o ar livre. Quando se deu conta de que o lugar estava enchendo, decidiu ir embora.

Ele também relata que frequenta a casa de alguns amigos. Vez ou outra, vai a restaurantes e bares, mas sempre diz que fica de olho na aglomeração. "Sinto mais medo durante o trajeto, porque fico pensando o que pode acontecer. Quando você chega, se senta, começa a conversar, a comer e a beber, aí fica natural."

A curto prazo, Mendonça espera realizar uma viagem à praia e uma ida a uma sala de cinema, para aproveitar a Mostra Internacional de São Paulo. "A exigência do comprovante da vacina me deixa mais tranquilo", afirma ele.

Já a estudante de direito Kethény Zietlow, 24, de Vila Velha (ES), voltou a encarar os imprevistos da vida presencial e teve que fazer concessões. Na última semana, com o preço da gasolina nas alturas, ela decidiu trocar a ida de carro e, depois de um ano e meio, voltou a andar de ônibus.

A retomada foi carregada de aventura. A primeira condução ela perdeu por "um milésimo de segundo". Na segunda, uma passageira passou mal, e o ônibus foi direto ao pronto-socorro. Já na terceira, a catraca quebrou, o que atrasou a viagem. No entanto, acostumar-se ao retorno, ela explica, não foi tarefa difícil. "É tipo andar de bicicleta, você não esquece nunca."

Durante o período mais restrito da quarentena, ela conta que, além do medo de pegar a Covid-19 e passar para os pais, tinha receio do que as pessoas iriam pensar se soubessem que ela estava se encontrando com amigos. Nestes dias mais esperançosos, ela tem saído com maior frequência.

Lugares lotados, porém, diz evitar. Encontra os amigos, vai ao cinema e a bares e restaurantes. "Aos poucos foi normalizando. Ninguém suporta isso por muito tempo", conclui.

Mesmo com a liberação, Marcia Copola evitar sair de casa por temer o vírus Adriano Vizoni/Folhapress

> "Acho que [quando tomar a terceira dose] vai dar para relaxar em algumas coisinhas. Mas, por enquanto, ainda não me sinto segura para ir a restaurantes ou a lugares fechados, como shoppings e cinemas"
>
> **Marcia Coppola, 62,** decoradora, que vive na capital paulista com a mãe, Myrian, 92, e a irmã designer, Viviane, 58

Estudo explica as causas da progressão do Alzheimer no cérebro

Issam Ahmed

WASHINGTON | AFP Grupos de proteínas tóxicas que se acredita serem responsáveis pelo declínio cognitivo associado à doença de Alzheimer chegam a diferentes regiões do cérebro precocemente e se acumulam ao longo de décadas, de acordo com um novo estudo publicado na sexta-feira (29).

A pesquisa, apresentada na revista Science Advances, é a primeira a usar dados humanos para quantificar a velocidade dos processos moleculares dessa doença neurodegenerativa e pode ter implicações importantes para o planejamento de tratamentos.

Também altera a teoria de que aglomerados se formam em um local do cérebro quando uma reação em cadeia ocorre em outras áreas — um padrão visto em ratos. Essa disseminação pode acontecer, mas não é o principal motivador, segundo os pesquisadores.

"Duas coisas tornaram este trabalho possível", disse à AFP Georg Meisl, químico da Universidade de Cambridge e principal autor do artigo.

"Uma foram os dados muito detalhados obtidos por PET (sigla em inglês para tomografia por emissão de pósitrons) e vários conjuntos de dados que reunimos, e a outra são modelos matemáticos que desenvolvemos nos últimos dez anos."

Os pesquisadores usaram cerca de 400 amostras de cérebro post-mortem de pacientes com Alzheimer, assim como 100 tomografias PET de pessoas que vivem com a doença para rastrear o acúmulo de tau, uma das duas proteínas-chave envolvidas na doença.

Na doença de Alzheimer, a tau e outra proteína chamada beta amiloide se acumulam em nós e placas — ambas conhecidas como agregados — que matam as células cerebrais e encolhem o cérebro.

Isso, por sua vez, resulta em perda de memória, alterações de personalidade e incapacidade de realizar funções cotidianas. Estima-se que 44 milhões de pessoas sofram da doença em todo o mundo.

Pesquisas anteriores, conduzidas principalmente em animais, sugeriram que os agregados se formam em uma região e, em seguida, se espalham por todo o cérebro. O novo estudo aponta que, embora essa disseminação possa ocorrer, ela não é de fato o principal fator para a progressão da doença.

"Uma vez que temos essas sementes, eles simplesmente se multiplicam e esse processo controla a velocidade", explicou Meisl.

O estudo conseguiu determinar que os agregados levam cerca de cinco anos para dobrar de quantidade. Esse número é "encorajador", segundo Meisl, porque mostra que os próprios neurônios do cérebro são bons em neutralizá-los.

"Talvez se pudermos melhorá-lo um pouco, possamos atrasar significativamente o início de uma doença grave."

O grau da doença de Alzheimer é medido de acordo com a escala de Braak. A equipe descobriu que leva cerca de 35 anos para progredir do estágio três, quando os sintomas leves começam a aparecer, para o estágio seis, o mais avançado.

Se os agregados dobram em cerca de cinco anos, em 35 anos eles teriam se multiplicado por 128. Esse crescimento exponencial "explica por que a doença demora tanto para se desenvolver e então a pessoa se deteriora rapidamente".

Usando o mesmo método, a equipe tenta investigar a demência frontotemporal e lesões cerebrais traumáticas.

"Esperamos que este e outros estudos semelhantes ajudem a desenvolver tratamentos futuros que tenham como alvo a tau", disse Sara Imarisio, do instituto Alzheimer's Research UK.

ESPORTE AO VIVO | **15h** São Paulo x Santos, Paulista feminino (semi), SPORTV | **20h** Cuiabá x RB Bragantino, Brasileiro, SPORTV | **21h15** K.C. Chiefs x N.Y. Giants, NFL, ESPN

Nelson Triunfo lembra preconceito e celebra breaking nas Olimpíadas

Precursor da cultura hip-hop no Brasil espera por mais campeonatos pelo país rumo a Paris-2024

Nelson Triunfo, 67, pioneiro da cultura hip-hop e do break dance no Brasil, em entrevista à Folha Zanone Fraissat/Folhapress

João Gabriel, Vinicius Martins e Zanone Fraissat

SÃO PAULO A entrada no programa olímpico simboliza para o breaking uma vitória contra o preconceito, assim como foi com o também marginalizado skate e com o surfe.

E ninguém melhor para contar essa trajetória de luta e visibilidade de uma modalidade do que o seu precursor no Brasil, Nelson Triunfo, 67. "É uma história que vai muito além do hip-hop", diz à **Folha**.

Ele nasceu em Triunfo (PE), divisa com a Paraíba, onde ficava a fazenda na qual, ainda criança, trabalhava como agricultor ao lado do pai.

A adolescência passou em Paulo Afonso (BA) e frequentou a capital, Salvador. Como topógrafo, trabalhou em Brasília. Diversas vezes viajou para o Rio de Janeiro. A partir da década de 1970, principalmente em São Paulo, fez a vida como artista. "Sofri preconceito de todos os jeitos", recorda-se.

Conta, por exemplo, que em São Paulo olhavam torto por ele gostar de coentro. Sua querida farinha ficava escondida nos balcões dos restaurantes para que os clientes não a vissem. Era chamado de macaco e seu cabelo era atacado.

Na família, o chamavam de vagabundo, palhaço — "me considero um palhaço de rua". Conhecia os policiais da delegacia, tantas vezes a ditadura o prendeu por "vadiagem".

Há duas passagens que lhe dói relembrar. Uma vez, no Clube dos Artistas, ouviu que era ótimo dançarino, mas era melhor que não falasse. Quando em 1984 foi chamado para gravar na Warner, ouviu que tinha um problema na língua.

"O 'problema na língua' era um sotaque muito forte. Não gravaram o primeiro rap nacional no estilo do lá de fora por isso", afirma. "Não sabem o quanto atrasaram minha vida."

Orgulhoso, se diz militante do movimento negro, dos artistas de rua, da cultura brasileira. Durante a entrevista, cita tantas estrelas quanto as que estampam o seu casaco.

"Minha vida todinha foi dentro da cultura negra, desde o maracatu. O forró é negro. Luiz Gonzaga não era louro, o Jackson do Pandeiro não era louro. Pixinguinha. E os caras do samba? Se você for olhar nossas músicas, elas são negras. A capoeira também", diz.

Conheceu James Brown, de quem é fã, quando ele veio ao Brasil. Era amigo do coreógrafo Ismael Ivo (morto pela Covid). Também admira Michael Jackson e Marvin Gaye. Black Sabbath, Tim Maia, Chico Science, Roberto Carlos e Pavarotti estão em seu repertório.

Seu pai era sanfoneiro, instrumento que ele também toca. Desobedecia a mãe para ficar até tarde dançando frevo no Carnaval. Adorava São João. Dançava forró e samba. Pelo cinema e pelo rádio, conheceu músicas dos EUA.

A cada ritmo que cita, imita as batidas com a boca e explica suas interlocuções.

"Ô brother, é que a gente perde muitas coisas neste país. Por exemplo, o Bob Marley é o rei do reggae, mas para mim, quem criou o reggae foi Luiz Gonzaga", e explica como as divisões rítmicas se entrelaçam. "O coco de embolada [semelhante ao repente], o primeiro flow que ouvi na vida, é o primeiro rap do mundo."

O nome artístico veio para coroar sua identidade. Antes, em Brasília, Nelson era chamado de Baiano. Em São Paulo, era Black Salvador. No Rio de Janeiro, foi apelidado por Tony Tornado de Homem-Árvore.

Decidiu por Nelson Triunfo, pela cidade onde nasceu — para desespero dos amigos de Paulo Afonso, onde criou seu primeiro grupo de dança, os Invertebrados. Já no circuito Rio-São Paulo, fundou o Black Soul Brothers e o Funk & Cia.

No mesmo momento em que estrelou no clipe de "Funk-se Quem Puder" (1983), de Gilberto Gil, começou a levar as danças, antes restritas aos bailes fechados, para as ruas de São Paulo. No começo, caixas de papelão desmontadas serviam de superfície à dança. Até que descobriu o calçadão da rua 24 de Maio, no centro da capital paulista, com seus grandes blocos de concreto.

> Minha vida todinha foi dentro da cultura negra, desde o maracatu. O forró é negro. Luiz Gonzaga não era louro, o Jackson do Pandeiro não era louro. Pixinguinha. E os caras do samba? Se você for olhar nossas músicas, elas são negras. A capoeira também
>
> **Nelson Triunfo**
> dançarino de breaking e precursor da cultura hip-hop no Brasil

Em 1984, ele e seu grupo fizeram a abertura da novela da Globo "Partido Alto". O rolê de dança começou a migrar para a estação São Bento. "Estourou." Surgiram nomes como Racionais MC's e Thaíde.

Triunfo recebeu a **Folha** na Casa do Hip Hop, em Diadema, fundada por ele em 1999 (hoje gerida pelo filho). O local marca sua incursão pelos projetos sociais, inspirado em Paulo Freire. O endereço? Também uma rua 24 de Maio.

Mas até o próprio Nelson Triunfo tem dificuldade de precisar quando conheceu o breaking. Foi em algum momento da virada da década de 1970 para 1980. "Mas eu já estava, sem querer, dentro da coisa, a gente já dançava ela sem saber, a gente criava o nome para os passos. Não é brincadeira, não, é vanguarda total!"

Tinha o giro de cabeça, giro de costas, tartaruga, moinho de vento. O "grand écart" da dança clássica, que é o mesmo que o espacate do jazz, era o espaguete das ruas. Imitava os dançarinos de soul funk dos EUA e aproveitava os passos de capoeira e do frevo.

Até que a internet fez o breaking e o hip-hop ganharem projeção mundial e padronizou as nomenclaturas em inglês. Hoje, diz que o Brasil influencia os passos do mundo, tal qual foi com o futebol.

O que ele acha da entrada do breaking no programa olímpico? "Demorou!" Por um lado, agradece a inclusão. Por outro, diz que é apenas uma reparação para uma prática historicamente marginalizada.

"É muito bom, até para dar uma força para os moleques que se matam o dia inteiro, treinam que nem loucos. O cara pode dizer, agora, que é um esporte olímpico."

A **Folha** também passeou com Triunfo pelo centro de São Paulo. É difícil dar mais de dez passos sem ele cumprimentar um conhecido ou ser abordado. Apresenta os donos dos salões, das lojas de discos e de roupas.

Na 24 de Maio, destaca que parte do calçadão virou rua de asfalto e percebe que um camelô está montado em cima do Marco Zero do Hip-Hop, uma placa de mármore no chão que homenageia ele e seus colegas pelo pioneirismo.

Pede, finalmente, que o breaking nacional e mundial não se esqueça dos que, como ele, foram responsáveis por alçá-lo ao patamar em que está. E que se profissionalize a prática, cuidando desde cedo da saúde mental dos atletas, para que eles não sofram as consequências que o esporte de alto rendimento pode trazer.

"A grande jogada, o xeque-mate, é aproveitar as Olimpíadas para promover grandes eventos nos estados, campeonatos de breaking pelo Brasil."

As sandálias da humildade

Ao baixar o topete e vencer o Galo, o Flamengo manteve o Brasileiro ainda vivo

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Depois das acachapantes derrotas do Flamengo e do Bayern Munique na semana passada, e que lhes valeu humilhantes eliminações das copas nacionais, ambos se recuperaram ao jogarem em seus respectivos campeonatos.

Para surpresa de ninguém os bávaros enfiaram 5 a 2, fora de casa, no Union Berlin, e mantiveram a liderança no torneio por pontos corridos.

Da vitória rubro-negra não se pode dizer o mesmo.

Primeiramente porque o triunfo era menos esperado que o empate, bom resultado para o Atlético Mineiro no Maracanã, e até mesmo a derrota era mais previsível diante do líder completo e com o moral nas alturas.

Sem Rodrigo Caio, vetado no vestiário, David Luiz, Filipe Luís, De Arrascaeta, com o reserva Pedro também fora de combate, todos entregues ao problemático departamento médico da Gávea, o vencer, vencer ou vencer se transformou em defender, defender ou defender. Deu certo.

Diferentemente do Bayern, o Flamengo não goleou e nem mesmo agradou, mas fez o que poderia fazer ao descer do pedestal e jogar com o reconhecimento da superioridade do adversário.

Os deuses dos estádios em sua infinita sabedoria quiseram que dois suplentes, o contestado zagueiro Léo Ribeiro e o endiabrado Michael, fossem os nomes do jogo, o primeiro ao botar Hulk no bolso e o segundo ao fazer o gol solitário do clássico que valeu mais que a goleada do Bayern, porque não apenas contra rival muito mais qualificado, como, e principalmente, porque o 1 a 0 manteve o Campeonato Brasileiro vivo e o sonho do tri consecutivo ainda vivo para os cariocas.

A Nação, desconfiada, embora com 36 mil ingressos à disposição, não compareceu na quantidade esperada.

Dos 25 mil presentes a maioria estava disposta a empurrar o time como de fato fez durante todo o tempo de jogo, mais brigado que jogado.

Impossível dizer o que aconteceria caso o resultado decepcionasse, mas o que se viu foi o time com o coração na ponta de chuteira e seu técnico de topete curto porque Renato Gaúcho sabia que estava muito perto de ver o portão principal do estádio ser, literalmente, o da rua.

Como a vida é dura, e o calendário do futebol brasileiro um inferno, nesta terça-feira (2), tem mais, por ironia e, quem sabe, redenção, na Arena da Baixada, contra o algoz Athletico Paranaense, o Borussia Mönchengladbach do Flamengo.

Se mantiver o topete e o salto baixos, se em vez de chuteiras de travas arrogantes, o Flamengo voltar a jogar de acordo com suas atuais dificuldades, com as chamadas sandálias da humildade, mesmo sem agradar a crítica, apenas em busca de mais três pontos, pode aquecer de vez a disputa pelo título. E deixar o Galo, que cocorocó na manhã de sábado no Rio, com os conhecidos pesadelos que já duram 50 anos, evidentes na decepcionante atuação contra a espiga de milho que tem entalada na garganta desde os primeiros anos de 1980.

Mais que ter calma nesta hora, os mineiros não se livraram do carma rubro-negro.

Lembremos que duas rodadas atrás, contra o xará goiano, de cores também vermelha e preta, o Atlético perdeu invencibilidade de 18 jogos, ao tomar a virada para 2 a 1, em Goiânia.

Se não bastasse, na 33ª rodada, terá, em Curitiba, o Furacão rubro-negro pela frente.

E o Palmeiras?

O Palmeiras ganha corpo, quatro vitórias seguidas, e mostra que Raphael Veiga e Scarpa podem jogar juntos.

Grêmio perde para Palmeiras e torcedores destroem o VAR

Vídeo mostra torcedor no estádio a fazer gestos que parecem imitar macaco

**GRÊMIO 1
PALMEIRAS 3**

Torcedores do Grêmio quebram a estrutura do VAR após a partida Diego Vara/Reuters

SÃO PAULO Em jogo vencido pelo Palmeiras por 3 a 1 neste domingo (31), em Porto Alegre, parte da torcida do Grêmio invadiu o campo após o apito final e destruiu a cabine do VAR. Ela deixou o gramado apenas após a chegada da Polícia Militar.

Com auxílio do árbitro de vídeo, Savio Pereira Sampaio anulou o que seria o gol de empate gremista em 2 a 2 nos minutos finais. Pouco depois, o Palmeiras anotou o terceiro.

Depois do encerramento da partida, torcedores de Grêmio e Palmeiras trocaram socos pela lateral da grade que separava o público local e visitante. Por causa da barreira, não houve uma briga mais séria.

Em vídeo postado por palmeirenses nas redes sociais, uma pessoa que está na arquibancada da torcida da casa parece fazer gestos a simular um macaco na direção dos visitantes. O responsável não foi identificado.

Ao UOL, a administração da Arena do Grêmio afirma estar analisando as imagens para apurar quem é o envolvido.

A revolta gremista aconteceu porque a equipe está ameaçada de rebaixamento no Brasileiro. Com a derrota deste domingo, ocupa a penúltima colocação e está a sete pontos do Bahia, 16º colocado e primeiro time a se livrar da queda para a Série B.

A procuradoria do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) vai apresentar denúncia quanto à invasão de campo e aos danos feitos ao VAR.

"Me parece que é um caso grave e é preciso existir a denúncia. Trata-se de invasão de campo e está previsto no Código Brasileiro de Justiça Desportiva", afirma o procurador-geral do Tribunal, Ronaldo Botelho Piacente.

As penas podem chegar a multa de R$ 100 mil e perda de dez mandos de campo.

Dos 11 jogos que restam ao Grêmio no Brasileiro, cinco estão marcados para o seu estádio. Perder esta vantagem poderia influir de maneira decisiva nas chances de permanência na Série A.

No ano passado, o goleiro Gatito Fernández, então no Botafogo, foi suspenso por três partidas depois de chutar a cabine do VAR em jogo contra o Internacional. Ele também foi multado em R$ 26 mil.

Com o resultado deste domingo, o Palmeiras chegou aos 52 pontos e pulou para o 2º lugar. O time diminuiu para sete pontos a diferença em relação ao líder Atlético-MG, que tem um jogo a menos.

Raphael Veiga, autor de dois gols palmeirenses, foi o destaque do jogo. A partida foi especial também para o técnico português Abel Ferreira, que completou um ano no comando da equipe do Palmeiras neste sábado (30).

A frustração da torcida gremista aumentou porque o time ensaiava uma reação no Campeonato Brasileiro. Na rodada anterior, havia vencido o Juventude e saiu na frente contra o Palmeiras graças a um gol de Diego Souza.

Antes de acabar o primeiro tempo, Raphael Veiga marcou duas vezes (uma delas em pênalti confirmado com o auxílio do VAR) para colocar os paulistas em vantagem.

Durante o segundo tempo, o público presente na Arena do Grêmio incentivou o time e pareceu ser recompensado no fim com o gol de Elias. Mas este foi invalidado por impedimento, fazendo com que parte da torcida se revoltasse. Antes do apito final, Breno Lopes anotou o terceiro dos visitantes.

**SÃO PAULO 1
INTERNACIONAL 0**

Com um gol de Gabriel Sara, o São Paulo derrotou o Internacional, no Morumbi, neste domingo à noite.

O resultado foi um alívio para a equipe de Rogério Ceni, que se afastou da zona de rebaixamento do Brasileiro. Também serviu para se recuperar da derrota sofrida para o Red Bull Bragantino na rodada anterior.

A vitória deveria ter sido com placar mais elástico, mas o São Paulo perdeu várias chances claras de gol.

No próximo domingo (7), o rival da equipe paulista será o Bahia, na Arena Fonte Nova, em Salvador.

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Os aliados de Abel e Renato em seus clubes

As vitórias do Flamengo sobre o Atlético e do Palmeiras contra o Grêmio darão dias de paz a Abel e Renato, depois de semanas difíceis. No ambiente interno, os conflitos são poucos.

Uma conversa com um dos líderes do grupo de jogadores do Flamengo ajuda a entender que Renato Gaúcho não é o vilão do jogo intuitivo, tanto quanto se fez parecer na última semana. "Ele é uma surpresa positiva."

Quem sentencia será preservado no anonimato.

Está claro que seus treinos não são tão modernos como eram os de Rogério Ceni, mas a experiência de quem jogou muito tempo no exterior percebe:

"O Rogério tinha treinos diferentes, mas na correria do calendário, com jogos todos os dias, até os treinos mais refinados acabam diminuindo, pela necessidade de descanso. Jorge Jesus foi um dos melhores técnicos que tive, mas seus treinamentos eram extremamente simples. O que fazia diferença era que cada conversa, cada palestra, cada vídeo, era uma aula."

Os líderes do time gostam do trabalho de Renato.

Não é possível o Brasil se conformar com o atraso, nem é o caso de fazer o inverso e condenar ao ostracismo todos os velhos hábitos. Andar para a frente é ampliar a cultura para os novos treinadores, não queimar os antigos.

É notável a diferença de organização do Flamengo. Jorge Jesus concentrava jogadores e provocava situações com mais atacantes do que defensores perto da bola. Ou com inversões do lado da jogada para forçar que os mais talentosos tivessem apenas um marcador pela frente. No um contra um, Gabigol, De Arrascaeta e Bruno Henrique decidem quase sempre.

Michael tem decidido, mas costuma ficar diante de dois marcadores. Renato é o técnico e, se falhar, a responsabilidade será de quem contratou. Se era um dos mais conceituados do país, avalizado por crítica e público no Grêmio, não passou a ser um dos piores por quatro partidas sem vencer. Nem tem de ser exaltado como o melhor, depois da vitória sobre o Atlético.

Isto também vale para Abel Ferreira. Há três domingos, o Palmeiras encerrou uma série de sete jogos sem vencer e iniciou sequência de quatro sem derrotas. No mesmo dia, o Flamengo empatou contra o Cuiabá e começou um período de duas derrotas e dois empates, até ganhar do Galo.

Daqui até a final da Libertadores, o Palmeiras terá seis compromissos e o Flamengo jogará outras oito vezes. Nenhum dos finalistas ganhará todas as partidas até viajar para Montevidéu. Os dois usarão o Brasileiro como preparação com a esperança de ocupar a melhor classificação possível.

Renato testou um novo 4-4-2 contra o Galo, com Éverton Ribeiro à direita, Michael pela esquerda e Bruno Henrique perto da área e de Gabigol. Falta o retorno de De Arrascaeta.

O Palmeiras tem feito a saída de jogo com Felipe Melo entre os zagueiros e liberado os laterais. Na frente, Rony dá largura ao campo pela direita e Piquerez à esquerda.

Por vezes, essa formação tira espaço do time no ataque, em vez de apenas abrir a defesa rival.

A futura presidente, Leila Pereira, confidenciou a correligionários que pretende manter Abel Ferreira. Ele tem contrato até dezembro de 2022. Alterna amor e ódio da torcida e imprensa. Quem decidirá o futuro gosta de seu trabalho.

Flamengo na dependência dos dribles de Michael

Palmeiras com variação de saída e ataque com 5 homens

A REAÇÃO

Nem tudo é tática. Fábio Carille tinha apenas uma vitória antes da arrancada contra Fluminense e Athletico. No meio, a mudança de direção e Edu Dracena como diretor, aparando arestas do vestiário. Não existe milagreiro. Mas faltava falar a língua da bola no Santos.

TESTE PARA SYLVINHO

O retorno dos 100% de público à Neo Química Arena nesta segunda (1), contra a Chapecoense, será teste de paciência para Sylvinho. O Corinthians melhorou, mas não agride. O mérito do time é fazer um time de circulação e bons passes. A torcida vai querer mais evolução.

Corinthians recebe Chapecoense com 100% da capacidade da arena liberada

**CORINTHIANS
CHAPECOENSE**
As 21h30, na Neo Química Arena
Na TV: Premiere

SÃO PAULO Para o Corinthians voltar a vencer e Sylvinho ter alívio no comando do elenco, a Chapecoense é o adversário ideal na situação perfeita. O time paulista recebe os catarinenses nesta segunda (1º), às 21h30, na Neo Química Arena.

Pela primeira vez desde o início da pandemia da Covid-19, em março de 2020, o clube poderá contar com 100% da capacidade em seu estádio. Se vendidos todos os ingressos disponíveis, serão 47 mil pessoas presentes.

Com 13 pontos em 28 rodadas, a Chape é lanterna do Brasileiro e está praticamente rebaixada. Com aproveitamento de 15,4%, é a segunda pior equipe da história da competição na era dos pontos corridos, iniciada em 2003, à frente só do América-RN em 2007.

As derrotas sofridas para Sport e São Paulo nas últimas quatro rodadas voltaram a tornar incômoda a situação de Sylvinho no Parque São Jorge. Ele teve de ouvir mais uma vez a boatos de que seria demitido. Isso, em teoria, aconteceria se o Corinthians fosse derrotado na semana passada pelo Internacional. O time alvinegro só não venceu porque sofreu gol aos 48 minutos do segundo tempo.

Após o revés no clássico diante do São Paulo, no último dia 18, a torcida Gaviões da Fiel divulgou comunicado em que chamava o técnico de "fraco" e pedia sua demissão.

Para obter o resultado positivo, a arena cheia é motivação a mais. A última vez que o estádio corintiano esteve liberado para receber a lotação máxima foi em 26 de fevereiro de 2020. Pelo Paulista daquele ano, Corinthians e Santo André empataram em 1 a 1.

Desde a liberação gradual do público nos estádios em São Paulo, o Corinthians foi mandante em duas partidas pelo Brasileiro. Venceu Bahia e Fluminense. Mas em ambas, pôde receber apenas 30% da capacidade (14 mil pessoas).

Não ter público por 19 meses foi um complicador também nas finanças do clube. Todo o dinheiro arrecadado em dias de jogos é repassado a um fundo destinado a pagar a construção do estádio.

CORINTHIANS FAZ 4 A 1 NA FERROVIÁRIA E VAI À FINAL DO CAMPEONATO PAULISTA FEMININO
Equipe alvinegra goleou o time do interior no jogo de volta da semifinal, gols de Adriana (dois), Gabi Zanotti e Vic Albuquerque; o Corinthians havia vencido a ida por 1 a 0 e aguarda vencedor de Santos e São Paulo nesta segunda Rodrigo Gazzanel/Agência Corinthians

#HASHTAG | **Mateus Camillo**
folha.com/hashtag

Jovem viraliza ao se vestir de realidade, a fantasia mais assustadora no Brasil de 2021

SÃO PAULO "O que me assusta hoje em dia?"

Foi essa pergunta que Letícia Duarte de Oliveira Costa, 21, fez a si mesma quando recebeu o convite da sua empresa para ir fantasiada para o Halloween na última quinta (28), em Belo Horizonte (MG). O traje mais assustador ganharia um prêmio.

A mensagem chegou só na véspera do evento, restando-lhe pouco tempo de preparação. Cogitou não ir com nada, mas o clima de descontração e confraternização a empolgou. Fez o que qualquer cidadão com internet faria: jogou no Google para ter ideias.

Não estava gostando dos resultados. Ou eram fantasias muito elaboradas, com maquiagens demoradas, ou itens chochos.

Até que ela resolveu fazer o questionamento acima.

"Não foi nada difícil achar a resposta, dado os eventos dos últimos anos no Brasil, com várias coisas tenebrosas. Nessa vibe, lembrei dos preços dos supermercados. Vai ser isso", afirma Letícia, que estuda educação física na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e trabalha como social media numa empresa de cosméticos.

Comprou a folha amarela, escreveu ela mesma com o pincel, colou os barbantes e, voilà, os anúncios de produtos de supermercado estavam prontos.

Arroz, R$ 24,99 um pacote de 5 kg. Café, R$ 14,99 um pacote de 500 g. Bilhete do metrô, R$ 4,50.

Publicou a fantasia no Twitter e o post viralizou. Até 23h do sábado (30) eram 20 mil retuítes e 153 mil curtidas.

No trabalho ela também fez sucesso. "Riram demais, quiseram tirar foto, falaram que eu 'zerei o Halloween'", diz.

Letícia conta que pesquisou preços em quatro supermercados diferentes e calculou a média, porque queria achar valores condizentes com a realidade. "A realidade já é suficientemente assustadora", justifica.

Ao final do expediente, ela e seus colegas foram beber e comer em um dos muitos botecos de BH.

"As pessoas na rua me perguntavam se esses valores estavam em oferta, porque perto da casa delas a gasolina já estava a mais de R$ 7 e a alcatra a R$ 40."

"Eu percebi que o buraco é mais embaixo. Minha fantasia era para ser assustadora, mas existem vários lugares do Brasil que estão piores", diz.

Nas redes sociais, a reação foi a mesma. "Me fala onde a gasolina está com esse preço que eu vou aí encher vários tanques", ouviu.

Apesar da repercussão, Letícia não ganhou o prêmio —terminou em segundo lugar.

Questionada sobre por que estuda educação física e trabalha como social media, afirmou ter motivação financeira.

Ao ouvir deste repórter que ele nunca achou que social media seria uma área valorizada, Letícia resumiu o Brasil de 2021.

"Pra você ver a realidade deste país!!!"

Letícia Duarte de Oliveira Costa, 21 @leletchy no Instagram

CÃOCURSO TENEBROSO
Em seu carro funerário, cachorro compete no 23º Concurso Grande Abóbora de Fantasia para Cachorros, em comemoração ao Halloween, em Nova York Ed Jones/AFP

MENSAGEIRO SIDERAL | **Salvador Nogueira**
folha.com/mensageirosideral

Talvez inócua, conferência do clima representa ascensão da inteligência planetária

Começou neste domingo (31), em Glasgow (Escócia), mais uma conferência do clima da ONU. A ambição é que a COP26 traga mais compromissos dos países para conter as mudanças climáticas. A expectativa, por sua vez, é que os resultados fiquem aquém dos necessários. Mas, dando um passo atrás, talvez ela represente parte de um evento geológico transformador na história da Terra: a ascensão da inteligência planetária. É um conceito defendido por David Grinspoon, pesquisador da Universidade do Colorado. Nestes tempos de depressão civilizatória, encontrei algum conforto nessa ideia de que o chamado Antropoceno, em vez de uma grande tragédia global, possa ser o início de algo espetacular.

Antropoceno é o nome que se dá à época geológica em que os humanos se tornaram capazes de interferir nos rumos e no destino de seu planeta. Pode soar meio arrogante, mas isso nem sequer é novidade na história da Terra. Grinspoon nos lembra que há antecedentes de criaturas que causaram impacto devastador. Uns 2,5 bilhões de anos atrás, as cianobactérias tomaram conta dos oceanos e encheram a atmosfera de um gás então tóxico para a maior parte das formas de vida: o oxigênio. Extinção em massa e devastação provocada por criaturas vivas, portanto, não é novidade.

A exclusividade dos humanos é o modo pelo qual estamos devastando o planeta, movido por nossa ocupação desordenada suportada por intervenções tecnológicas, ou seja, pela inteligência. Mas, veja lá, é uma inteligência meia-boca. Até hoje, ela trouxe boas soluções locais, mas que produzem efeitos globais inadvertidos e catastróficos. Converter uma área de floresta para a agricultura ou queimar petróleo para locomoção são boas soluções tecnológicas locais. Mas contratam uma desgraça global se aplicadas em larga escala —como estamos fazendo.

Grinspoon se pergunta se, do ponto de vista de possíveis civilizações avançadas lá fora, essa nossa sagacidade tecnológica representaria real inteligência. E aí elenca o que seria o próximo estágio: a tal inteligência planetária —a capacidade de usarmos nosso poderio tecnológico transformador para aliar soluções globais e locais, nos preservando e protegendo, como à biosfera, no longo prazo.

Isso exige forte cooperação internacional, o que, como estamos vendo, não é fácil. Grinspoon não tem ilusões quanto ao horizonte imediato. Para ele, as mudanças climáticas já são realidade e ainda cobrarão enorme sofrimento, além de levar gerações futuras a se perguntarem como fomos tão letárgicos, mesmo com décadas de sobreaviso. Mas, em eventos como a COP, vemos que a mudança de atitude, embora lenta, está "em andamento". O século 21 não será batatinha, mas haverá um século 22 e nele talvez a inteligência já terá se instalado na Terra como um fenômeno planetário —e possivelmente a força mais benigna que o mundo já conheceu. Apesar dos nossos passos em falso, ainda há esperança para a humanidade.

ACERVO FOLHA
Há 100 anos **1º.nov.1921**

Com crescimento, São Paulo encara insuficiência de casas e de bondes

Depois do aumento populacional fora das previsões nestes últimos anos, os paulistanos, principalmente os das classes média e baixa, estão enfrentando sérios problemas nas áreas de habitação e de transporte.

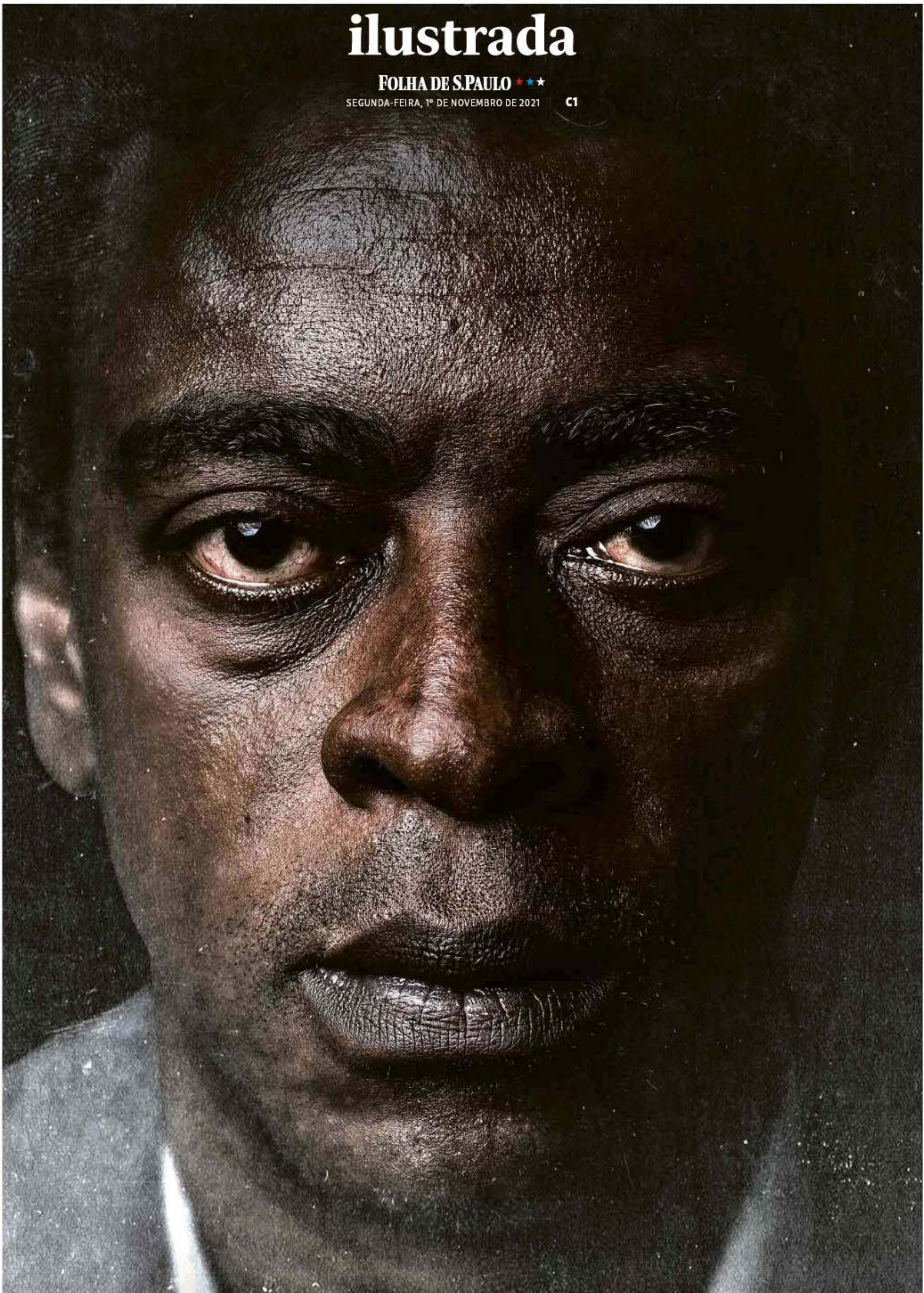
Faltam casas na cidade, os aluguéis estão altos e ainda há proprietários que abusam da situação.

A quantidade de bondes da Light também é insuficiente para o número de passageiros. Em quase todas as linhas, pode ser vista a situação de os bondes trafegarem cheios até os estribos. Não faz muito tempo que eles circulavam em regra, com meia lotação ou um pouco mais.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

FOLHA DE S. PAULO

Em cores, Emerson triunfante

Brito, expulso, agride o juiz e só sai preso

O músico e ator Seu Jorge como o escritor e guerrilheiro comunista Carlos Marighella, em detalhe do cartaz do filme 'Marighella', dirigido por Wagner Moura Divulgação

O caminho das pedras

Wagner Moura estreia na direção e enfim lança 'Marighella', filme envolto em polêmicas que ele diz ter sofrido censura, e revela que, para preservar a democracia, votaria em Lula

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO O caminho para lançar sua estreia na direção foi mais longo do que imaginou, mas Wagner Moura sente certo alívio por enfim poder levar "Marighella" aos cinemas. Marcado por adiamentos, o filme embarcou há pouco numa turnê de pré-estreias pelo país e chega ao circuito comercial nesta quinta-feira.

Originalmente, a previsão era que ele estreasse há dois anos, mas a pandemia e um imbróglio envolvendo a Ancine, a Agência Nacional do Cinema, impossibilitaram o lançamento em ao menos duas ocasiões anteriores. Segundo Moura, "Marighella" foi censurado por ser uma biografia de Carlos Marighella, guerrilheiro comunista que lutou contra a ditadura militar.

"Eu tenho uma visão muito clara sobre isso e não tenho a menor dúvida de que o filme foi censurado. As negativas da Ancine para o lançamento e, depois, o arquivamento dos nossos pedidos não têm explicação", diz Moura, em conversa por videoconferência.

"E isso veio numa época em que o Bolsonaro falava publicamente sobre filtragem na agência, que filmes como 'Bruna Surfistinha' eram inadmissíveis, que não ia dar dinheiro para financiar filmes LGBT."

Comemorações dos filhos do presidente nas redes sociais, logo após uma das negativas para a estreia, também sustentam a tese na qual Moura e outros integrantes da equipe de "Marighella" vêm insistindo nos últimos meses.

Essa censura, porém, é diferente daquela onipresente nos anos de ditadura, mostrada em diversas cenas do novo filme. Agora, a estratégia toma vias burocráticas, sufocando financeiramente, por exemplo, obras que dependem de editais públicos. "É triste, é só triste. Eu não tenho raiva, só tristeza", lamenta Moura.

"Marighella" acompanha os últimos anos do escritor e guerrilheiro comunista que dá nome à obra, quando ele fazia frente à ditadura militar. Procurado pelos agentes da repressão, ele manda o filho para Salvador, sua cidade natal, e continua a sua luta em São Paulo, ao lado de estudantes, operários, jornalistas, clérigos e toda sorte de gente que se opunha ao regime.

O músico e ator Seu Jorge foi o escolhido para encarnar o personagem-título na obra.

Continua nas págs. C4 e C5

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PERDAS E DANOS

O Tribunal de Justiça de São Paulo determinou que uma Santa Casa localizada na região de Araçatuba, no interior paulista, pague uma indenização de R$ 10 mil a uma mulher que foi acusada por uma médica de praticar autoaborto.

PRONTUÁRIO No ano de 2017, a mulher foi levada ao hospital após sentir dores e, já no local, entrou em trabalho de parto prematuro. Uma médica que assumiu seu atendimento acionou a Polícia Militar e declarou, em boletim de ocorrência, ter encontrado resquícios de medicamento abortivo na vagina da paciente.

AMEAÇA À Justiça, a paciente afirma que foi pressionada por policiais a confessar o uso de remédio abortivo. Ela chegou a ter sua prisão decretada pela prática de aborto, mas foi solta após pagar fiança.

LETRA Em sua decisão, a juíza Danielle Caldas Nery Soares cita o Código de Ética Médica e destaca que é vedado ao profissional da medicina conceder informações pessoais de pacientes que possam ocasionar investigação por suspeita de crime ou processo penal.

BOCA ABERTA "No caso dos autos, há prova inequívoca da comunicação da médica plantonista das informações pessoais da requerente à autoridade policial, uma vez que os próprios policiais militares que atenderam a ocorrência confirmaram essa comunicação em seus depoimentos em solo policial", afirma a magistrada. "A conduta dos representantes da Santa Casa, portanto, destoou do dever profissional destes, sendo, portanto, ilícita", segue.

DEFESA A decisão não analisou se houve prática de aborto ilegal ou não —processo para o qual a Defensoria de SP pede trancamento. O órgão afirma que as provas são ilegais, já que foram obtidas por meio de quebra de sigilo. O caso chegou a ser noticiado pela imprensa local, o que fez com que a mulher, seus filhos e seus pais fossem alvos de ameaças e tivessem que mudar de cidade.

DIREITA, VOLVER O deputado Marcelo Freixo (PSB-RJ) diz que "Marighella", longa de Wagner Moura sobre Carlos Marighella, líder comunista assassinado pela ditadura, dialoga com o momento atual do país. "O filme mostra o que é a extrema direita brasileira, essa que está aí com Bolsonaro ameaçando a democracia. Está tudo ali: a disputa de narrativas, o uso do medo como arma."

CARLOS E EU Freixo, que precisa andar escoltado por causa de ameaças de morte, conta ter ficado "muito mexido" com o filme. "Até comentei com o Wagner. Não há comparação, não vivemos na luta armada, mas vendo as ameaças que Marighella sofria, em como teve que abrir mão do tempo com a família, vi um pouco da minha vida ali."

CALENDÁRIO A Ancine (Agência Nacional do Cinema) convocou para quinta (4) a primeira reunião da Câmara Técnica de Produção, que debaterá as políticas de financiamento da produção audiovisual. Serão discutidos temas como o plano de ação do Fundo Setorial do Audiovisual.

MARIGHELLA NA TELA

Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

O diretor Wagner Moura e o ator e cantor Seu Jorge 1 na pré-estreia paulistana de "Marighella", na sexta (29). Os atores Adriana Esteves 2 e Bruno Gagliasso 3, do elenco do filme, participaram da exibição no Espaço Itaú Bourbon Pompeia. O ex-prefeito Fernando Haddad e sua esposa, a professora Ana Estela 4, e a secretária municipal de Cultura, Aline Torres 5, estavam na plateia de convidados

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

Cena do filme 'Verdes Anos', de Paulo Rocha Fotos Reprodução

Lima Duarte em cena de 'O Rio do Ouro', também dirigido por Rocha

Mostra de SP celebra Paulo Rocha, mestre do cinema português

Diretor que morreu há nove anos inaugurou a nova onda da produção do país europeu com 'Verdes Anos', de 1963

ANÁLISE

Inácio Araujo

O cineasta homenageado com uma retrospectiva neste ano não chega a ser uma dessas descobertas da Mostra de São Paulo que depois são vão fazer sucesso pelos festivais do mundo. Ao menos será improvável, já que Paulo Rocha morreu há nove anos, na cidade do Porto, onde nasceu em 1935.

Sua importância, no entanto, já está consolidada e data de 1963, quando seu "Verdes Anos" inaugurou o movimento que ficou conhecido como novo cinema português. E "Verdes Anos" é um achado.

Sua história gira em torno de Júlio, jovem sapateiro que chega a Lisboa, vindo da província, e seu encontro com Ilda, jovem e graciosa criada.

A sinopse não diz nada, a rigor, sobre o que o filme tem de encantador. Antes de chegar a ele convém esclarecer que esse filme nasce do intenso movimento cineclubístico existente em Portugal nos anos 1950, que levou Rocha a estudar na França e a fazer um filme leve, quase sempre suave, sobre o florescimento, evolução e morte de um amor.

O tom lembra muito a nouvelle vague. Embora se trate de mostrar a gente pobre, os amores, encontros, desilusões dão o tom. E as descobertas —Júlio descobre Lisboa com olhos frescos, e essa impressão Paulo Rocha consegue transmitir ao espectador com uma elegância que lembra, sem ser imitativo, os filmes da nova onda francesa.

Apenas o final melodramático destoa um pouco, mas se pode creditar sua fraqueza mais à censura salazarista do que propriamente ao filme.

Em 1966, o tom muda consideravelmente. "Mudar de Vida" parece receber a influência do cinema novo brasileiro. Aliás, traz o ator brasileiro Geraldo Del Rey como Adelino, que volta de Angola —engajado, é claro— para sua aldeia de pescadores. Ali reencontra Albertina, seu velho amor, que nesse intervalo casou com o irmão de Adelino.

Embora o tema do amor e as suas desventuras esteja presente, como em boa parte da obra do diretor português, é a vida dos pescadores da vila que dá o tom ao filme.

Bem mais tarde, em 1998, "O Rio do Ouro" retoma o tema dos amores, seus momentos felizes e outros tantos trágicos. Desta vez Rocha chama outro brasileiro, Lima Duarte, para contracenar com Isabel Ruth, que já foi chamada de atriz-fetiche de Rocha, em cujos filmes é presença constante desde "Os Verdes Anos".

Nos anos 1980, já com um novo Portugal, nada salazarista, instalado, Rocha se aproxima de uma nova geração e avança para o experimentalismo em filmes como "A Ilha de Moraes" e "A Ilha dos Amores", em que a poesia medieval lusitana e a teatralidade dão o tom. "Máscara de Aço contra Abismo Azul", de 1989, parece uma bem-sucedida experiência na mistura de cores, com a delicadeza dando o tom.

À primeira vista, a sutileza do toque, a maestria dos enquadramentos são os pontos decididamente fortes de um cineasta que, sem a grandeza de um Manoel de Oliveira ou de um João César Monteiro, é um valor seguro do cinema em língua portuguesa —além de um hábil driblador da limitação de recursos que se experimenta com frequência no cinema lusitano.

Retrospectiva Paulo Rocha
Programação e informações no site mostra.org

Contos de Grimm da Netflix causam ira nas redes sociais

SÃO PAULO A série animada "Um Conto Sombrio dos Grimm", da Netflix, tem sido alvo de críticas nesta semana por pais que a consideram imprópria para seus filhos. A produção faz releitura do clássico conto de fadas "João e Maria".

A apresentadora do programa "Hoje em Dia", Renata Alves, da Record, é uma das mães revoltadas com a animação. Ela publicou em seu Instagram um vídeo no qual fez o alerta sobre o conteúdo que ela considera chocante.

"Recebi vários depoimentos de mães dizendo que seus filhos estão com medo de ficar ao lado dos pais, se perguntando o que é tortura, o que é decapitar uma pessoa", escreveu. "Gente, isso é grave."

A referência à decapitação acontece no primeiro episódio —mas não é uma cena explícita. A proposta é justamente brincar com a noção de que contos de fadas são inocentes, trazendo uma versão que transporta algo da crueza presente nos contos originais para o universo infantil.

Nas redes sociais circula o vídeo de um recorte das cenas da obra, abaixo das palavras "Absurdo! Alerta aos pais!".

Procurada para se manifestar a respeito das reclamações dos pais contra a série, a Netflix não respondeu até o encerramento desta edição.

O MUNDO MUDA.

OS HOMENS MUDAM.

O PRECONCEITO TAMBÉM PRECISA MUDAR.

EXAME DE PRÓSTATA. DURA APENAS 7 SEGUNDOS E VALE POR UMA VIDA.

Alô, homens, este recado é para vocês. Deixar de cuidar da saúde por machismo ou preconceito é algo que já deveria ter ficado lá no passado.

A Oncoclínicas aproveita o Novembro Azul para lembrá-lo de fazer o seu exame de próstata. É simples, rápido e pode salvar a sua vida, pois o diagnóstico precoce aumenta em 90% as chances de cura. E como você é um cara moderno e informado, em sintonia com o seu tempo, já sabe também que atividade física regular, alimentação saudável e consultas médicas em dia são excelentes aliados para uma vida melhor, mais longa e mais feliz, não é mesmo?

SE VOCÊ TEM MAIS DE 45 ANOS, PROCURE UM ESPECIALISTA.

ACESSE O SITE E ASSISTA AO VÍDEO DA NOSSA CAMPANHA.

Responsável técnico: Dr. Bruno Lemos Ferrari | CRM-MG 26609

Wagner Moura, ator que estreia na direção com o filme 'Marighella', em retrato feito pelo fotógrafo Bob Wolfenson

O caminho das pedras

Continuação da pág. C1

A ele se juntam, no elenco Bruno Gagliasso, como um delegado desprezível inspirado em Sérgio Fleury, Adriana Esteves, como a companheira de vida e de luta de Marighella, e Humberto Carrão, um guerrilheiro disposto a levar a revolução aos extremos.

"Marighella" foi aplaudido no Festival de Berlim de 2019, mas nem assim ganhou força para chegar logo às salas brasileiras. Além do enrosco com a Ancine e das críticas de figuras ligadas ao governo, o filme também encontrou resistência em parte do público. Houve até campanha de boicote à sua nota no site IMDb, que compila informações e avaliações de obras audiovisuais.

Isso tudo, acredita Moura, é sintomático dos tempos atuais, de ânimos políticos exaltados e um governo que ataca a cultura com frequência.

"Qualquer obra é a conjunção do que um realizador pensa e projeta com o tempo em que aquela obra é vista. Se o filme tivesse estreado no governo Fernando Henrique Cardoso, a recepção seria uma. No governo Lula, outra. Isso é bonito, inclusive, porque é um mesmo filme, mas que depende do momento em que ele é apreciado", diz Moura.

"A polêmica de 'Marighella' é muito menos sobre o Carlos Marighella e a luta armada do que sobre o governo Bolsonaro. É um filme sobre um personagem histórico, de seu tempo; Bolsonaro é que é um personagem anacrônico."

A solução para o que ele vê como uma tragédia não só na cultura, mas em várias outras áreas, seria uma união, nas próximas eleições, para preservar a democracia, independetemente de candidato.

Se os votos fossem registrados hoje, Moura apertaria o número de Lula na urna. Mas ele pondera que a escolha se deve à urgência de tirar Bolsonaro do poder, já que "do PT, a gente tem que buscar outra coisa, uma ideia de país que foi esboçada por esses governos, mas não suficientemente". Marina Silva já ocupou esse lugar, mas o ator-diretor diz hoje que é preciso investir em lideranças mais jovens.

Por mais trágica que tenha sido, no entanto, a eleição de Bolsonaro teria sido "pedagógica". "O favor que o Bolsonaro nos fez foi revelar esse outro Brasil, que estava camuflado; foi nos mostrar que nós também somos um país autoritário, violento, racista, de uma elite escrota. Foi um encontro com as nossas raízes mais profundas", avalia ele.

"Esse cortejo de mediocridade que vem atrás dele mostra que o Bolsonaro não é um 'alien', não veio de Marte. Ele é um personagem profundamente conectado ao esgoto da história brasileira, que nos mostra que o Brasil não é só um país de originalidade, de beleza, de potência, de diversidade, de biodiversidade."

Todo esse contexto conservador que foi de encontro ao lançamento de "Marighella" pode até ter dificultado a produção —foram várias as ameaças feitas à equipe no set—, mas isso não abalou Moura. Hoje, porém, ele reconhece que fez uma escolha ousada para uma estreia direcional.

Por se considerar um artista popular, achou, lá atrás, que seu nome traria interesse e investimento para o filme, mas a relação entre um ator ligado à esquerda e a biografia de um comunista aumentou a rejeição ao projeto.

E isso, de acordo com ele, diz mais sobre a época de hoje do que sobre o próprio Marighella, uma "figura maldita".

Moura não tem outros trabalhos na direção para o futuro breve. Ele deve se dedicar, nos próximos meses, a lançamentos e gravações no Brasil —como uma série sobre Maria Bonita que ele produz para a Disney e novos filmes de Kleber Mendonça Filho e Karim Aïnouz, nos quais atua— e nos Estados Unidos.

Entre os trabalhos internacionais, estão "The Gray Man", de Anthony Russo e Joe Russo, irmãos por trás de "Vingadores: Ultimato", e "Shining Girls", série do Apple TV+ em que atua com Elisabeth Moss.

Seu Jorge acredita que filme sofreu ataques causados por racismo

SÃO PAULO Quando foi convidado para viver Carlos Marighella na biografia que chega agora aos cinemas, Seu Jorge não hesitou. Ele não era um expert na trajetória do baiano, mas foi conquistado, de cara, pelo nome que comandaria o projeto, Wagner Moura.

Continua na pág. C5

No alto, Seu Jorge como Carlos Marighella em cena do filme; acima, Bruno Glagliasso na pele de um delegado que persegue o guerrilheiro Fotos Divulgação

Continuação da pág. C4

Ele tinha visto o ator em 2000, na peça "A Máquina", e o admirava desde então. Saber que ele se aventuraria na direção bastou para dizer "sim".

"Esse é um personagem irresistível. Protagonizar um homem desse era um desafio do qual não tinha como correr", diz Seu Jorge. "Eu nasci meses após a morte do Marighella, e depois disso a história dele foi apagada. Então eu não tinha nenhuma intimidade com ela —mas fico muito orgulhoso de poder, por meio da arte, contribuir para tirar esse homem do esquecimento."

Em 1969, exatamente no dia 4 de novembro, mesma data em que o filme estreia no circuito, Carlos Marighella foi assassinado a tiros por agentes do Dops, o Departamento de Ordem Política e Social, órgão de repressão responsável por prender, torturar e matar nas ditaduras varguista e militar.

Hoje, pouco se fala do guerrilheiro e escritor. A vontade de resgatar sua história foi o que motivou também Wagner Moura a gravar o longa.

Não sem se envolver numa série de debates e polêmicas causados em grande parte pelo apelo político do personagem, mas não só. Uma delas, por exemplo, diz respeito ao tom de pele de Seu Jorge, que foi atacado por supostamente ser negro demais para o papel. As críticas pegaram o ator de surpresa, e ele vê racismo na controvérsia.

"Eu convivo com isso desde criança, nunca foi diferente. O que hoje é diferente é a possibilidade de representatividade. Um dos acertos desse filme é justamente devolver a origem de Carlos Marighella, um personagem que sofreu não só um apagamento, mas também um embranquecimento, como muitos outros."

"É um processo de eugenização dizer que ele não era preto. Os avós dele foram escravos, sabe, a questão é que ele nunca esteve nessa condição de homem negro que se cala."

A situação é consequência de um país que ainda hoje não sabe ao certo como lidar com seu histórico racista, acredita. Não ajuda também o fato de Sérgio Camargo ocupar a presidência da Fundação Cultural Palmares, numa gestão que Seu Jorge julga ser "contraproducente, um desserviço". "É lamentável a postura desse senhor, que eu não conheço e também não reconheço como um líder com capacidade de nos orientar para o progresso."

Nas últimas semanas, Camargo vem usando as redes sociais para atacar não só a figura de Marighella, mas também sua cinebiografia —que ele julga ser racista por "chamar cada homem preto honrado do Brasil de marginal ao escalar um ator preto no papel do psicopata comunista".

Os ataques são só uma fração daqueles disparados contra "Marighella", que entrou na mira da direita com uma intensidade incomum para outras obras desse porte.

Seu Jorge faz coro aos colegas Wagner Moura e Bruno Gagliasso e diz que "Marighella" foi censurado pela Ancine. "É claro que houve censura, uma tentativa de retardar e impedir que ele chegasse ao conhecimento do povo", diz.

"Não tem o menor sentido censurar uma produção cultural, e isso não aconteceu só com 'Marighella'. Olha o que está acontecendo com o cinema nos últimos dois anos —a Ancine está desmontada, a Cinemateca pegou fogo, tudo devido a políticas de apagamento da nossa história."

Além de "Marighella", Seu Jorge também poderá ser visto, em breve, nos longas "Pixinguinha - Um Homem Carinhoso", que estreia no dia 11 de novembro, e "Medida Provisória", de Lázaro Ramos, no dia 25 do mesmo mês. Mais para frente, de volta aos Estados Unidos, onde mora há anos, lançará "Asteroid City", nova parceria com Wes Anderson.

De lá, deve observar as movimentações que vão culminar nas eleições presidenciais. Seu Jorge não é muito direto quando questionado sobre o que espera do pleito, mas diz que, hoje, o Brasil é um país desfigurado, que "perdeu muito espaço no canto da admiração enquanto país e povo, o que tem influência da pandemia e da gestão vigente".

"Com essa doença, eu esperaria que o Brasil se alinhasse com os países desenvolvidos, mas, de repente, estamos negando vacina. Não existe empatia nesse governo, que chama o país inteiro de maricas."

Marighella
Brasil, 2019. Dir.: Wagner Moura. Com: Seu Jorge, Humberto Carrão e Adriana Esteves. 16 anos. Estreia nesta quinta (4), nos cinemas

Leia mais nas págs. C6 e C7

ilustrada

O barbeiro e a estrela

O tempo passa, cabelo cresce —mas como dar aquela notícia a uma criança?

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Havia duas coisas que Odemar não aceitava: pagamento em cartão e cliente que saísse sem pegar uma balinha. Há mais de 30 anos tosando marmanjos do bairro, ele não oferecia cerveja ou pomada modeladora. A cortesia ali era à moda antiga, baseada no preço módico, no sorriso e na espanada caprichada de pescoço.

Das primeiras vezes que levei meu filho, ele mal alcançava a cadeira. Odemar construía uma torre de almofadas e o colocava no topo, feito um rei.

Ser mãe de menino me fez atentar para essa relação de afeto que os homens criam com seus barbeiros, por força do hábito e da confiança. Afinal, trata-se de entregar sua cabeça a alguém que conhecerá as suas falhas, bem como as entradas que vão aumentar.

Cada cliente tem suas especificações. Mais curto. Mais comprido. Pro lado. No meio. Igual ao Justin Bieber. Igual ao Neymar. "O tempo passa, cabelo cresce", Odemar repetia, encorajando. "Vambora."

Eu levava referências, mas só para constar. Odemar cortava como lhe desse na telha e não sabia reproduzir depois. Talvez por confundir as crianças. Ou, como prefiro acreditar, pela alma inquieta de artista.

Um dia, já indo embora, perguntamos se ele fazia desenhos à navalha. O objetivo era copiar o look de um youtuber. "Hmmm, taí. Na próxima vou tentar." Senti sinceridade, porém não pude comprová-la. A pandemia estourou e quem tesourou a juba do guri fui eu.

Minhas metas: manter o corte do Odemar e não arrancar nenhuma orelha. Desenhei uma estrela. Por sorte, meu filho é gente boa. "Ficou ruim não, mamãe. Mas depois do coronavírus me leva de volta?"

Quando o comércio reabriu, correu a notícia de que Odemar havia se aposentado. O moleque aceitou outro cabeleireiro, mas suei na argumentação. "A estrela dele não sai torta."

Só sei que o novo visual causou. E, na porta da escola, passei esse novo contato aos pais, ainda lastimando a aposentadoria do ídolo. "Peraí, isso é o que a gente tá contando às crianças. Você não soube?" Odemar não tinha parado de trabalhar. Ele havia sido morto numa tentativa de assalto.

No caminho para casa, meu filho foi contando do seu dia. Eu só balançava a cabeça, tentando não chorar. Lembro-me de acariciar sua nuca. Logo, logo até aquela estrela ia desaparecer. Como acontece com as lembranças dos pequenos. "O tempo passa, cabelo cresce", Odemar diria. Vambora.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Wagner Moura fala da luta para fazer 'Marighella' no Roda Viva

Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Rodado em 2017 e exibido no Festival de Berlim de 2019, "Marighella" teve sua estreia nos cinemas brasileiros adiada sucessivas vezes. O filme finalmente estreia nesta quinta. Seu diretor, o também ator Wagner Moura, fala da luta que travou contra a burocracia a uma bancada que inclui Marcos Augusto Gonçalves, editor da Ilustríssima e editorialista da Folha.

6ª Mostra de Cinema Chinês de São Paulo
Plataforma #CulturaEmCasa, 19h, 16 anos, grátis
Promovido pelo Instituto Confúcio Unesp, o festival está de volta depois de quase dois anos. O filme de abertura é o documentário "Tudo ou Nada" de Zhou Hao, sobre duas pessoas que sofrem de estresse pós-traumático. Outros nove títulos estão programados, até 20 de novembro.

Meu Ano em Nova York
Netflix, 16 anos
Margaret Qualley, a estrela da série "Maid", faz a assistente de uma poderosa agente literária, vivida por Sigourney Weaver. Esta variante de "O Diabo Veste Prada" ambientada no mundo da literatura também está disponível para aluguel em diversas plataformas.

Almodóvar
Vivo Play
A plataforma disponibiliza para aluguel uma seleção de filmes dirigidos pelo espanhol Pedro Almodóvar, a partir de R$ 6,90, até 10 de novembro. Entre os títulos oferecidos está o curta "A Voz Humana", estrelado por Tilda Swinton.

Balanço Black
Curta!, 20h, livre
A história da soul music brasileira é contada nesta série dirigida por Flavio Frederico e apresentada por BID.

Pequenas Grandes Mulheres: Atlanta
Lifetime, 22h40, 10 anos
Estreia da sexta temporada do reality que acompanha cinco mulheres com nanismo na cidade americana de Altanta.

Rainhas do Crime
Globo, 23h, 16 anos
Elisabeth Moss, Melissa McCarthy e Tiffany Haddish fazem as mulheres de três mafiosos que assumem os "negócios" dos maridos quando eles vão para a cadeia.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU
texto.art.br/fsp

FÁCIL

				6			8	
5				8		7	3	
3			5		7		1	
					4	8	2	
		4				9		
	1	2	6					
	2		3		1			8
	5	9		4				3
	6			5				

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	7	1	4	6	3	5	8	9
5	4	6	1	8	9	7	3	2
3	9	8	5	2	7	4	1	6
6	3	5	9	1	4	8	2	7
7	8	4	2	3	5	9	6	1
9	1	2	6	7	8	3	4	5
4	2	7	3	9	1	6	5	8
1	5	9	8	4	6	2	7	3
8	6	3	7	5	2	1	9	4

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Hábito nocivo / (Abrev.) Síndrome que atinge as mulheres durante alguns dias do mês **2.** Aquela que toma apontamentos **3.** Terra molhada e pastosa / A mesma coisa de antes **4.** Abreviatura de extraterrestre / Ato de sugar o leite materno **5.** (Fig.) Coisa sem valor, insignificância / Ivete Sangalo, cantora e apresentadora de TV **6.** (Pop.) Unha-de-fome **7.** Que tem forma elíptica **8.** Replicar **9.** Provir / Um sistema operacional em informática, atualmente pouco usado **10.** Colocar, pendurar ou fixar algo / Ação de auxiliar, de socorrer **11.** O número que antecede o dois / Receber alguém como filho **12.** Aquele que trabalha nas salinas **13.** A média computada pelos cronometristas.

VERTICAIS
1. Escavação para o escoamento de águas / Felídeo carnívoro, marrom claro **2.** Inerte / Certa quantidade de dinheiro **3.** O contrário de sem / Uma iguaria de ovas / Recursos Humanos **4.** Cidade amazonense da região de Juruá / Período de tempo entre 1º de janeiro e 31 de dezembro **5.** Osvaldo Aranha, político gaúcho / Um dos pedais do motorista **6.** Fluir, correr serenamente / (Quest) Famoso grupo mineiro de pop rock **7.** Completa / Aquele que translada de uma língua para outra **8.** Edifício / Uma brincadeira infantil com canto e dança **9.** Órgãos glandulares característicos dos mamíferos e que, na fêmea, segregam leite, sendo normalmente atrofiados no macho / Mancha amarelo-escura na pele.

HORIZONTAIS: 1. Vício, TPM, **2.** Anotadora, **3.** Lama, Idem, **4.** ET, Mamada, **5.** Ticaca, IS, **6.** Avarento, **7.** Ovalar, **8.** Iterar, **9.** Sair, DOS, **10.** Por, Ajuda, **11.** Um, Adotar, **12.** Marnoto, **13.** Horária.
VERTICAIS: 1. Valeta, Puma, **2.** Inativo, Soma, **3.** Com, Caviar, RH, **4.** Itamarati, Ano, **5.** OA, Acelerador, **6.** Dimanar, Jota, **7.** Toda, Tradutor, **8.** Prédio, Roda, **9.** Mamas, Sarda.

‘Marighella’ sofre com sua ambição maniqueísta que quer canonizar personagem

CINEMA
Marighella
★★★☆☆

João Pereira Coutinho

Quando estreou “Marighella” no exterior, alguns críticos fizeram comparações entre o filme e outras obras que tomavam terroristas como objeto de análise. Entre elas, está “Carlos”, de Olivier Assayas, moralmente problemático mas artisticamente notável.

É uma comparação errada, politicamente falando. A ação de Carlos, o “Chacal”, se fazia contra as democracias liberais. Carlos Marighella, e em particular a sua Ação Libertadora Nacional, se fez no contexto da ditadura, o que altera a legitimidade da causa.

É possível discutir se os métodos e os fins de Marighella são louváveis ou tenebrosos (pessoalmente, a leitura do seu “Minimanual do Guerrilheiro Urbano” é uma experiência assaz sinistra). O que não é possível é ignorar a natureza do regime que combatia.

E, sobre essa natureza, Wagner Moura nos convida para uma viagem inesquecível e infernal. Quando um guerrilheiro, depois de torturado, ainda grita “vocês estão matando um brasileiro”, percebemos melhor como as ditaduras são esse estado de guerra civil permanente em que os nossos compatriotas são vistos como sub-gente a eliminar.

O primeiro mérito político de “Marighella” está em nos lembrar essa verdade, sobretudo no contexto em que o Brasil vive, com um presidente que não hesita em desconsiderar a brutalidade do regime.

Infelizmente, a clareza de Wagner Moura sobre a ditadura não é extensível à ambiguidade moral em que viviam os seus resistentes. Para começar, o filme nada nos diz sobre os objetivos de Marighella, para além do derrube dos militares. É pouco, sobretudo quando essa revolução procurava instaurar um regime comunista que era também inimigo das liberdades.

Se Marighella não combateu contra uma democracia pluralista, convém lembrar que também não combateu por ela —uma evidência que é ofuscada pelo tom de “paz e amor”. Aliás, esse tom é tão delicodoce que até nos esquecemos que a violência não se fazia apenas contra os carrascos do regime, mas também contra os traidores da causa, na boa tradição de Guevara.

O filme de Wagner Moura é um retrato importante e impiedoso sobre a ditadura militar. Só por isso já merece ser visto.

Mas a ambição maniqueísta em canonizar Marighella não apenas é um desserviço ao próprio, como ilude uma questão essencial —por que a população não aderiu ao movimento revolucionário?

A questão é apresentada, mas nunca respondida. Não foram as armas que derrubaram o regime. Foi, como deve ser, a vontade soberana de um povo que, entre a Cuba de Fidel ou o Chile de Pinochet, reclamou por uma democracia livre, pluralista e ocidental.

Cena do filme ‘Marighella’, de Wagner Moura Divulgação

Ao dar peso à negritude do guerrilheiro, filme assume vocação de tratar o presente

CINEMA
Marighella
★★★☆☆

Lúcia Monteiro

Depois de dois anos de impedimentos, quer dizer, censura, a estreia de “Marighella” é um acontecimento histórico e político. O tão aguardado encontro do filme com o público, nas salas de cinema, precisa evidentemente ser festejado. E não só por jogar luz sobre Carlos Marighella, personagem da maior envergadura.

Digna de celebração é também a escolha de Seu Jorge para o papel do guerrilheiro e escritor. Ele imprime carisma, humor, inteligência e força ao personagem na tela.

O principal feito do filme é provavelmente o de pôr em primeiro plano a negritude do político, num gesto explícito de propor um retrato não hegemônico da militância contra a ditadura. Diferentemente de outras narrativas que recriam o período, “Marighella” traz à tona a diversidade dos militantes da Ação Libertadora Nacional, movimento integrado por mulheres e homens, jovens e não tão jovens, estudantes e operários, brancos e pretos, sudestinos e nordestinos, solteiros e pais de família.

O longa é fruto de decisões tomadas durante a realização, quase meio século após a morte do personagem real, e se assume como obra no presente.

Vale observar decisões de mise-en-scène tomadas no presente. “Marighella” escolhe o registro do filme de ação, numa filiação explícita a “Tropa de Elite”, grande sucesso protagonizado por Moura.

Numerosas, explícitas e relativamente longas, tanto as cenas de tortura e execução quanto as ações dos militantes são problemáticas. Cabe questionar a espetacularização da violência e seu uso como arma para seduzir plateias. Mas o debate é maior.

As sequências dedicadas às sessões de tortura parecem domesticar o inimaginável, quase como se reiterassem a lógica de Estado que presidia as ações dos carrascos, determinando também o papel das vítimas. A frontalidade da morte beira o pornográfico.

Felizmente, a presença de Seu Jorge escapa do jogo violento. O filme faz de Marighella um herói humano, ousado e divertido. As cenas com o filho na praia comovem pela beleza não sincrônica entre imagem e som, e é difícil conter o riso quando o guerrilheiro surge de peruca, disfarce que Marighella de fato usava.

Melhor ainda seria se o filme tivesse conseguido trazer mais de seu pensamento e seu talento como poeta. Faltou também um retrato menos apressado da participação dos frades dominicanos. Tais ressalvas não reduzem “Marighella”, filme necessário.

Sua estreia, no mês da Consciência Negra (precisamente em 4 de novembro, mesmo dia em que Marighella morreu numa emboscada em 1969), contribui para preencher lacunas de uma história com enormes repercussões no presente.

Ricardo Cammarota

O vício da profundidade

A coragem do intelecto é ser contra tudo pelo qual sua época é apaixonada

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Sim, o otimismo é a virtude cívica máxima de nossa época. Todos amam a todos e todos desejam um mundo melhor.

Uma nova forma de náusea, que não a do Sartre (1905-1980), acomete a consciência, aquela náusea mesma que para as almas superficiais se confunde com o pessimismo ou quaisquer outros sentimentos não "progressistas". Para mim, a definição máxima de "progressista" hoje é a função corporativa conhecida como "CHO", chief happiness officer —"chefe do departamento de felicidade"— da empresa.

Existem alguns pecados no otimismo. Um primeiro deles é sua irresistível vocação à superficialidade no trato com a realidade, com a decorrente tendência à mentira como método e ao engodo como manifesto "disruptivo".

Outro pecado do otimismo é ter sido abraçado pelos movimentos sociais dos séculos 19 e 20. Como dizia Tocqueville (1805-1859) no seu "Souvenirs" (ed. Gallimard, 1999), escrito ao longo dos dias da Revolução de 1848 em Paris, o mal do século 19 era a inquietação dos espíritos e a crença de que revoluções sociais fariam do mundo o que esses espíritos desejavam. As revoluções se foram, mas o marketing capturou tanto a inquietação dos espíritos quanto as suas expectativas e fez delas uma indústria dos espíritos inquietos em aceleração infinita.

Para o mercado, a censura à liberdade de expressão não é definida como proibição da emissão de conteúdos, mas sim como a obrigação de que os conteúdos remem a favor da maré do otimismo que faz de todos uns idiotas sorridentes.

Portanto, uma nova forma de liberdade de expressão surge, aquela que prima por não negociar com ninguém, com causa nenhuma, com patrocinador nenhum, com engajamento nenhum, com projeto social nenhum, e, principalmente, não negociar com o marketing existencial, este vendedor de bens imateriais de significado.

Entretanto, se engana quem supõe que o oposto dessa virtude cívica estúpida, conhecida como otimismo, seja o pessimismo. Claro que não compactuar com o pacto cívico ao redor do otimismo implica uma certa dose do espírito de Schopenhauer (1788-1860), o que leva muitos a se equivocarem quando encontram um "espírito livre", como dizia Nietzsche (1844-1900).

Proponho, como virtude oposta à virtude cívica contemporânea do otimismo, o vício da profundidade, não o gozo da desgraça, como pensam os incautos do intelecto.

E chamo atenção para a palavra vício neste contexto. Tomo emprestado aqui o brilhante ensaio de Elias Canetti (1905-1994) "Hermann Broch, Discurso pela Passagem do seu Quinquagésimo Aniversário, Viena 1936", que abre a coletânea "A Consciência das Palavras", publicada no Brasil pela Companhia das Letras, em 2011.

Nesse ensaio, poético como tudo que escreveu Canetti, o autor propõe três grandes traços de comportamento que devem compor a personalidade e a obra de um poeta. "Poeta", no ensaio, é uma profissão que se caracteriza por um conjunto de elementos comuns à função do escritor e do pensador público. A consciência das palavras passa por esses três grandes traços de comportamento.

O primeiro é a ideia de que a virtude máxima de um intelectual é o vício de olhar tudo a sua volta com a obsessão de vasculhar o mundo e suas sombras, para além do que ele gostaria de revelar — assim como um cão que é escravo do vício de seu focinho a farejar tudo o tempo todo, analogia do próprio Canetti.

Ao contrário do que os superficiais pensam, o que lhes falta não é uma virtude específica, mas um vício, aquele que impede os que o têm de não investigar o que pode aprofundar seus olhares sobre o mundo para além do bom comportamento. O contrário da virtude cívica do otimismo não é o pessimismo, mas o vício da profundidade. O conhecimento é uma forma de escravidão do intelecto a este vício.

O segundo traço é o fato de o intelectual ser uma presa do seu tempo. A tentativa de não o ser o torna cego e surdo. A terceira é a coragem de ser contra tudo pelo qual sua época é apaixonada. Os dois parecem em contradição, mas o que importa é essa mesma contradição: a harmonia não é a casa do pensamento.

|SEG. Luiz Felipe Pondé |**TER. João Pereira Coutinho** |QUA. Marcelo Coelho |QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres |SEX. Djamila Ribeiro |SÁB. Mario Sergio Conti